REVISTA DA SEMANA

Nº 49 ★ 3-12-49

Cr$ 3,00 em todo o Brasil





NO TEXTO:

OS CADETES DA AERONÁUTICA

OS HÁBITOS ADQUIRIDOS NA INFÂNCIA...





Joaquim Mendes

PERDURAM POR TÔDA A VIDA

CONTA POPULAR

Depósito inicial 50,00
Limite 100.000,00
Juros .... 6% ao ano

BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A.

CAPITAL CR$ 60.000.000,00

FILIAL: AV. PRESIDENTE VARGAS, 509

Agências no Rio: Bandeira, Catete, Castelo, Madureira e Ramos

ACERTE SEU RELOGIO!

O dia ficou mais curto; mas em compensação as noites estão mais longas. Quem estava habituado a levantar-se às oito horas da manhã, passou a pular da cama às sete.

Por sua vez, quem apreciava o recolher-se à cama às onze, ou 23 horas, se quiser manter o hábito, prolongará o costume para as 24. Porque, se até o dia 30 de novembro tudo estava legal pelo meridiano de Greenwich, precisamente à meia noite de 1.º de dezembro todos os relógios ficaram tapeando a gente. Quando os ponteiros chegaram à 1 hora da madrugada, não o fizeram mecanicamente, e sim forçados por um decreto, pois ficou sendo justamente meia noite... E todos deixamos de viver uma hora na vida, o que não deixou de ser original.

Para que isso tudo? Quem já era dotado de consciência ao tempo em que o sr. José Américo desempenhou o alto cargo de ministro da Viação dêste belo país, está lembrado de caso idêntico — instituiu-se no Brasil a hora de verão.

Hora de verão é uma coisa que mexe com os relógios públicos e particulares, adiantando ponteiros em sessenta minutos, para economizar energia, luz e gás; mas, no fim, um avanço destrói o outro, pois, se vamos dormir com uma hora a menos, acordamos com uma a mais. Isso para os que dormem. E para os que não dormem nunca, como os vigias, os guardas-noturnos, os que têm letras vencidas e sem jeito de pagar?

Se o sol fôsse mais camarada e deixasse de teimar em seguir certas estradas celestes, ou se a Terra largasse de dançar rumba pelo espaço e se mantivesse na linha, desprezando essas coisas de eclíptica, caindo mais para um lado do que para outro nas estações zodiacais, não haveria necessidade nenhuma de estabelecer-se uma hora de verão com tanta chuva...

Mas o mundo é assim mesmo. Quem mora, como nós, entre os trópicos, salvando-se apenas uma nesguinha de terra ao sul, que fica mais para o círculo polar antártico, — a hora de verão serve apenas para a gente se achar mais parecido com os europeus ou os americanos do norte. E isso nos dá uma espécie de vaidade, mesmo que seja por uns cinco meses.

Conhecemos um cidadão que, ao tempo da hora de José Américo, não se sujeitou ao decreto, embirrou e se manteve firme com a sua hora "verdadeira". Quando lhe perguntavam pelas horas, êle puxava o "Patek" e dizia bem alto: "— Legalmente são duas horas, mas verdadeiramente uma hora da tarde".

E, passado o veraneio "oracular", êle se gabava de ter vencido a partida. O govêrno ordenara, enfim, acertar todos os relógios pelo seu...

Parecia aquêle outro que, no alto sertão do Ceará, não se tendo conformado com a nova moeda cruzeiro, continuava a dizer "mil réis". Certa vez, ao fazer a barba numa barbearia de Fortaleza, perguntou ao fígaro:

— Quanto é?

— Dois cruzeiros.

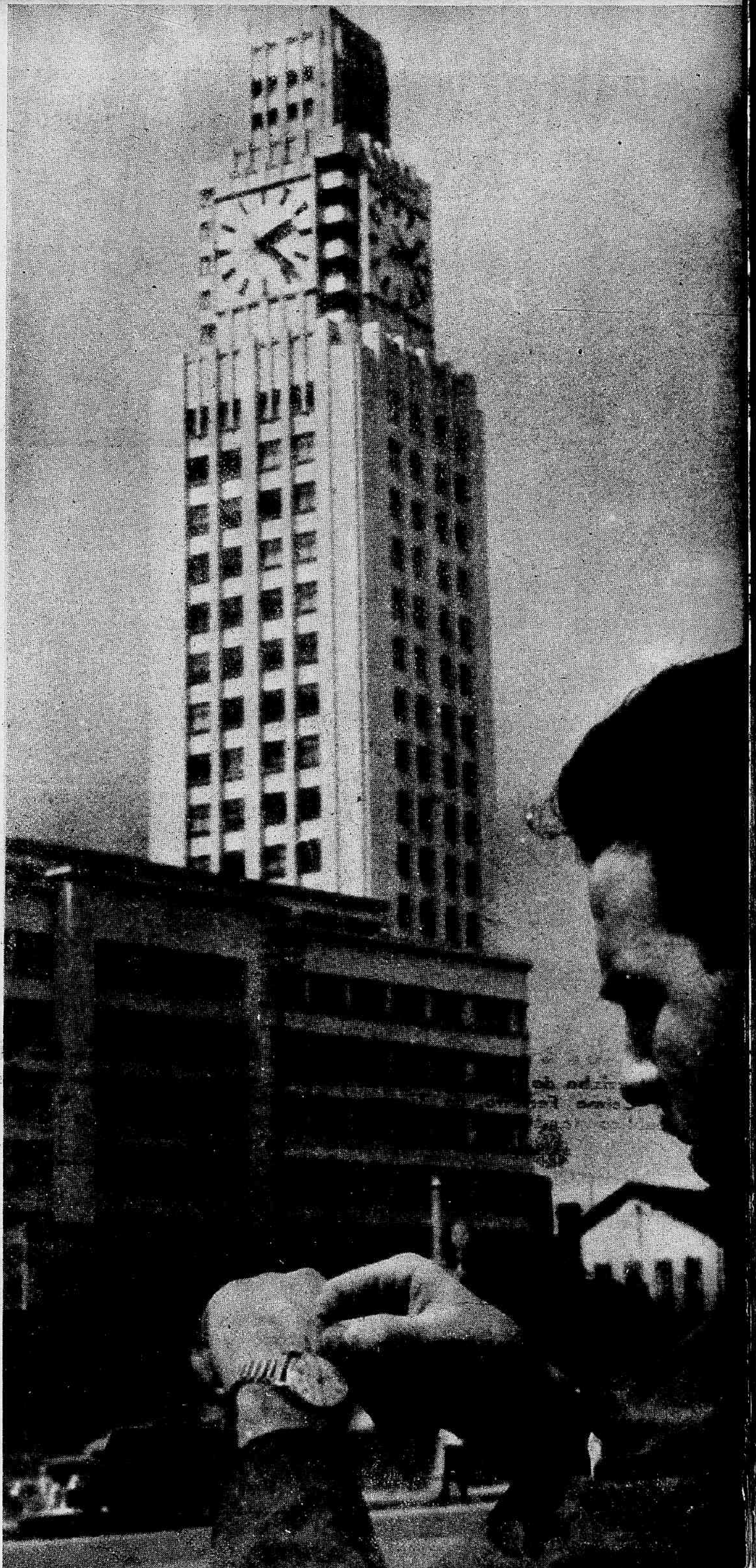
O nosso amigo pôs o chapéu na cabeça, ajeitou o laço da gravata e respondeu:

— Então espere que surjam êstes tais de cruzeiros, pois só disponho de mil réis!

E se foi.

Mas os relógios vão vingar-se com essa história de adiantamento de uma hora. E' que quando passar a hora de verão todos os ponteiros vão recuar uma hora, registrando-se essa singularidade: duas meias-noites num só dia...

RENATO DE ALENCAR





OITO BELDADES em busca de um título: da esquerda para a direita, Neli Braz Braga, da Escola Nacional de Educação Física; Sílvia Ferreira, do Instituto de Educação; Dayse B Lucas, do Caiçaras; Ivone Santos, do Botafogo; Edna Flaeschmen, do Vasco da Gama; Helga Ackerman, de Friburgo; Celma Ferreira, do Tijuca Tenis Clube, e Margaret Schmidt, do Icaraí Praia Clube. As duas últimas, Margaret e Celma que nesta gravura se acham em primeiro plano, foram as primeiras colocadas no certame

UMA RAINHA DIFERENTE

A lourinha do Icaraí, Margaret Schmidt, ganhou em beleza fisionômica e em plástica ★ Celma Ferreira, do Tijuca, uma adversária de valor ★ Um juri rigoroso ★ Um público também diferente ★ A moral esportiva fêz variar os trajes do desfile

Reportagem de LEVY KLEIMAN ★ Fotos de ARNALDO VIEIRA

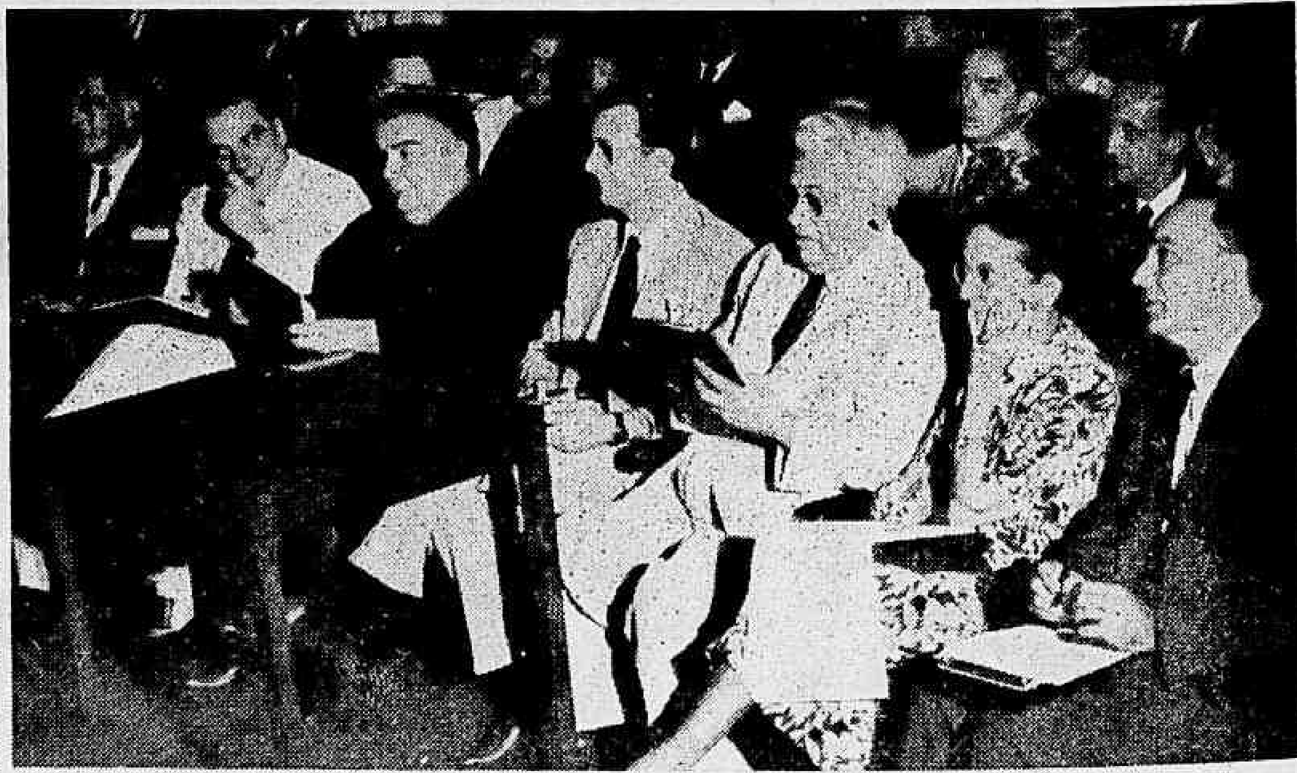


ESTA reportagem até parece novela de rádio, porque é o segundo capítulo de outra que a *REVISTA DA SEMANA* estampou na sua edição de 15 de outubro p. p., sob o título "Ao Rufar dos Tambores", no tópico e sub-título "Uma rainha diferente". Escrevíamos então sôbre a olimpíada feminina: "Como já se esperava, os "Jogos da Primavera" também terão a sua rainha".

— Mas, será uma rainha diferente — de-



A ASSISTÊNCIA foi de fato extraordinária. Aplaudiu entusiástica e esportivamente, uma a uma, tôdas as candidatas, e depois "torceu" a valer no duelo final entre as representantes do Tijuca e do Icaraí



UM JURI de artistas composto pelos pintores Quirino Campofiorito, Georgina de Albuquerque, Chambelland, o escultor Humberto Cozzo, o cinegrafista Milton Rodrigues e o jornalista Mário Filho



SUA MAJESTADE A
RAINHA DOS ESPORTES





MARGARET SCHMIDT, do Icaraí, e CELMA FERREIRA, do Tijuca, respectivamente primeira e segunda colocadas

clarou-nos Melo Júnior, o veterano cronista de basquetebol, organizador dos "Jogos da Primavera". — Por quê? Fácil — respondeu-nos Melo Júnior. — Porque será um concurso sem votos, sem escândalos e sem desfile de concorrentes seminuas. Até o julgamento das candidatas, uma de cada equipe, e portanto, atleta participante dos "Jogos da Primavera", terá um caráter diverso de tantos concursos de rainhas que temos visto por aí.

Preliminarmente, foi confecionado um regulamento especial para a escolha da rainha da olimpíada feminina, com 12 artigos e 10 parágrafos, a fim de que não houvesse dúvida alguma na eleição através das notas dos membros do juri. Interessante será destacar alguns dêsses artigos, por exemplo, o número 1 que diz textualmente: "Objetivando homenagear a mulher praticante do desporto, exaltando-lhe os predicados físicos e morais, será realizado, paralelamente aos "Jogos" o certame destinado a proclamar a "Rainha dos Jogos da Primavera". O critério de seleção foi estampado nos seguintes artigos: Nº 5 — O julgamento para a escolha da Rainha processar-se-á em duas partes: a) Por uma comissão constituída por pessoas de reconhecida idoneidade artística, que atribuirá a tôdas as candidatas pontos, de acôrdo com o determinado no artigo 6º; b) Pelo setor social, ouvidos os setores desportivos, tendo em vista os resultados técnicos e disciplinares obtidos pelas candidatas durante os jogos na forma do artigo 7º. Artigo 6º — A Comissão Artística observará o seguinte critério na atribuição de pontos às candidatas: a) De 1 a 40 — Harmonia de traços fisionômicos; b) De 1 a 30 — Plástica. Artigo 7º — O setor social observará o seguinte critério de pontos: a) De 1 a 20 — Número de competições em que a candidata tomou parte e a eficiência técnica de cada uma; b) De 1 a 10, disciplina.

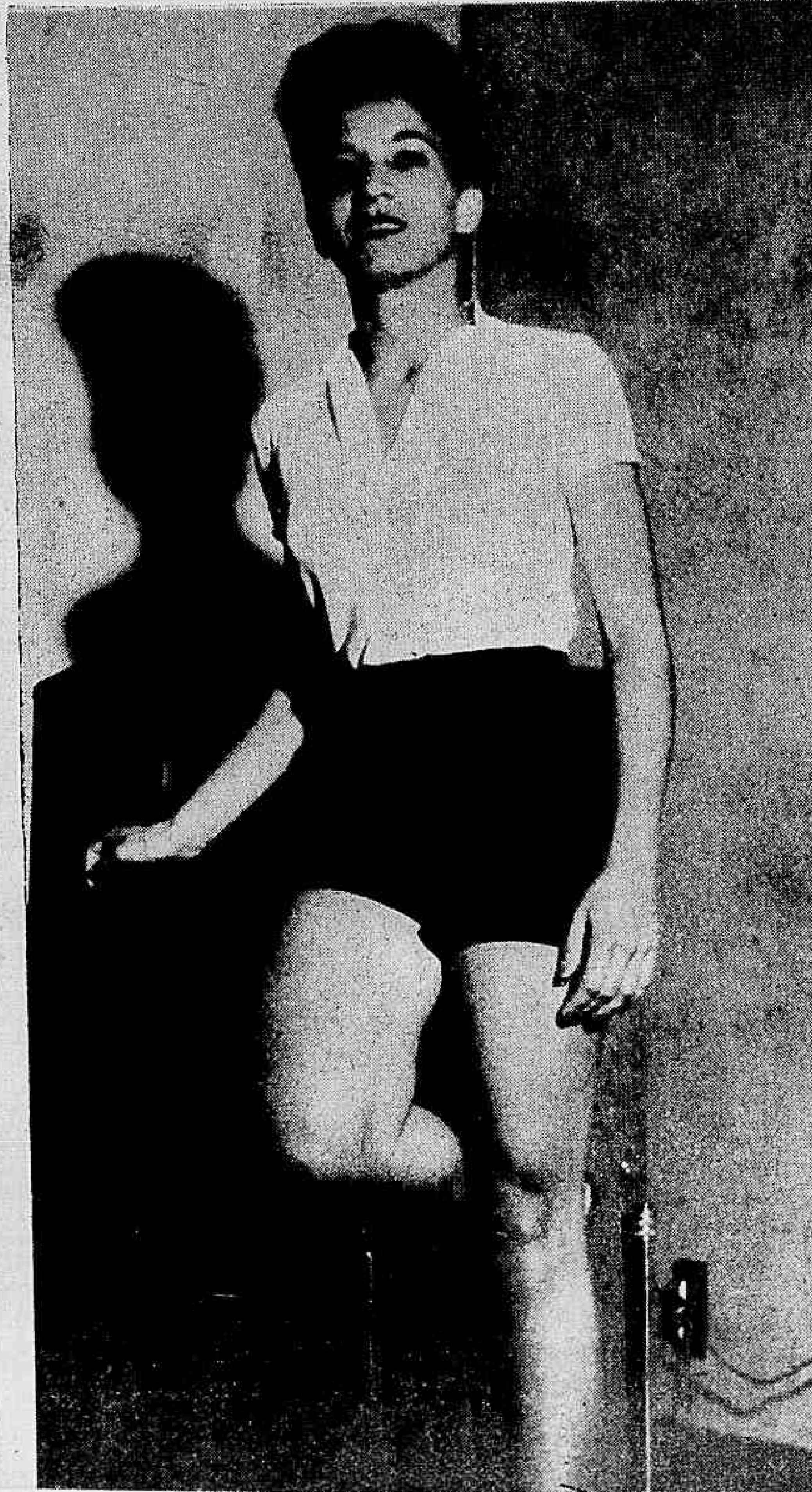
Todos êsses detalhes técnicos servem para prevenir o espírito do leitor quanto à natureza da eleição de caráter inédito em matéria de rainhas, da enxurrada de rainhas que vem inundando o Rio últimamente, algumas para incrementar circulações de jornais, outras para fins filantrópicos, e até algumas para objetivos inconfessáveis.

Mas o repórter só vendo é que acredita, para ser fiel ao público que nos lê. Terminada a parte esportiva pròpriamente dita dos "Jogos da Primavera", certame que obteve um sucesso extraordinário, movimentando a mulher esportiva através de nada menos que dez modalidades, os nossos confrades do "Jornal dos Esportes" trataram de realizar a eleição da Rainha, numa sexta-feira, no auditório da A.B.I., em reunião onde só foi permitida a entrada com convite especial.

Lá foi à A.B.I. a reportagem da *REVISTA DA SEMANA*, a escrita e fotográfica, para relatar em letras de fôrma e em flagrantes ilustrativos, o julgamento que ia decidir a quem caberia a coroa de Rainha dos Jogos da Primavera. O auditório apresentando um aspecto bastante heterogêneo, moças, senhoras, senhores, rapazes, enfim, gente de tôdas as idades aguardando o desfile das candidatas e, em consequência, a decisão inapelável do juri. Um juri para o qual só valiam dois argumentos, o palminho de cara das desportistas, e os respectivos contornos de corpo.

Demorou um pouco o início do desfile. O programa estava marcado para as 9, mas, sòmente começou uma hora depois. Do vestiário das concorrentes vinha um zun-zum que denunciava qualquer anormalidade. O faro do repórter levou-o até a porta do vestiário, que não era bem uma porta mas uma cortina, curioso, não para ver as graciosas concorrentes em trajes leves, mas para saber o porque do atraso. Teve, porém, as suas pretensões barradas por uma senhora que controlava a entrada e o comportamento das mocinhas. Fingindo que havíamos errado na porta, procuramos "pescar" alguma frase elucidativa vinda do interior do vestiário, e descobrimos o porque do atraso: Várias das participantes compareceram munidas de "short", ou melhor com a vestimenta de jogadoras de volei, um outra tinha se apresentado com um vestido de bolero, e as suas amigas estavam lhe aconselhando vestir maiô, porque, do contrário, poderiam perder de 1 a 30





IVONE SANTOS, do Botafogo, e SÍLVIA FERREIRA, do Instituto de Educação, ganharam os 3.º e 4.º lugares

NELI PRAGA, da Escola de Educação Física, e DAYSE LUCAS, do Caiçaras, respectivamente, 8.º e 5.º lugares

pontos no julgamento da plástica, isso porque o juri não poderia ver as linhas e curvas escondidas pelo uniforme de voleibolista ou pelo vestido.

Finalmente, teve início o desfile de oito das catorze concorrentes. Algumas deixaram de comparecer por se encontrarem adoentadas, e outras, segundo apuramos, porque não tiveram permissão dos pais. Aconteceu algo de inédito em matéria de apresentação de candidatas a um título de rainha, e não nos furtamos em transcrever a impressão de um jornal: "As representantes inscritas eram tôdas recebidas com a máxima simpatia e absoluto respeito. Nem uma só piada, um assobio ou qualquer outra manifestação. Só aplausos e cada vez mais fervorosos, numa delicadeza tão acentuada que se sucediam, sem evidenciar preferências. Inédito, talcez, êsse equilíbrio do auditório!"

Foi um espetáculo bonito a apresentação das mocinhas praticantes do esporte, em conjunto e depois uma a uma. O juri ficou tonto com tanta graça e beleza, e um juri cuja maioria era composta de artistas, pintores e como Carlos Chambelland, Georgina de Albuquerque, Quirino Campofiorito e escultor Humberto Cozzo, além do cinegrafista Milton Rodrigues e do jornalista esportivo Mário Filho.

Feita a primeira seleção, o juri reclamou a presença no palco, para um reexame de fisionomia e de plástica, de Margaret Schmidt, do Icaraí; Celma Freire de Araújo, do Tijuca; Dayse Baskeville Lucas, do Clube dos Caiçaras, e Edna Flaeschen, do Vasco. Novo estudo e nova seleção, recebidas numa grande ovação da torcida das candidatas do Tijuca e do Icaraí, que ficaram para a final. Era difícil decidir entre as duas. Demorou um pouco o cômputo de pontos e, finalmente, o juri proclamou campeã absoluta: Margaret Schmidt, a lourinha do Icaraí, que quase alcançou o máximo de perfeição, pois logrou 92,9, com as seguintes parcelas: 38,3 em plástica, 29,6 em fisionomia, 15 em eficiência esportiva e 10 em disciplina, atentando-se que o máximo de pontos em cada setor era respectivamente de 40, 30, 20 e 10.

Interessante será transcrever os resultados parciais a que chegou a soma de pontos de cada setor, de acôrdo com as notas do juri artístico e do esportivo.

Fisionomia: 1º — Margaret Schmidt (Icaraí), 38,3; 2º — Edna Flaeschen (Vasco), 29,8; 3º — Dayse Lucas (Caiçaras), 29,6; 4º — Neli Braz (Escola de Educação Física), 28,3; 5º — Celma Araújo (Tijuca), 27,8; 6º — Ivone Santos (Botafogo), 26,6; Helga Ackerman (Sociedade Esportiva Friburguense) e Silvia Ferreira (Instituto de Educação), 21,1.

Plástica: 1º — Margaret Schmidt (Icaraí), 29,6; 2º — Celma Araújo (Tijuca), 26,8; 3º — Dayse Lucas (Caiçaras), 23,3; 4º — Helga Ackerman (S. E. Friburguense), 22,1; 5º — Ivone Santos (Botafogo) e Edna Flaeschen (Vasco), 21,6; 6º — Silvia Ferreira (Instituto de Educação), 20,8; 7º — Neli Braz Braga (Escola de Educação Física), 17,6. Esta foi a candidata que se apresentou, por mais incrível que pareça, com um vestido de bolero. O repórter indagou-lhe porque tal sobriedade de vestimenta, quando ela como aluna de uma universidade desportiva estava acostumada a se apresentar em trajes desportivos, tal como tinha feito no desfile de abertura dos "Jogos da Primavera", ao que nos respondeu: Mamãe não quis!

Eficiência Esportiva: 1º — Ivone Santos (Botafogo), 20 (Campeã absoluta); 2º — Silvia Ferreira, 19; 3º — Celma Ferreira (Tijuca), 17,5; 4º — Margaret Schmidt (Icaraí), 15; 5º — Luciana Testone (Fluminense), 6,5; 6º — Helga Ackerman (S. E. Friburguense) e Maria Otati (Flamengo), 5,5; 7º — Nanci Passos (América) e Orquidea Amaral (Arte e Instrução), 5; 8º — Dayse Lucas (Caiçaras), Edna Flaeschen (Vasco) e Neli Braga (Escola de Educação Física), 4; 9º — Gilka Bastos (Grajaú), 3,5; 10º — Marlene Ferreira (Guanabara), 2,5.

Disciplina: Tôdas muito comportadinhas, ganharam grau dez.

Classificação final: — 1º — Margaret Schmidt (Icaraí), 92,9; 2º — Celma Araújo (Tijuca), 82,1; 3º — Ivone Santos (Botafogo), 78,2; 4º — Silvia Ferreira (Instituto

(Cont. na pág. 49)

EDNA FLAESCHEN, do Vasco, e HELGA ACKERMAN, de Friburgo, que se situaram na 6.ª e 7.ª colocações









A PERSONAGEM DA SEMANA

A SEMANA EM Revista

Voltaire, um dos maiores cérebros da França, de gênio alegre, dizia: "Já que nascemos para sofrer, que aprendamos a rir". Nessa sentença filosófica está tôda uma norma de vida. Feliz daquele que não se abate pela dor, que tem no espírito o estoicismo dos fortes. Todo o Rio e com certeza todo o país, comentou e deplorou o golpe vibrado pelo destino na alma dêsse grande artista cênico que é Sebastião Prata, mais conhecido por "Grande Otelo".



Grande Otelo

Casado há pouco mais de dois meses para legalizar uma união que já existia há seis anos, o Grande Otelo, boêmio incorrigível, atuando em teatros e estações de rádio, além de ser "astro" do cinema nacional, vivia em permanentes desavenças com sua mulher que não se conformava com o procedimento dissipador e sempre alegre do ator negro. Grande Otelo, porém, não podia agir de outra maneira. Figura obrigatória em teatros de revistas alegres, ao terminar a última sessão pelas alturas de uma hora da madrugada, Grande Otelo tinha que fazer com todos os outros artistas, coristas e empresários, a fatal ceia em cafés ou restaurantes da Praça Tiradentes.

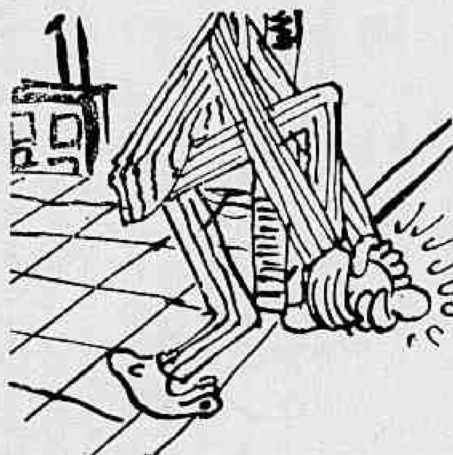
Evidentemente, não era possível chegar à casa, na Urca, às sete horas da noite como qualquer funcionário público ou empregado do comércio. Sempre chegava ao seu lar ao amanhecer. Ia dormir, trocando a noite pelo dia e o dia pela noite. À tarde, comparecia a ensaios ou aos estúdios cinematográficos, de acôrdo com seus compromissos contratuais.

Sua esposa, porém, se lamentava da sorte. Seu marido não a tratava como devia. Uma mulher não pode viver como vivia ela, a nova Desdêmona de um romance que acabaria em tragédia. Grande Otelo, porém, não podia modificar a vida. Sem o teatro, sem a arte de representar, sem fazer rir o público, êle teria que sucumbir. Estava ganhando muito bem e dava confôrto à mulher e ao filhinho, o seu "Chuvisco". Mas a tragédia se avizinhava.

Na semana que passou, sobreveio a catástrofe. Grande Otelo chegou a casa pela manhã. Censurado pela mulher, discutiram e êle foi dormir. Instantes depois era despertado com a notícia atordoante de que sua mulher matara o filho e se suicidara com uma bala na cabeça. Grande Otelo, o grande humorista, o filósofo que poderia emparelhar com os Demócritos e os Rabelais na arte de ser alegre e de fazer rir, pela primeira vez na vida chorou para fazer chorar os presentes. Diante do cadáver do filho com o crânio estourado por uma bala, e do corpo da esposa, êle se rendeu à fôrça da fatalidade e sentiu no fundo do coração tôda a profundeza do mais tremendo golpe que a vida lhe poderia vibrar.

Grande Otelo terá que fazer o que Moliere, há dois séculos e meio fêz ao voltar do teatro de comédias encontrando o filho morto: voltar ao palco e responder com gargalhadas a crueldade do destino.

ACIDENTES DOMÉSTICOS



Nas grandes cidades, diariamente se registram acidentes domésticos, uns sem qualquer gravidade, mas outros até mesmo fatais.

Ultimamente êstes fatos se têm caracterizado pela forma de verdadeiro horror, com os casos de gente morta em elevadores, com esmagamentos e quedas nos poços.

Quando as casas possuiam quintais, o que ainda sucede lá pelos subúrbios, eram as árvores e os muros os maiores causadores de acidentes domésticos. Em Jacarepaguá, há poucos dias veio a público um doloroso acidente doméstico, com a morte trágica de duas crianças que estavam a correr atrás de borboletas. Inadvertidamente caíram numa cacimba cuja borda não estava protegida e morreram afogadas.

Até pouco tempo julgava-se que os acidentes domésticos eram mais numerosos nos banheiros. Não temos disso uma estatística convincente, mas nos Estados Unidos acabam de chegar a esta conclusão depois de sindicâncias e inquéritos bem feitos: não é do banheiro que se verifica o maior número de acidentes e sim da cozinha para a sala de refeições.

Quem nos diz isso é o Sr. Donald B. Armstrong, autoridade em seguros. O Dr. Armstrong fêz uma estatística meticulosa e exata sôbre o assunto através de Companhias de seguros especializados em acidentes pessoais.

O estudo revelou que 30% dos acidentes se registraram na área da cozinha e da sala de jantar e as partes do corpo mais atingidas, são as pernas, pés e dedos dos pés.

No Brasil, qual seria o resultado dessa estatística?

MULHERES POLICIAIS



Na Itália resolveu o govêrno adotar a mulher como polícia especialmente para trabalhar em zonas ocupadas na sua maior parte por mulheres. Na Alemanha ocidental, zona de Berlim dirigida pelos norte-americanos, foi criado um corpo de mulheres policiais para operar indistintamente. Sua função se dirigia, inicialmente, contra o "câmbio negro", com os mais perfeitos resultados.

No Brasil é São Paulo que vai introduzir a novidade. Segundo lemos num dos jornais, está andando na Câmara Municipal da Paulicéia um projeto de lei criando a Polícia Municipal, que terá um corpo de Guardas Femininos constituido de cem mulheres com idade máxima de trinta anos.

Êsse corpo de guardas femininos destinar-se-á ao policiamento de lugares comumente frequentados por mulheres.

Dará certa a inovação? E' da experiência em todos os países que a ordem pública e social não depende da polícia e sim do grau de educação e civilização do povo.

A polícia, quando sua presença se faz necessária só deve aparecer para restabelecer a ordem porventura perturbada.

Se a nova polícia feminina da capital paulista, além do seu objetivo nitidamente policial, tiver ainda um outro de natureza social e educativa, poderá S. Paulo orgulhar-se de ter a glória de ser o pioneiro de uma nova concepção policial neste país.

O policial mulher entre as mulheres poderá abrir aos nossos costumes novos horizontes, elevando-se em muito o nível geralmente baixo de nossos hábitos.

COISAS INCOMPREENSÍVEIS



E' proibido o uso do ópio, por êsse motivo não se vê nenhum anúncio indicando a venda dêsse entorpecente.

A maconha, a liamba, que tudo é a mesma coisa, também são proibidas, razão por que não se vê em jornal nenhum qualquer publicidade acêrca de tal mercadoria.

Mas, por outro lado a gente vê umas tantas coisas incompreensíveis.

Por exemplo: a polícia proíbe a profissão de cartomante. Uma pessoa que fôr surpreendida em flagrante delito de contravenção penal botando cartas para um consulente, desvendando-lhe o passado, o presente e o futuro, é imediatamente presa e processada.

Mas, por estranho que pareça, há nos jornais vários anúncios oferecendo talismãs, anéis misteriosos e cabalísticos cuja propriedade é justamente fazer o que fazem as cartomantes: arranjar casamentos encrencados, saber do passado, do presente e do futuro, conseguir êxito nos negócios, etc.

A polícia exarou despacho recente classificando o jôgo do "Bingo" como de azar. Todo aquêle que fôr encontrado praticando o "Bingo" vai parar na cadeia; entretanto, bastou isso para que os jornais inserissem anúncios oferecendo os apetrechos do "Bingo" a preços mais altos do que eram quando o jôgo estava livre e de bons costumes...

Não compreendemos como se proíbe uma coisa julgada vício contra a moral e a decência e seja o seu material anunciado à venda com a maior naturalidade. E' proibido ou não é?

PEIXE NA BAHIA



Já houve um tempo, isso durante a última grande guerra, que faltou peixe em Manaus...

Mas, se olharmos as notícias dos jornais e andarmos por êsse Brasil imenso e geralmente piscoso, tanto no mar como nos rios, verificamos que o episódio de Manaus não pode escandalizar. Faz pouco tempo, um turista foi passar umas semanas de verão no hotel de luxo de Araruama, e se queria comer peixe tinha que pescá-lo na lagoa... Araruama, como todos sabem, é ali, à beira mar, pertinho de Cabo Frio, contando com mares e lagoas onde peixe é areia. Nadam até sôbre as salinas. Mas, no hotel de Araruama, hotel de turismo e férias, nunca havia peixe... O mesmo sucede com os restaurantes da cidade. E' ali ponto de almôço dos que vêm de Campos, nos ônibus. Mas ninguém come peixe. Não há. Por que?

No Rio o peixe também é caro e não se vende em abundância. Mas, na Bahia, o Governador Mangabeira achou um meio de dar jeito à crise de peixe.

Ordenou que a Secretaria de Agricultura armasse barcos pesqueiros e fôssem para o alto mar. Os resultados foram imediatos. O primeiro barco que chegou ao cais do mercado vinha superlotado de peixe de primeira ordem.

Como o Estado não é propriamente comerciante, o produto foi vendido ao povo a preço que regulou a metade do mercado particular. O povo recebeu essa inovação com entusiasmo e todo mundo pôde comer seu peixe com dendê.

Veja Otávio Mangabeira se descobre meios para dar arroz, feijão, carne e outros alimentos ao povo, como fêz com o peixe.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVIII ★ N.º 49 — 3 DE DEZEMBRO DE 1949

Redator-Chefe: CELESTINO SILVEIRA — Chefe de Publicidade: J. M. COSTA JUNIOR — Paginação de VICTOR TAPAJOZ

PUBLICAÇAO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples	— Um ano	Cr$ 140,00
Seis meses		Cr$ 70,00
Registrada	— Um ano	Cr$ 170,00
Seis meses		Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada	— Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses		Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro
Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO — Diretor-Secretário: R. PEIXOTO DE ALENCAR
Telefones — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1018; Portaria: 22-5607

PUXE PELO Cérebro

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 QUAL O IMPERADOR ROMANO QUE INSTITUIU O NOME DE AUGUSTO :
— Nero ?
— Calígula ?
— Otávio ?

2 QUE SIGNIFICA O NOME DE AUGUSTO :
— O sétimo mês do ano ?
— Imperador romano ?
— Aumentado em poder e glória ?

3 COMO SE DEVE PRONUNCIAR :
— Linotipe ?
— Linótipo ?
— Linotipo ?

4 EM QUE ANO FOI DESCOBERTA A DINAMITE :
— 1867 ?
— 1780 ?
— 1900 ?

5 DE QUE NACIONALIDADE ERA O DESCOBRIDOR DA DINAMITE :
— Francês ?
— Norte-americano ?
— Suéco ?

6 COMO SE CHAMAVA O DESCOBRIDOR DA DINAMITE :
— Alexandre Graham-Bell ?
— Thomas Alva Edison ?
— Alfredo Nobel ?

7 QUAL ERA A FINALIDADE DA ALQUIMIA :
— Descobrir explosivos ?
— Transformar qualquer metal em ouro ?
— Curar doentes ?

8 PARA TRANSFORMAR OS METAIS EM OURO QUAL ERA O AGENTE PROCURADO PELOS ALQUIMISTAS :
— O fogo ?
— A pedra filosofal ?
— Sinais cabalísticos ?

9 QUAL O CIENTISTA QUE DESTRUIU O SONHO DA ALQUIMIA E FUNDOU A QUÍMICA :
— Paracelso ?
— Curie ?
— James Watt ?

10 QUAL FOI O HOLANDÊS QUE JÁ IMPRIMIA COM TIPOS MÓVEIS, MAIS OU MENOS AO MESMO TEMPO DE GUTEMBERG :
— Nassau ?
— Coster ?
— Van Dyck ?

11 EM QUE NAÇÃO SURGIU A PRIMEIRA TIPOGRAFIA, DEPOIS DA DE GUTEMBERG :
— França ?
— Inglaterra ?
— Portugal ?

12 EM QUE PAÍS SURGIU O PRIMEIRO LIVRO COMPLETO IMPRESSO EM TIPOGRAFIA :
— Inglaterra ?
— Alemanha ?
— Hungria ?

13 COMO SE CHAMA O CIDADÃO CONSIDERADO O PAI DA MODERNA MÁQUINA A VAPOR :
— Stephenson ?
— Cartwright ?
— James Watt ?

14 EM QUE DIA HITLER CHEFIOU A REVOLUÇÃO NAZISTA PARA DERRUBAR O GOVÊRNO ALEMÃO :
— 30 de setembro de 1924 ?
— 8 de novembro de 1923 ?
— 5 de outtubro de 1925 ?

15 EM QUE ERA DIPLOMADO GANDHI :
— Medicina ?
— Engenharia ?
— Direito ?

16 QUAL O NAVEGADOR EUROPEU QUE ESTEVE EM TERRAS DA AMÉRICA DO NORTE QUASE CINCO SÉCULOS ANTES DE COLOMBO :
— Leif Ericson ?
— John Cabot ?
— Sir John Mandeville ?

17 EM QUE ANO O NOVO MUNDO RECEBEU O NOME DE AMÉRICA :
— 1492 ?
— 1500 ?
— 1507 ?

18 COMO FOI QUE KING C. GILLETTE CONCEBEU A IDÉIA DE INVENTAR UMA LÂMINA DE BARBEAR QUE SUBSTITUÍSSE A NAVALHA :
— Viajando num trem ?
— Lendo aventuras ?
— Conversando com barbeiros ?

19 QUANTOS ANOS PASSOU KING GILLETTE A EXPERIMENTAR AÇOS PARA CHEGAR A SUA LÂMINA DE SEGURANÇA :
— Dois ?
— Oito ?
— Seis ?

20 DE ONDE PROVÉM O TÃO EMPREGADO TÊRMO *LEIT-MOTIV* :
— Do latim ?
— Do alemão ?
— Do inglês ?

(*Respostas na página* 58)



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

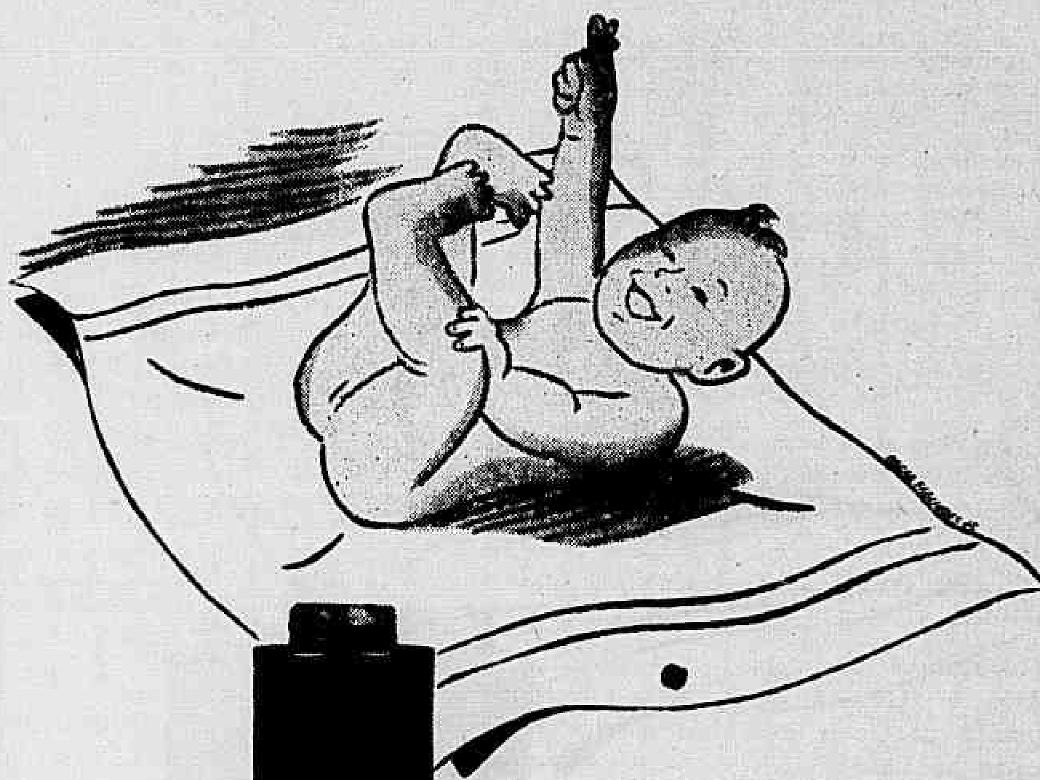
Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* **Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* **Gesteira**.

A acção que o *Regulador* **Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* **Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

não esqueça o bêbê ...



atenda-o com

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

"PAUSA PARA MEDITAÇÃO", UM PROGRAMA SÉRIO OU UMA BURLA?

Encerramos a nossa "enquête" em tôrno ao mais discutido programa do nosso rádio ★ Respondem Diva Paulo e Gramury ★ Idéias diversas sôbre o mesmo assunto ★ As opiniões que não vieram e um capítulo à parte, com uma história diferente... ★ A conclusão? Que a tire o leitor...

Reportagem de ROBERTO RUIZ

EM edição anterior, iniciamos uma "enquête" prometendo finalizá-la nesta publicação, visto que o número de pessoas entrevistadas e a extensão das suas respostas não comportavam uma só reportagem. Depõem hoje, completando a relação de pessoas visadas, Diva Paulo e Gramury. Encerra-se, assim, o desfile de opiniões sôbre os programas como "Pausa para meditação", a audição que está mobilizando as atenções do público ouvinte no Rio.

Conforme já esclarecêramos, não visamos tirar conclusões. Deixamo-las ao público leitor. Que se guie pelas respostas dos encarregados de dar conselhos aos ouvintes. As deduções não são difíceis diante dessas respostas. São depoimentos de homens e mulheres que fazem do rádio o seu quotidiano mister. Dedicam-se ao sem-fio com o amor ao trabalho e com o idealismo da arte. Se escolheram programas dêsse estilo, dão-nos as suas razões, respondendo à pergunta correspondente em nosso questionário.

★

Em suas linhas gerais, estas foram as perguntas feitas em nossa "enquête":

1. **O que pensa, realmente, sôbre os programas do gênero "Pausa para meditação"? Acha que são construtivos ou destrutivos? E por quê?**
2. **Todos os seus programas são baseados em fatos reais? Como verifica a existência real dos casos que surgem ao microfone? Não serão as cartas, em sua maioria, obra de desocupados ou "pescadores de águas turvas" que desejam ver no rádio histórias tenebrosas com objetivos desconhecidos? Não acha muitos dos fatos sôbre que é consultado um tanto, como diremos... perigosos? Para certa classe de ouvintes, é claro!**
3. **Acha que a "sua" maneira de responder é a mais certa? E por que?**
4. **Que pensa da humanidade, diante de tantos "casos" que lhe chegam às mãos?**
5. **Acredita que seus conselhos dão resultado? E como sabe que as suas palavras levaram a solução e o confôrto a quem dêles necessitava?**
6. **Já recebeu visitas de "consulentes" depois das suas respostas? E como encararam êles as suas palavras? Sempre bem?**
7. **O que o levou a fazer êsse gênero de programa? Amor ao próximo? Bom patrocínio? Outra razão? Qual?**
8. **Julga que se cada emissora tiver um programa assim, isso contribuirá para melhorar as questões domésticas do nosso povo? E o efeito da exposição dêsses problemas junto às crianças que também ouvem rádio?**
9. **Está contente em fazer êsses programas, ou se lhe fôsse oferecida uma oportunidade diferente abandonaria tais audições? Já sofreu algum desgôsto com os seus conselhos?**

★

Estas foram, em suas linhas gerais, as perguntas feitas àqueles que em nosso rádio focalizam os problemas de cada um. Os ouvintes que não encontram por si, ou nos amigos e parentes próximos, as soluções para os seus problemas, fazem "daquela" voz que lhes chega pelo rádio, através do grande amigo que é o receptor, o guia que lhes resolverá a rusga com o namorado, o abandono da espôsa ou a indecisão entre dois amôres diferentes.

Anteriormente publicamos as respostas de Sagramor de Scuvero e de Roberto Mendes, respectivamente à Rádio Globo e da Mayrink Veiga. Vamos finalizar a tarefa e você, leitor, faça também a sua "Pausa para meditação", depois de ler estas respostas...

★

Infelizmente, não conseguimos terminar a nossa missão sem uma nota desagradável, com referência aos elementos da Rádio Tamoio. Mas isso já é outra história e está focalizada em um capítulo extra de nossa reportagem. Nem todos têm a compreensão necessária, que fazer?

JÁ obtivemos respostas excelentes ao nosso questionário e tivemos também a oportunidade de verificar a excelente acolhida que esta "enquête" alcançara entre os nossos leitores, através de múltiplas manifestações de parte dêstes, dirigidas à *REVISTA DA SEMANA*. Realmente, programas que se destinam a ajudar o próximo, despertam curiosidade, já pelas finalidades que contém, já pela natureza de certos "casos" aparecidos ao microfone e que parecem inverossímeis ao espírito desprevenido daquêles para quem a vida é fácil e serena. Prosseguimos, pois, com a nossa lista de perguntas e, assim, escolhemos mais um vulto feminino para abrir a segunda e última reportagem da série. Trata-se de Diva Paulo, valorosa radialista e elemento de prestígio na imprensa e nos meios sociais que há vários anos, tem feito sentir a sua inteligência em programas de destaque no rádio carioca. Atualmente, Diva Paulo está na Rádio Roquete Pinto, mantendo ali algumas audições de êxito e onde tem também oportunidade de responder às consultas sentimentais de suas inúmeras ouvintes. Diva Paulo assim nos respondeu à primeira indagação:

— "Creio que os bons programas, feitos à base de ajuda mútua, no intuito de incentivar a solidariedade humana, sejam êles inéditos ou não, devem sempre receber os nossos melhores aplausos. Se são construtivos? Os qu desejam prestar solidariedade em vez de mentiras sensacionais — o são, realmente. Os outros, forçosamente, destroem."

Fizemos a segunda pergunta e Diva respondeu:

— "Afirmar seria o mesmo que exigir carteira de identidade de todos os missivistas. E isso, sem dúvida, é mais difícil, porque tôdas as cartas, ou pelo menos 85%, se ocultam sob pseudônimo. Lògicamente, é o que procuro fazer — é tornar mais difíceis as radiofonizações dos casos que parecem trágicos demais ou espalhafatosos demais. Se a ouvinte insiste, pede-se a presença ou pelo menos um telefonema para se conversar melhor. Se o telefonema vem e se verifica a exatidão do mesmo, faz-se então a radiofonização. Por isso, nunca me aborreci com os casos que procuro orientar. Aliás, a direção artística da Rádio Nacional, onde são irradiados os meus "*Problemas sentimentais*", isto é — aquêles que escrevo, é muito exigente na radiofonização e prefere que os casos mais trágicos não venham ao microfone, quando podem ser resolvidos por um telefonema. Havendo sinceridade na interpelação, tanto faz que a sugestão vá pelo rádio ou pelo telefone, uma vez que não existem dois casos exatamente iguais".

Estava respondido o segundo quesito e Diva Paulo passou à terceira interrogação:

— "Minha maneira de responder é a que me parece melhor e mais sincera. Seria pretensão compará-la à maneira de responder dos outros. Quem tem boa vontade, quem sente desejo de ajudar o próximo com as suas palavras, é, conseqüentemente, um bem intencionado. E os bem intencionados geralmente falam mais claro. Para minha satisfação íntima, procuro sempre levantar o moral do missivista. Quem escreve em desespêro de causa não ficará muito tranquilo recebendo duas pedras como resposta. Parece-me que responder com habilidade — é responder gentilmente. Há tantas maneiras de se dizer uma verdade com ternura, não há?"

Depois Diva Paulo nos diz:

— "Prefiro responder em conjunto os quesitos quatro, cinco e seis. Justamente por não gostar de responder àsperamente às consulentes dos meus "Problemas sentimentais", tenho recebido muitas cartas e principalmente muitos telefonemas de agradecimento. Existem criaturas tão gentis que me visitam, na repartição onde trabalho. Identificam-se e agradecem as sugestões que dei, na voz de Floriano Faissal. Outras procuram o próprio intérprete, para agradecer, assim como lhe escrevem."

E prossegue:

— "Ao seu quesito número sete, posso dizer como resposta que a história dos "Problemas sentimentais", com a radiofonização do caso anteriormente feita, tinha eu a pretensão de que houvesse sido lançada no rádio carioca, por mim, no dia primeiro de abril de 1946, na Rádio Cruzeiro do Sul. Entretanto, alguns outros colaboradores do rádio, procuram para si, essa inovação. Não gosto, pela modéstia sincera com que sempre costumo dirigir a minha vida, de mexer em casa de maribomdos. Entretanto, se os fatos dizem alguma coisa, que se manifeste a emissora citada em que atuei com êsses programas até que passei para a Rádio Nacional, onde estou. Os "Problemas" continuaram lá, numa cópia, aliás bem feita, pelo redator que me sucedeu. A idéia de lançá-los, porém, foi minha. Nunca tive, outrossim, a idéia de registrá-los. E creio que não o faria. Por que iria eu registrar como idéia original minha, um programa tão simples que qualquer pessoa pode fazer? Ou existirá nessa idéia alguma coisa de sobrenatural? Não. Aliás, a idéia me veio da seguinte maneira: tendo eu trabalhado com Sagramor de Scuvero na Mayrink Veiga, durante alguns meses, e vendo o sucesso de seus problemas, lembrei-me de que êsses mesmos problemas serviriam para ótimas histórias radiofonizadas. Radiofonizei-as. Depois, criei a história de um homem dando o conselho. Não sei porque, acho que os homens sugestionam mais as mulheres. E, pronto. Sugeri a idéia ao diretor da Cruzeiro do Sul e lancei o programa. Entretanto, se ela existia antes dessa data, aqui, em São Paulo ou na Cochinchina, nunca procurei saber. Não vejo razão para polêmicas nesse sentido. Eu digo a verdade, pedindo um milhão de desculpas se alguém se molestar com ela".

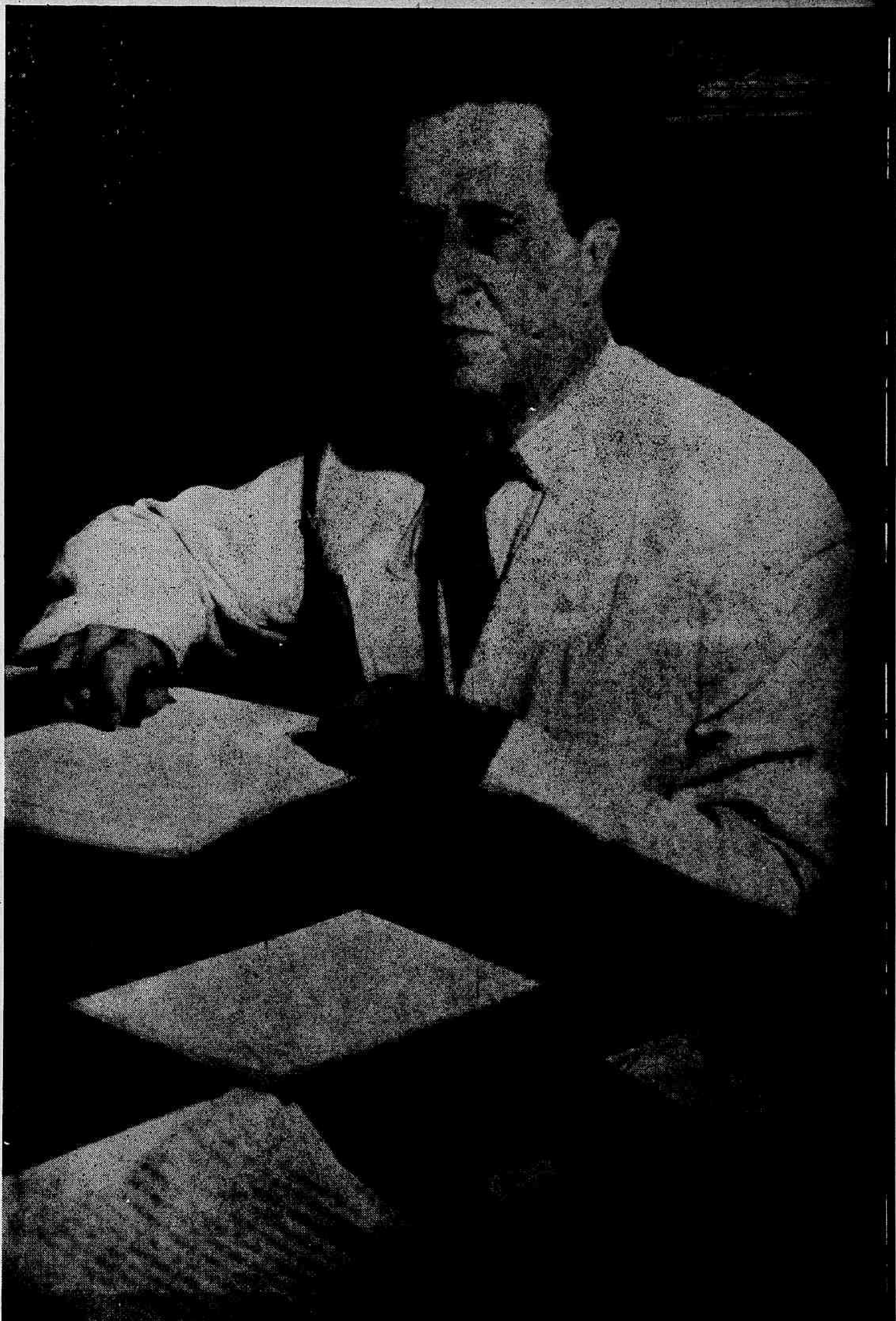
Fizemos a penúltima pergunta da série e Diva, prontamente, responde:

— "Acho que tôdas as emissoras deveriam ter programas que educassem o povo, que procurassem ajudá-lo, sem escândalo. Se "Problemas Sentimentais" são uma solução, porque não levá-los a todos os setores? E, aqui, fica uma idéia: por que não fazer um programa com a vida "vivida" pela gente de nível mais modesto? Por que não se radiofoniza a vida de um operário chelo de filhos, com os dramas de seus filhos, com os seus dramas diários e constantes? Daria uma ótima radiofonização e como parte de reajustamento social, seriam chamados os assistentes sociais a colaborar. Não seria um esplêndido trabalho do rádio em benefício da massa?"

A idéia de Diva Paulo aí fica. Nós, porém, queríamos agora a derradeira resposta e ela veio pronta, com a mesma franqueza com que nos falava a radialista:



DIVA PAULO
declara que 85% dos missivistas de "Problemas Sentimentais", têm o cuidado de ocultar-se sob pseudônimo



GRAMURY

diz: — "Somos redatores e não confessores. Damos conta do nosso trabalho procurando ganhar honradamente o dinheiro que nos pagam e mais nada. Nunca fomos procurados pelos consulentes de "Pausa para Meditação"

— Estou contente com a minha vida simples de funcionária radiofônica, tanto no ambiente da Rádio Roquete Pinto, como no ambiente espiritual da Rádio Nacional, para onde envio os meus programas escritos. Sempre encontrei o máximo de apoio, distinção e amizade. Sinceramente estou satisfeita com o gênero que escrevo. Fazer alguma coisa pelos outros, embora espiritualmente, é das melhores coisas do mundo. E eu sinto que o faço, sem pretensão, embora..."

Assim estava respondido o nosso questionário por Diva Paulo, a qual, aliás, acaba de reunir em volume publicado pela Editora Pongetti, alguns de seus programas, sob o título com que são apresentados ao microfone — "Problemas sentimentais".

O nosso entrevistado seguinte, foi Gramury, o veterano redator da Mayrink Veiga, encarregado dos conselhos na "Pausa para meditação" da PRA-9. Já ouvíramos Roberto Mendes que levou a "Pausa" da Tamoio para a Mayrink. Mendes escreve os programas, baseando-se nas cartas dirigidas à sua audição e a parte final, o conselho, é feita por Gramury. Vamos passar em revista as suas declarações que são sintéticas, rápidas e positivas.

— "À sua primeira pergunta — diz-nos Gramury — respondo-lhe que programas como "Pausa para meditação" constituem uma arma de dois gumes: se bem conduzidos, são benéficos; do contrário, só males poderão produzir."

— E que nos diz ao item número dois? — indagámos.

— "Impossível saber se o que nos chega em cartas, representa a expressão da verdade. Aceitamos os fatos em si e, como o juiz que julga pelas provas dos autos, também sòmente pelo que nos vem nas cartas damos a nossa opinião. Realmente, muitos casos focalizados são perigosos. Refletem, apenas, a miséria da vida".

E Gramury continua para responder o item três:

— "Não temos qualquer maneira de responder, NOSSA. O que dizemos, é estritamente baseado nos postulados da moral. Fora disto, nada".

Depois responde à pergunta imediata:

— "Os casos que nos chegam às mãos, espelham a humanidade com admirável nitidez. São frutos de uma sociedade que se afasta de Deus, seduzida pelo delírio do materialismo pagão".

As respostas de Gramury eram concisas e prontas. Vejam o que nos disse para a indagação de número cinco:

— "Quando damos uma orientação pedida, cessamos o nosso raciocínio com a última palavra dessa orientação. Não pensamos mais nos casos estudados".

E para a imediata:

— "Não. Nunca fomos procurados por interessados em "Pausa para meditação". E, se o fôssemos, não os atenderíamos. Somos relatores e não confessores".

Pelas respostas do conhecido criador de programas da Mayrink, vêem os leitores que êle é um homem de atitudes firmes. Encara o seu trabalho com simplicidade e gosta mais de escrever do que falar e, para provar isso, responde-nos lacònicamente à sétima pergunta:

— "Ganhar honradamente o dinheiro que nos pagam pelo trabalho que nos dão".

Já em relação à penúltima questão, foi mais longe:

— "Tudo dependeria da natureza de tais programas. Talvez sejam mais úteis do que muitos "shows" que andam por aí, com "ases" ao microfone, mal acobertando aspectos fesceninos da vida, no que ela tem de mais tôrpe... isso sem contar as piadas imorais de certos humoristas..."

Finalmente, para a última pergunta, Gramury deu esta resposta:

— "Sempre que se nos oferece uma oportunidade de levar a alguém uma palavra de confôrto, isso é para nós, motivo de satisfação. Como dissemos, nunca mais pensamos nos programas passados. Por isso nada sabemos sôbre os resultados que poderão ter as palavras que escrevemos."

Assim estava completa a nossa missão junto a Gramury. Os restantes entrevistados, pertenciam todos ao elenco de uma única estação, a Tamoio. Para lá nos dirigimos, a fim de colhêr a palavra de Júlio Lousada, de Aldo Viana, o principal redator de "Pausa para meditação" e de Paulo Grammont, o atual diretor artístico da B-7, "pivot" do "caso" Tamoio x Mayrink, em tôrno do programa de que nos ocupamos. Ambas as emissoras se julgam com direito ao mesmo, uma vez, aquela, afiança ter sido a primeira a irradiá-lo e, portanto, ser a dona legítima do "broadcast" e esta, por possuir entre os seus redatores, o criador do programa — Roberto Mendes, coisa aliás que é discutida pela Tamoio, como poderão ler adiante. Mas vamos por partes.

UM CAPÍTULO INESPERADO

Não queríamos encerrar esta reportagem, com uma nota desagradável, mas somos obrigados a fazê-lo, devido a uma atitude equívoca do atual diretor artístico da Tamoio, sr. Paulo Grammont. Buscávamos a opinião de Júlio Lousada, o "conselheiro" da "Pausa para meditação" da B-7 e também a de Aldo Viana, principal redator dos "scripts" baseados nas cartas que os ouvintes endereçam a essa apresentação da Tamoio. Deixamos as perguntas com Júlio Lousada e êste indagou-nos por que também pedíamos a opinião do sr. Grammont, visto que a idéia era dêle, que a havia trazido de São Paulo. Achamos lógico que assim se fizesse e procuramos falar ao dito senhor. Atendidos, muito gentilmente, disse-nos o diretor artístico da "associada" que não desejava falar muito acêrca de tal programa, que deixava à justiça, a palavra, uma vez que estavam processando a Mayrink Veiga pela apropriação por esta feita, de uma idéia da direção da Tamoio (no caso, o próprio sr. Grammont). Que provaria ser a idéia sua, de vez que sua irmã — a aplaudida radialista de São Paulo, Sarita Campos — já de há muito fazia "Pausa para meditação" no rádio paulista, com o mesmo nome e a mesma idéia e forma de realização. Adiantou-nos, ainda, que a realização de "Pausa para meditação" no Rio, cabe à sua iniciativa. Resolveu fazer êste programa aqui, com o mesmo nome, certo do êxito que alcançaria. Entregou-o a Aldo Viana. Depois então, e só depois de estar no ar a audição, é que o entregou a Roberto Mendes. Êste escreveu para a Tamoio por muito tempo, a audição de sucesso e, saindo da B-7, adotou a idéia como sua, o mesmo fazendo o anunciante. A Tamoio parte do fato que a audição apareceu primeiro ali e escrita por outro que não Roberto Mendes, para declarar que lhe pertence o programa e o título. Não nos foi dito, nem o perguntamos, se o mesmo havia sido registrado — que é o mais importante. Pois bem, adiantamos isso tudo, que não vem ao caso neste "enquête", por uma razão. E já adiante, em tempo, ela será dita. Durante esta conversa, Paulo Grammont disse não querer falar sôbre o assunto, mas fêz-nos tôdas essas declarações. Quanto ao questionário, pediu que o desculpássemos se não respondesse a *tôdas* as perguntas, de vez que o programa estava em juízo. Concordamos, é claro, adiantando que nada havia no mesmo que provocasse um conflito. As perguntas não chocavam — como não chocam, segundo o podem ver os nossos leitores — com a questão em causa. Em nosso questionário nada há com referência à paternidade de "Pausa para meditação" e sim, quanto aos efeitos do mesmo sôbre os ouvintes. Nada tem que ver uma coisa com a outra. Saímos. Quando o emissário da *REVISTA DA SEMANA* voltou, em outro dia, para apanhar as respostas ao questionário, teve uma dolorosa surprêsa. Júlio Lousada não poderia responder, pois se encontrava afastado da rádio, uma vez que falecera sua genitora há dias e êle, filho amantíssimo, havia sofrido rude golpe que deliberamos respeitar. Veremos se, mais tarde, aliás, poderemos trazer a sua palavra à *REVISTA*, pois esta "enquête" tem que ficar terminada hoje. Contávamos com Aldo Viana e Paulo Grammont. Porém, não houve o necessário descortínio por parte do diretor que não soube distinguir o objetivo da nossa "enquête" e recusou-se terminantemente a responder, alegando o fato acima narrado — o impedimento diante do próximo pronunciamento da justiça.

Ora, demo-nos ao trabalho de narrar a nossa conversa, para que os leitores vissem bem que ela nada tem a ver com o objetivo da reportagem — "enquête". Aldo Viana, diante da atitude de seu diretor, naturalmente, esquivou-se de dar também as suas respostas, atitude que compreendemos e justificamos perfeitamente. Lamentamos apenas a atitude descabida do sr. Paulo Grammont que, fazendo esta recusa, priva os seus ouvintes de uma opinião que seria um julgamento de suas idéias e seus métodos. Enfim, a sua recusa já é alguma coisa... Encerramos, assim, de maneira bem diferente da que imagináramos, esta "enquête". E recomendamos ao diretor-artístico da Tamoio que também faça uma "Pausa para meditação" e compreenda os objetivos da nossa missão. Temos a certeza que o citado senhor, que tão amável e compreensivo se mostrou quando manteve conosco a sua primeira palestra, há-de compreender que não se justificava o seu silêncio. Esperamos, mais cedo ou mais tarde, a sua palavra, que virá colocar os pontos nos "ii".



O Governador da Bahia e Senhora Otávio Mangabeira ofereceram uma recepção no Palácio da Aclamação aos numerosos expositores e técnicos de vários Estados presentes à XVI Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados. A gravura acima nos mostra um aspecto dessa reunião social, vendo-se o chefe do Govêrno baiano, e o Sr. Nestor Duarte, Secretário de Agricultura, ladeados por um grupo de convidados à elegante festa

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS

Realizada pela primeira vez na Bahia, marcou esplêndido êxito ★ O Parque de Ondina, maravilhoso recanto da Cidade do Salvador ★ O XVI certâmen nacional assinalou também o "record" de vendas em exposições no Brasil ★ Sucesso integral, na quantidade e na qualidade dos animais expostos ★ Os vaqueiros encourados do Nordeste, uma grande atração

COMO parte integrante dos festejos comemorativos dos centenários baianos, realizou-se na Cidade do Salvador, entre os dias 23 e 30 de outubro último, a XVI Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados. Tendo por local o esplêndido conjunto do Parque de Ondina, levantado em um maravilhoso recanto quase à orla do Oceano Atlântico, e de muito fácil acesso à população, teve a XVI Exposição um movimentado transcurso, atraindo sempre considerável massa popular. A superior organização que a Secretaria de Agricultura da Bahia, com a cooperação do Ministério da Agricultura e do Instituto de Pecuária, deu ao grande certâmen foi fator decisivo do êxito verificado.

O número de animais expostos e a qualidade ostentada pelos mesmos foram outros elementos de indiscutível relêvo no panorama técnico da XVI Exposição. Fizeram-se representar várias raças de gado leiteiro, de corte e mistas, tendo a Bahia alcançado três grandes campeonatos nas raças indianas Nelore, Gyr e Indubrasil, com os magníficos reprodutores "Indu", de propriedade do criador Raul Prata, "Conquistinha", do fazendeiro José Gugé Ferraz, e "Abará", do criador Augusto Sampaio, três exemplares de alta linhagem, verdadeiros expoentes da criação nacional. Esta foi uma boa demonstração do trabalho que vêm empregando o govêrno da Bahia e os seus pecuaristas em prol da pecuária baiana assim tão merecidamente galardoada em uma exposição nacional, competindo com criadores de vários Estados.

Ainda temos a registrar o montante das vendas efetuadas na XVI Exposição Nacional da Bahia como um dos maiores sucessos que marcaram a sua realização, nunca antes alcançado em exposições brasileiras. Mais de quatro milhões e trezentos mil cruzeiros de vendas foram realizadas, "record" êsse que bem fala da animação reinante no magno certâmen, assim tão bem traduzida no valor das transações verificadas. Basta dizer que na Bahia



Após uma feijoada oferecida pelo Secretário de Agricultura da Bahia aos tratadores dos animais expostos, o Sr. Nestor Duarte pôsa para a REVISTA DA SEMANA entre vaqueiros nordestinos, vendo-se êstes com os seus tradicionais chapéus de couro, que fazem parte integrante das originais vestimentas que tanto sucesso alcançaram durante o transcurso da XVI Exposição Nacional tão auspiciosamente realizada na Cidade do Salvador



O Ministro Daniel de Carvalho representou o Presidente da República na inauguração da XVI Exposição Nacional da Bahia, proferindo o discurso de abertura do certame



O Sr. Nestor Duarte, Secretário da Agricultura da Bahia, foi incansável na organização do certame realizado em Salvador. Vê-se s. s. discursando no ato de encerramento



O Governador Otávio Mangabeira dirigiu uma saudação e um agradecimento aos criadores de todo o Brasil que abrilhantaram com suas presenças o grande "meeting"



Vaqueiro nordestino, o bravo homem da caatinga, modesto mas decidido cooperador da nossa grandeza desde as lutas pela Independência. Constituíram êles, com as suas tradicionais vestes de couro, o gibão, um grande atrativo na XVI Exposição Nacional da Bahia



Grandes massas populares acorreram ao belo Parque de Ondina, enchendo suas amplas dependências e até as elevações adjacentes, durante todo o desenrolar do certame. As gravuras das extremidades da página (lado direito), mostram a considerável afluência de povo ao aprazível recanto, que serviu de palco à XVI Exposição Nacional da Bahia, assim prestigiada pelas classes sociais do Estado Nordestino, essa parada de valores na qual

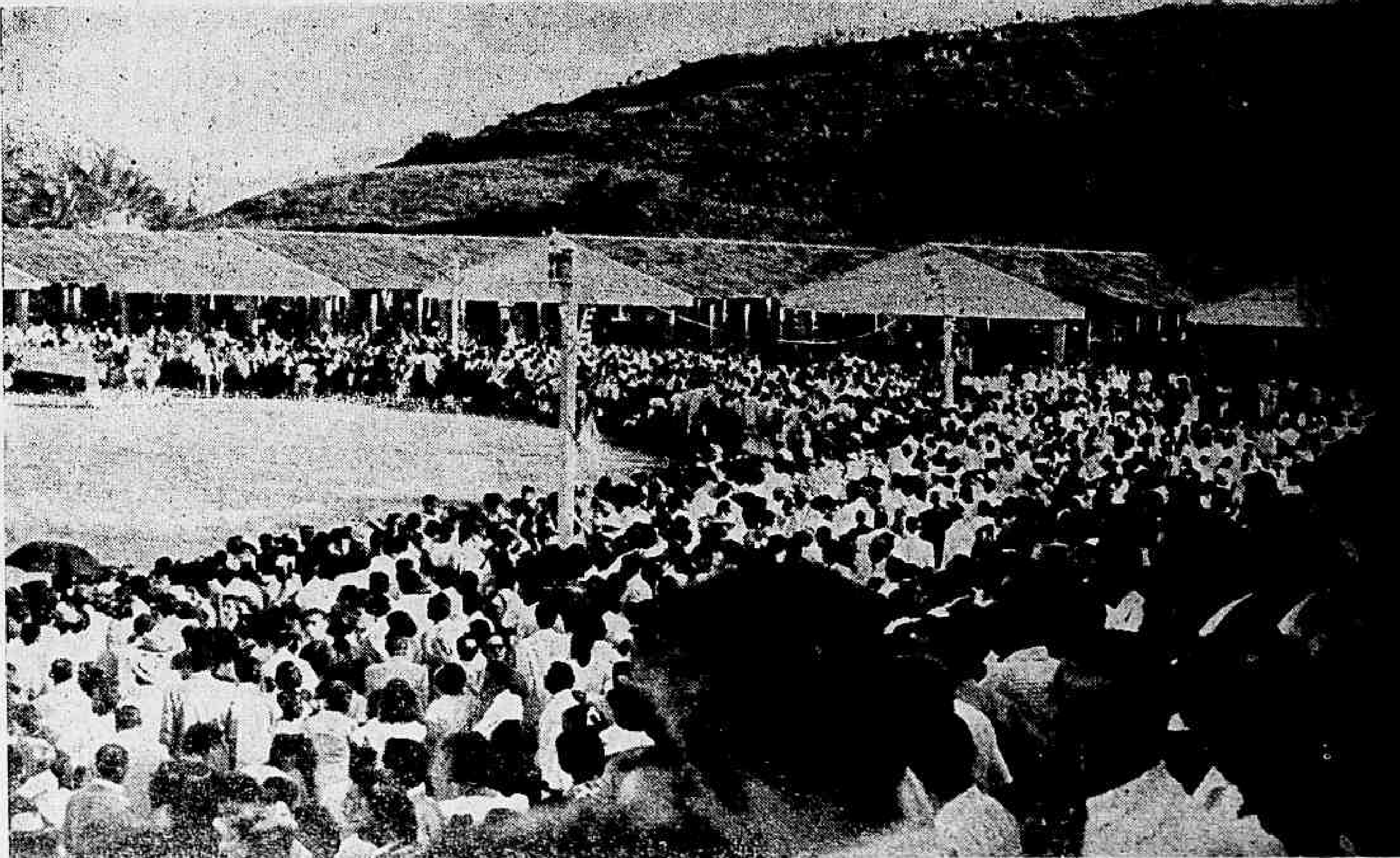


se representaram os maiores núcleos de criação do País. Os vaqueiros encourados do nordeste foram portadores de uma saudação da Secretaria de Agricultura e do Instituto de Pecuária da Bahia, aos criadores do Brasil (fotografia do centro). Foi êste um momento de emoção que arrancou da assistência presente à cerimônia grandes aplausos

ficaram mais de noventa por cento das representações bovinas e equinas dos demais Estados concorrentes ao certâmen. E por falar em equinos, não podemos deixar de acentuar a beleza e o aprimorado índice técnico da sua representação.

Outra grande atração da XVI Exposição residiu na presença dos vaqueiros encourados do Nordeste. Os valentes filhos do sertão da Bahia e Estados limítrofes, metidos nas suas vestes características feitas inteiramente de couro, com as quais varam a traiçoeira caatinga no encalço do gado, constituíram um espetáculo de muito pitoresco para as centenas de criadores de outras partes do Brasil, ali presentes. E ninguém lhes regateou os aplausos que a sua figura de heróis anônimos realmente merecem.

A Bahia, no ano das suas palpitantes comemorações centenárias, conquistou mais um triunfo com a XVI Exposição Nacional que tão vitoriosamente realizou, mostrando não somente o auspicioso desenvolvimento da pecuária local, mas também a sua capacidade de organizar certâmens nacionais periódicos, adquirindo o direito de entrar definitivamente no rol dos Estados onde a pecuária, pelo seu alcance técnico e econômico desempenha papel de relêvo no progresso e na riqueza do país.



OVELA DE

NEGRAIS

ESTRELA CADENTE

NAQUELA noite resolvera não sair do hotel. As duas léguas que fizera a pé por ter o animal perdido uma das ferraduras na descida da serra do Batuque, a caminhada estafante pelo areial infindo da estrada do Curralinho debaixo de um sol muito quente, me haviam reduzido ao máximo do cansaço. Por isso é que, com bastante mal humor, recebi em meu quarto o moleque recado do senhor Álvaro Guieiro, tendo trocado com o mesmo rápidas palavras.

— Seu Álvaro mandou chamar o senhor.

— Para quê?

— Sei não, manda pedir para o senhor dar um pulo lá hoje sem falta.

— Bem, diga a êle que lá estarei dentro de uma hora.

Despachei o menino, fechei a porta do quarto e comecei a pensar sôbre as possíveis razões que teriam levado aquêle estranho homem de negócios a mandar chamar-me àquelas horas da noite. Quem teria dito que eu chegara das lavras, se viera pelo bêco das Beatas, passara por detrás do palácio do bispo entrando no Grande Hotel pelo portão dos fundos?

Por certo que estava cansado de saber que nada trouxera dos garimpos, já que há questão de uma semana estivera em meu rancho na serra do Itambé o capangueiro Esmeraldo, tendo o mesmo verificado que muito ainda faltava para o começo da apuração do cascalho amontoado nas margens do ribeirão da Taquara. Talvez quisesse saber das últimas novidades sôbre a contenda das lavras do rio Vermelho, onde cumprindo uma ordem judiciária baixada pelo juiz de Direito do Cerro, uma coluna policial ocupara o mais rico garimpo da redondeza pondo em pé de guerra mais de trezentos garimpeiros na "corrutela" da Coruja. Fôsse lá qual fôsse o motivo, não poderia deixar de atender ao chamado, e, enquanto me vestia ia pensando naquele velho mineiro, possuidor da mais estranha personalidade.

Sempre escondido naquele pequeno quarto de madeira dependurado no sótão da velha casa onde residia e onde também instalara a sede da sua fantástica Companhia Norte de Mineração, êle, de cabelos louros, olhos miúdos de um azul celeste, nariz grande, trajando sempre um terno sovado de casimira inglêsa com sua insubstituível gravata borboleta, aquêle homem manejava com a vida de milhares de pessoas, controlava os trabalhos em dezenas de léguas quadradas de garimpos, mantendo para isso um complicado sistema de relações comerciais, que iam desde a compra do mais barato e desvalorizado "chibiu" até o arriscado contrabando de pedras de maior valor, feito na maior das vêzes a custa de muito sacrifício em vidas e dinheiro.

De tudo seu Álvaro entendia, tudo comprava e também tudo vendia. Sentado em sua cadeira de balanço de vime, rodeado por estantes de vidro onde se viam amostras de minerais das mais variadas procedências, abrindo de vez em quando a gaveta de sua escrivaninha para dela tirar pedaços de bolacha que depositava carinhosamente na bôca de um felpudo gato angorá, seu companheiro inseparável, efetuava naquele pequeno escritório, que mais parecia um museu, as mais extravagantes transações, comprando diamantes, vendendo ouro, intrigando uns, ajudando a outros, ganhando sempre de todos.

Muitos como eu já haviam subido por dezenas de vêzes aquela escada íngreme e apodrecida pelas chuvas de anos, passando por aquela porta roída pelos ratos para ouvir a palavra experiente do homem mais temido em Diamantina. Desde o mais arrogante senhor de lavras ao mais humilde faisqueiro, desde o errante capangueiro ao mais frio comprador estrangeiro por lá tinham passado, apertado aquela mão esguia e bem tratada, deixando ao se retirar, um pouco de seus interêsses e muito de sua própria vida. Seu Álvaro era o responsável intelectual por tudo que acontecia nas lavras, promovendo lutas sangrentas, fomentando intriga e desunião entre aquela gente simples, jogando uns contra os outros na velha política inglêsa de dividir para melhor dominar. Se fôsse possível dizer que uma cidade tem cabeça, eu chamaria àquele pequeno escritório de *o cérebro de Diamantina*.

Onze horas. Deixei o Grande Hotel, atravessei a rua do Amparo e comecei a subir a velha escada. Lá de cima, escapando por uma fresta das tábuas empenadas da porta, vinha uma luz amarela em meio de espirais da fumaça do cachimbo que seu Álvaro trazia sempre prêso aos lábios, mais para disfarçar seu enorme nariz que pelo vício de fumar. Entrei sem bater.

— Então amigo, como sempre pontual. Sente-se aqui ao meu lado, precisamos falar.

Só depois de me ter sentado numa cadeira que ficava ao lado da mesa grande que tomava todo o pequeno compartimento é que notei a presença de um mulato magro, forte, vestido apenas com uma calça riscada e camisa de brim branco, que mantinha um proposital alheiamento à minha chegada, recostado por sôbre um caixão emborcado no fundo, atrás da porta da entrada.

— Êste aqui é o Graciano, caseiro de minha chácara, pessoa de minha inteira confiança — disse seu Álvaro, notando minha surprêsa.

— Boa noite, Graciano!

— Boa noite, moço!

— Mandei chamá-lo para tratarmos de um assunto de grande interêsse para mim e que por certo irá proporcionar-lhe certa vantagem. Como dispomos de pouco tempo, graças ao adiantado da hora, peço-lhe que não me interrompa com perguntas inúteis, ouvindo-me com atenção. As considerações ficarão para depois. Bem, vamos ao assunto.

No ano de ..., o ano pouco importa. Há questão de uns seis anos, devido à imperícia ou à má fé de um meu representante na lavra de Santa Maria, passei a ser possuidor de um belíssimo diamante azulado, que, se à primeira vista parecia ser perfeito e de um valor extraordinário, examinado com lentes verificou-se ser o mesmo defeituoso, tendo uma mancha escura que, começando num dos lados, penetrava até quase ao meio da pedra. Êsse diamante custou-me uma fortuna.

— Mas afinal foi para isso, para me contar a história de um mau negócio que o senhor me fêz vir ao seu escritório a estas horas da noite?

— Calma, meu amigo. Já lhe pedi que me ouça pacientemente e deixe suas perguntas para depois. Assim não chegaremos aonde quero. Como lhe ia dizendo, verificado o lôgro em que caíra, tentei vender o diamante azul mesmo com algum prejuízo, fazendo-o aparecer nas lavras mais distantes possíveis. Assim é que, durante cêrca de dois anos, andou o "Estrêla Cadente", êsse foi o nome que dei à malfadada pedra, de Mato Grosso para Goiás, de Goiás para a Bahia, sem que possível me fôsse conseguir pelo menos a metade do que me custara.

Ciente de que não conseguiria vendê-lo com facilidade, sepultei o diamante azul em meu cofre forte, fazendo correr a notícia de que o mesmo havia sido vendido no Rio de Janeiro a um judeu holandês. Talvez isso lhe pareça estranho, mas para nós, acostumados com as coisas das lavras, nada mais justo que o ter feito desaparecer o "Estrêla Cadente", já que todo o diamante célebre é como a mulher bela: não deve ser visto e possuído por muitos. Quanto menos fôr notado, mais valor terá.

Antes de entrarmos na parte principal de nossa conversa, vamos beber um gole de vinho para esquentar o frio e espantar os maus espíritos. Graciano, vá lá dentro e traga aquela garrafa branca que está no móvel grande da sala de jantar.

Agora vamos ao final do assunto. Hoje, passados tantos anos, depois de tantas lutas, é chegado o momento de ser vendido o "Estrêla Cadente", e o amigo é quem irá fazê-lo. Acabo de receber um telegrama de Belo Horizonte de um comprador inglês, que vem a Diamantina em missão comercial, representando uma grande firma holandesa, interessada na aquisição do produto nacional.

Ninguém melhor que o amigo poderá vender ao tal "mister" Browne o meu diamante azul. Como é sabido, o senhor tem sido muito feliz nas lavras e seu serviço na serra do Itambé tem soltado muito "chibiu" e até mesmo alguma "pedra grossa" o que muito facilitará sua missão nesta difícil empreitada que lhe irei propor... Para que meu plano surta o efeito desejado, é preciso que estejamos de pleno acôrdo e que ninguém saiba de sua vinda a meu escritório esta noite, motivo pelo qual mandei chamá-lo tão tarde. Tudo que aqui se passou e tudo que ainda me resta a dizer-lhe, deverá ficar entre estas quatro paredes.

Por tôda esta semana deverá chegar a Diamantina o tal comprador inglês, que está em Belo Horizonte aguardando condução para cá, e para êle iremos vender o malfadado "Estrêla Cadente". Quando "mister" Browne desembarcar na cidade, forçosamente virá ter ao meu escritório, e então eu lhe venderei uma boa partida de diamantes, na qual perderei alguns contos de réis, para... como se diz, adoçar a bôca do gringo e melhor conduzi-lo ao "Estrêla Cadente". Satisfeito com nossa primeira transação que por certo lhe dará um bom lucro, fazendo-o ter uma impressão errônea de minha capacidade comercial, juntos, eu e o amigo lhe venderemos a maldita pedra azulada que tantos anos de vida me roubou.

Para que tal aconteça é preciso que regresse hoje mesmo para as lavras, levando consigo a pedra, isso tudo debaixo do maior segrêdo possível.

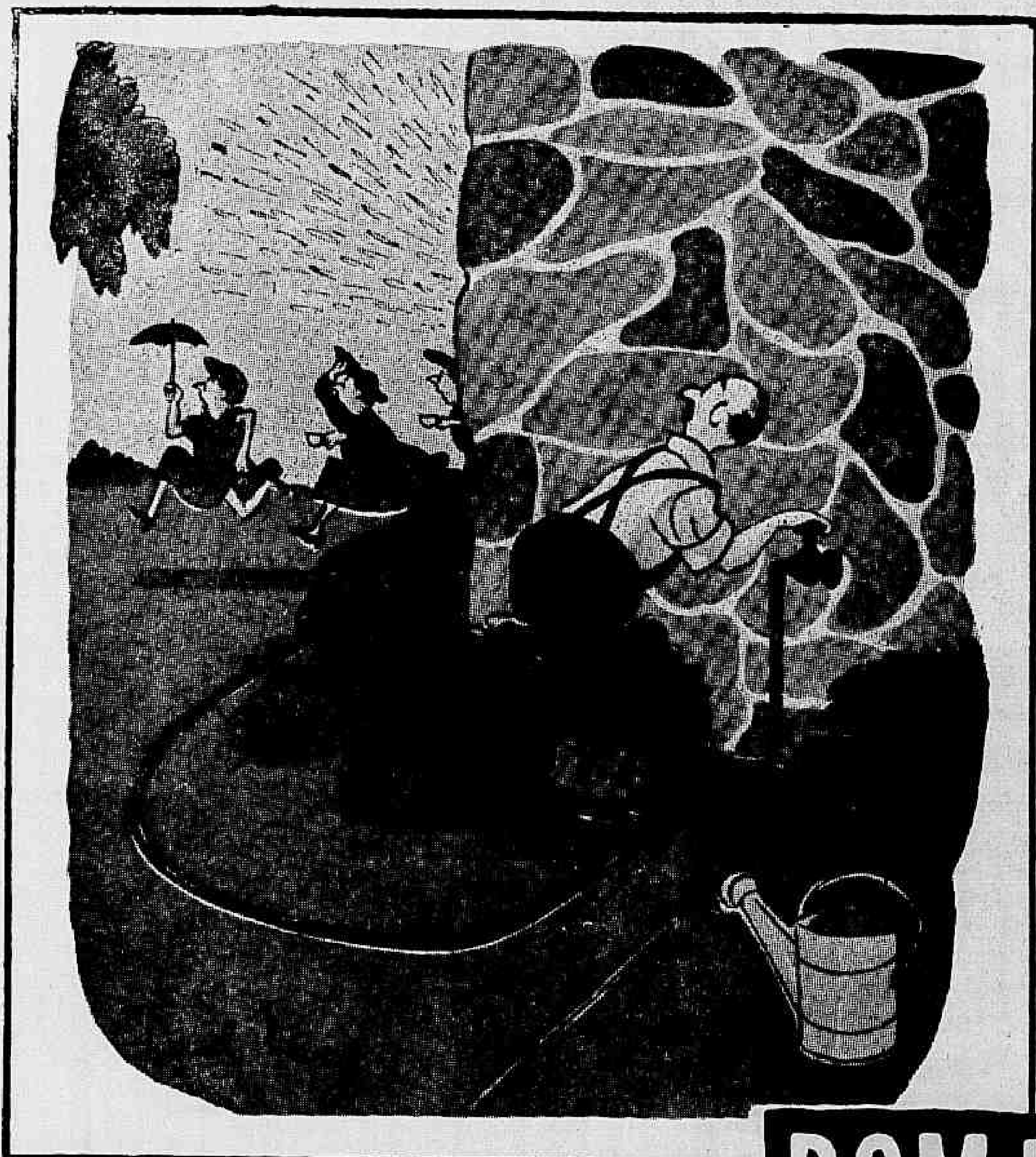
Chegado em seu rancho, passados alguns dias, deverá escrever-me uma carta, na qual o senhor me dirá ter encontrado um diamante muito grande e de rara beleza, solicitando minha ida até lá para efetuarmos negócio. Excusado será dizer que na tal carta o amigo deverá deixar transparecer a maior confiança em mim e também uma grande inquietação ante a incerteza do real valor do diamante encontrado. Enquanto o senhor regressa e a sua carta chega, "mister" Browne deve já estar aqui ao meu lado.

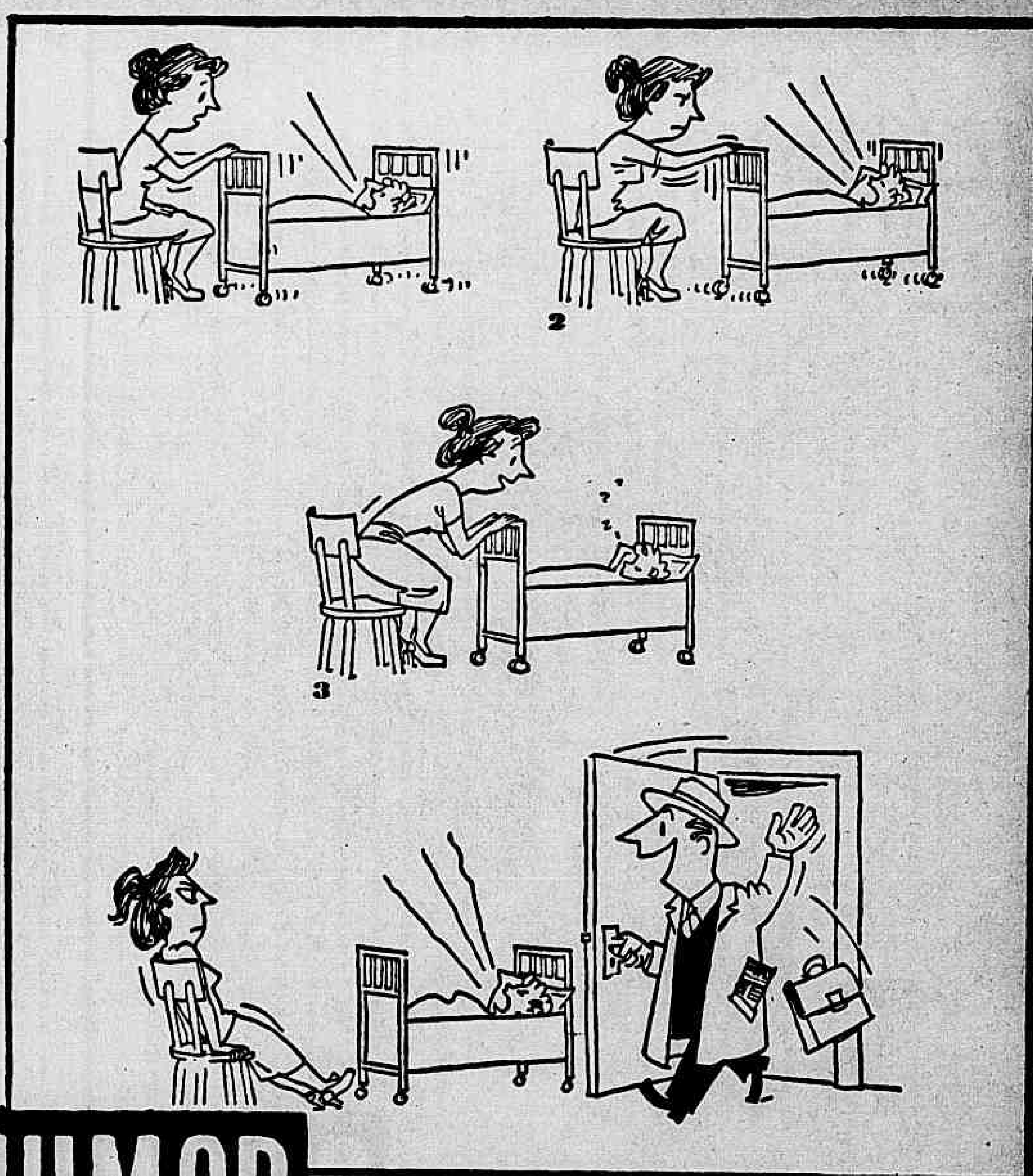
A pedra me custou há alguns anos cêrca de quatrocentos contos e o que o amigo conseguir a mais de quinhentos é seu. De acôrdo?

Dando-me as costas, imprimindo um movimento giratório em sua cadeira, seu Álvaro abriu seu cofre-forte, dêle retirando um pequeno saco de couro amarrado fortemente com uma correntinha prateada, colocando-o sôbre a mesa.

Confesso que fiquei perplexo ante a proposta que aquêle homem que para mim era quase que um desconhecido

(Cont. na pág. 52)

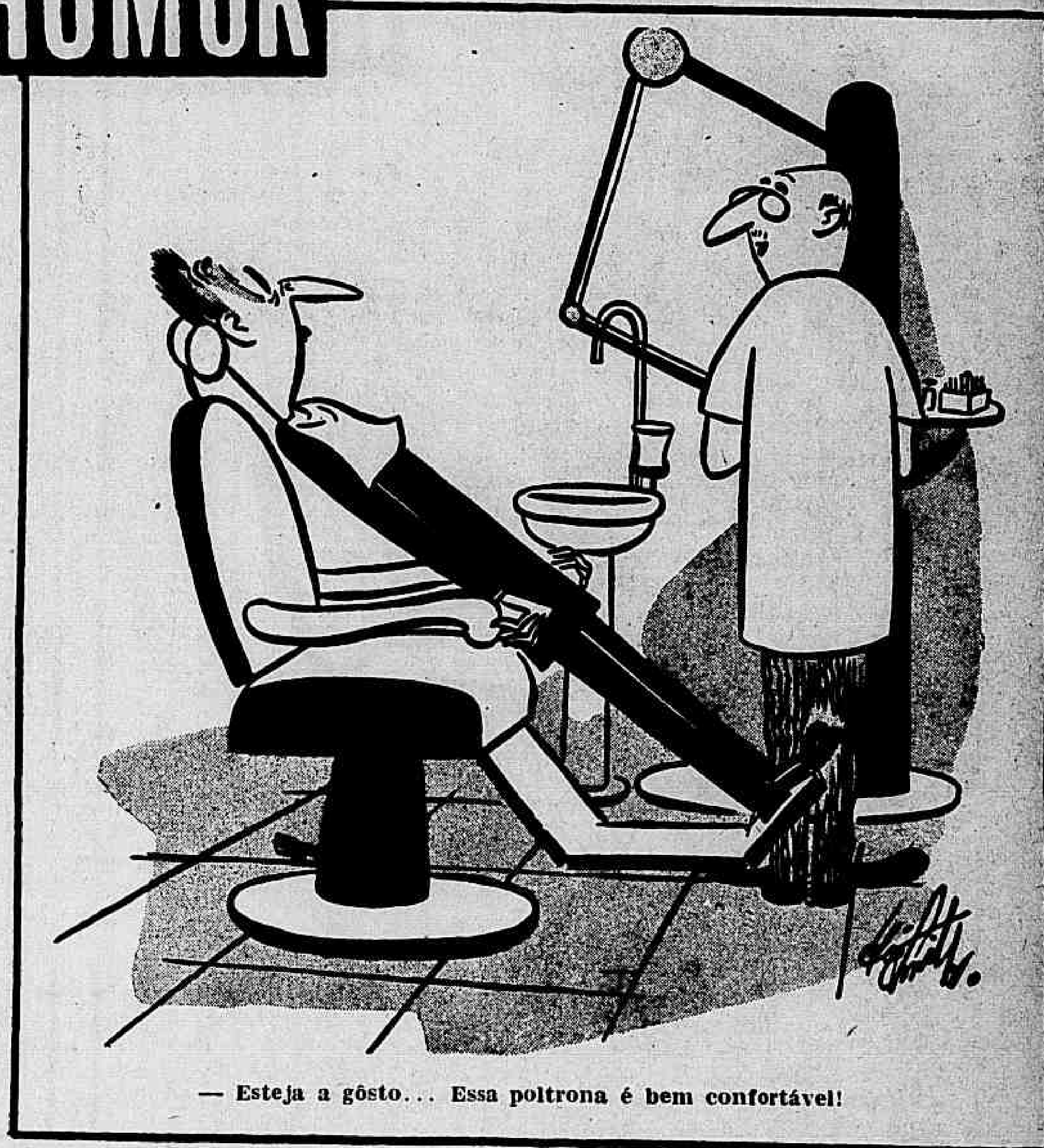




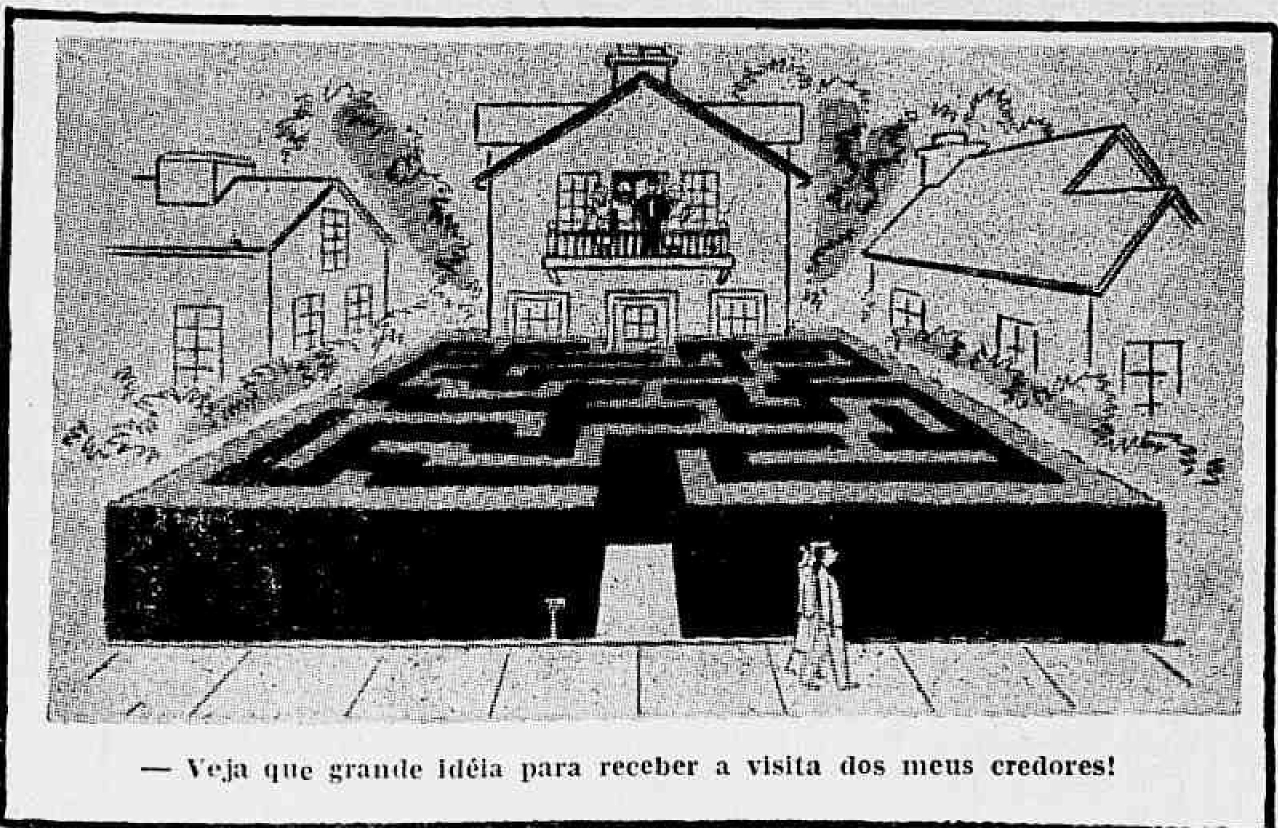
BOM HUMOR



— Vamos, fale logo... Que aconteceu desta ve?



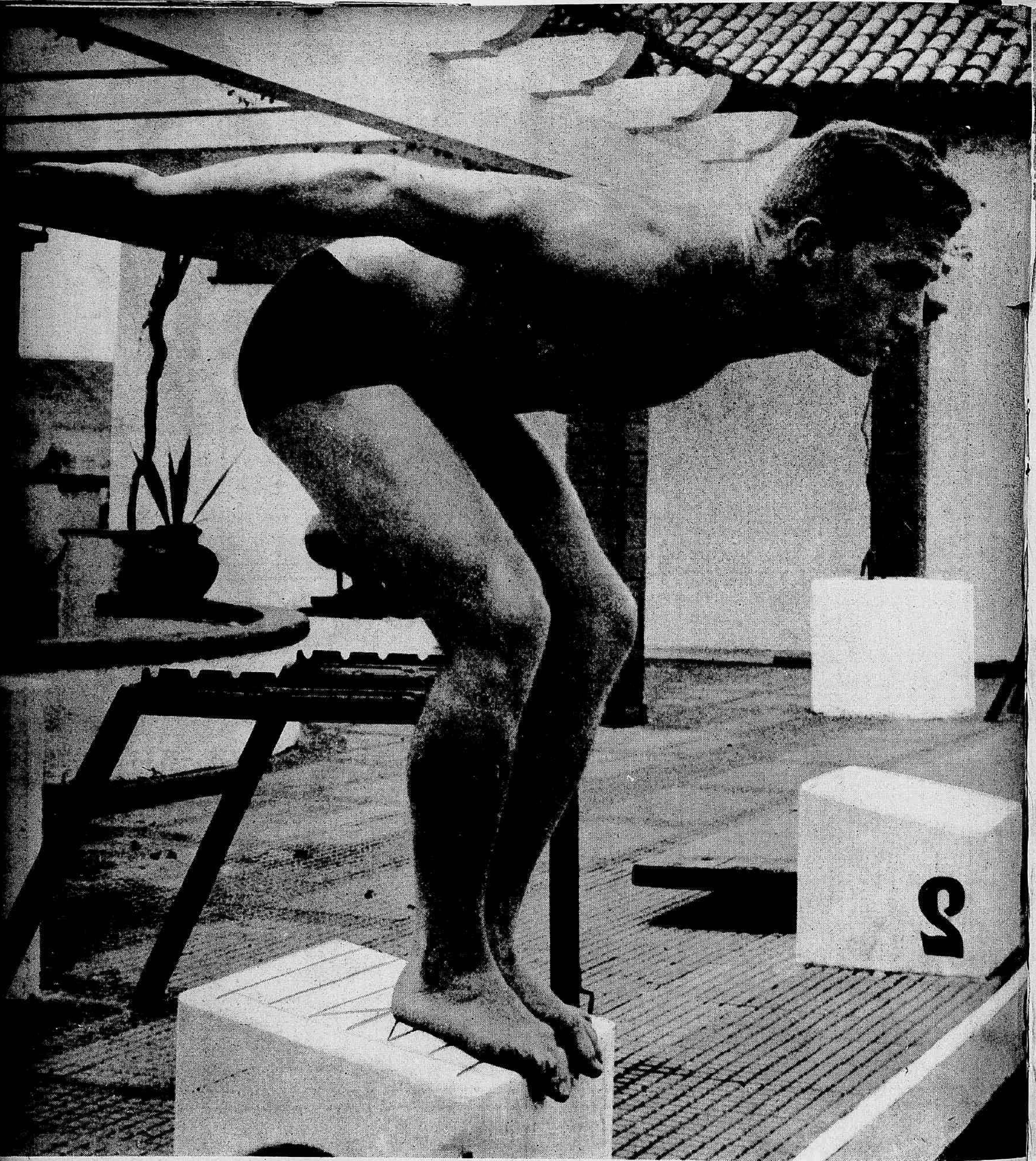
— Esteja a gôsto... Essa poltrona é bem confortável!



— Veja que grande idéia para receber a visita dos meus credores!



— Êste retratinho da família tem dado uma sorte nas gorgetas...



O 1.º ALUNO DO TURMA — HUGO DE OLIVEIRA PIVA (SÃO PAULO)

OS CADETES DA AERONÁUTICA

SETENTA e dois jovens brasileiros, cadetes de Aeronáutica e componentes da turma de 1949, estão neste momento aptos a receber o título de aspirantes. São rapazes do Rio e dos Estados, que se dedicam à quinta arma, prontos para servir a Pátria no exercício de sua árdua mas gloriosa missão.

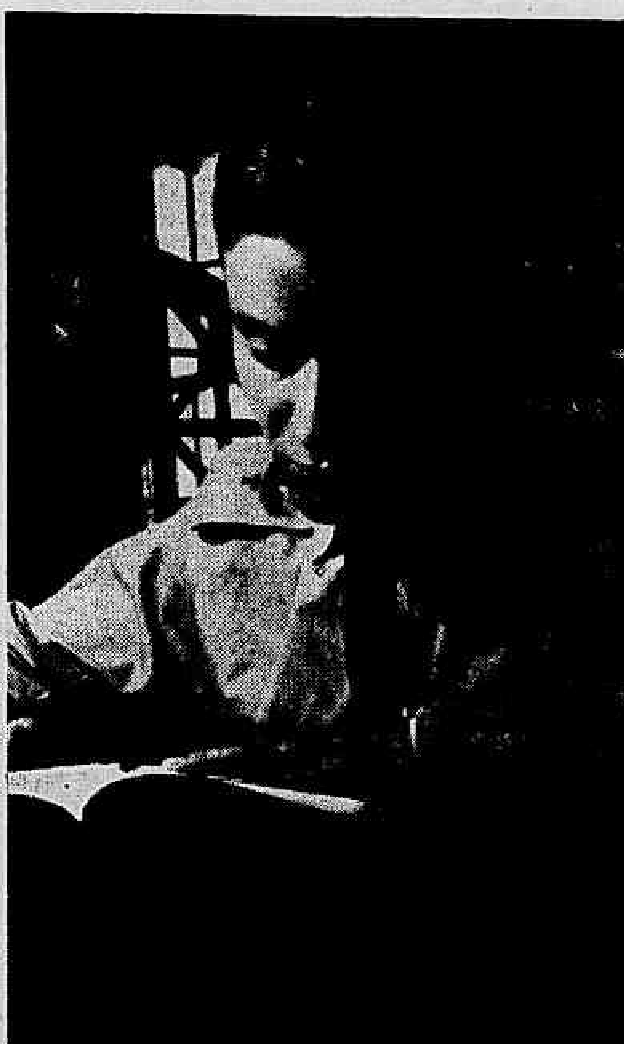
Ungidos do mais sadio entusiasmo, êles tiveram de submeter-se a pacientes estudos até conseguirem o almejado título com o qual, a partir deagora, poderão tornar-se úteis e eficientes servidores do Brasil.

Nesta e nas páginas seguintes, oferecemos aos leitores flagrantes fotográficos de uma parte desses cadetes, reservando para o número próximo a parte final, cuja publicação obedece à respectiva ordem alfabética.

Damos também, ao alto, a foto do primeiro aluno da turma, Hugo de Oliveira Paiva, natural de São Paulo.

A TURMA DE ASPIRANTES DE 1949 ★ SETENTA E DOIS JOVENS QUE TERMINAM O CURSO COM BRILHANTES PROVAS ★ OUTROS FLAGRANTES NO PRÓXIMO NÚMERO


ADINOR FRANCO
(Estado do Rio)


ÁLVARO LUIS DE SOUSA GOMES
(Distrito Federal)


ANTÔNIO CARLOS PASTOR TOSTES
(Distrito Federal)


ANTÔNIO CARLOS DE PAIVA PESSOA
(Distrito Federal)



ANTÔNIO CASTELO BRANCO
BITTENCOURT (Ceará)


ANTÔNIO CLARET JORDÃO
(Minas Gerais)


ANTÔNIO FERREIRA DA SILVA
(Minas Gerais)



ANTÔNIO FRANCISCO FERREIRA
NOVELINO (Estado do Rio)


ANTÔNIO JOSÉ MOREIRA LUZ
(São Paulo)


ANTÔNIO MÁRCIO DINIZ
(São Paulo)


AROLDO CORRÊA DE MELO
(Distrito Federal)


AURY SANTOS MACIEL
(Distrito Federal)



CARLOS DUARTE DA SILVA FORTES
(Minas Gerais)



CÁSSIO DE BARROS PERLINGEIRO
(Estado do Rio)



CÉLIO CUNHA
(Estado do Rio)



CLAUDIO THIBAU
(Distrito Federal)



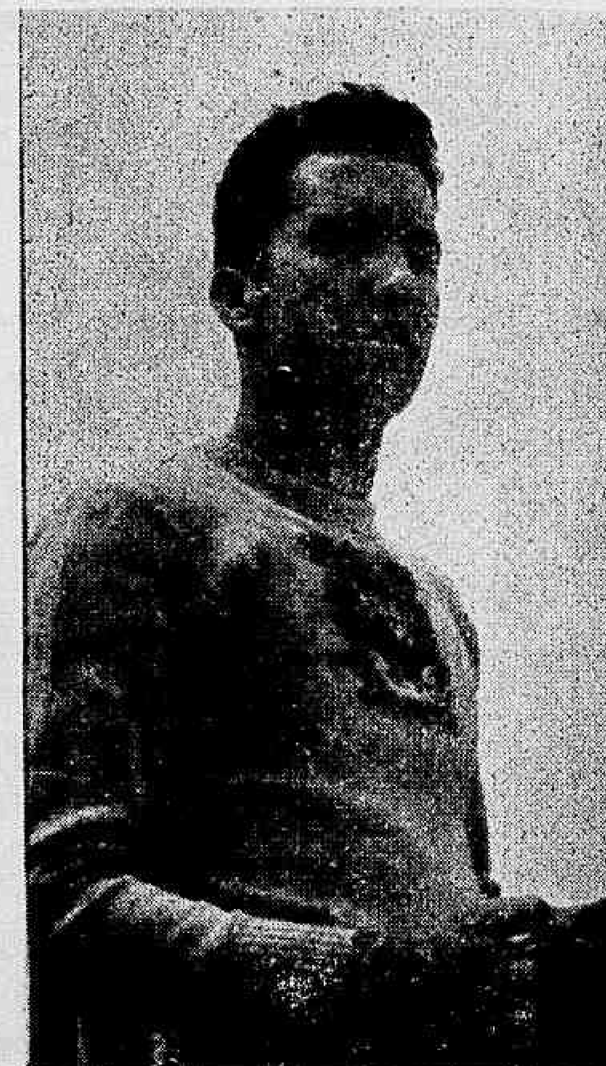
DILSON CARNEIRO DANTAS
(Distrito Federal)



EDSON AUGUSTO TEIXEIRA
(Distrito Federal)



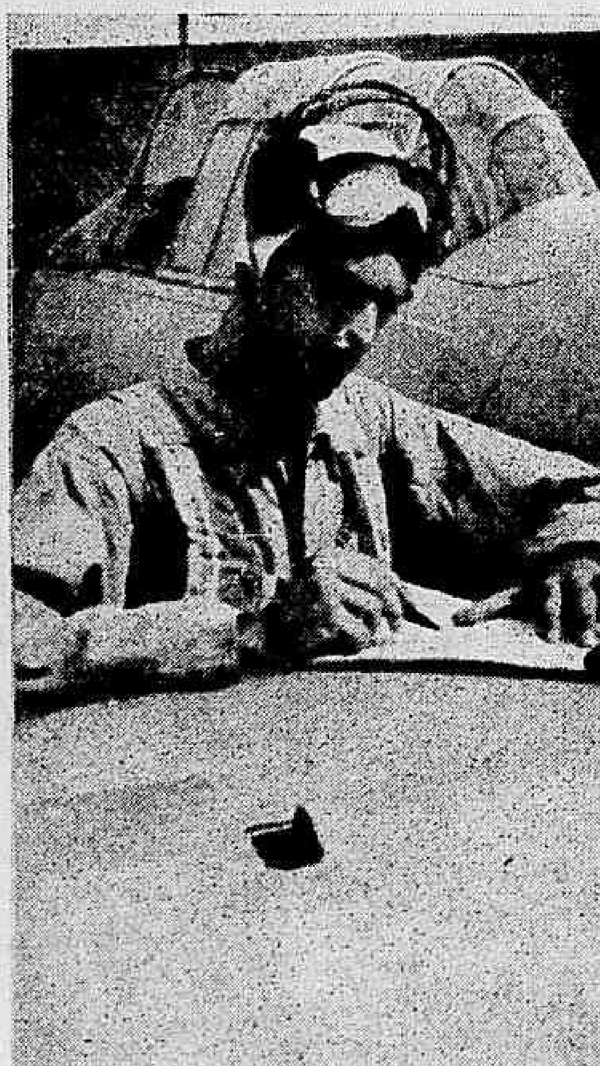
ÊNIO LOPES RODRIGUES
(Distrito Federal)



FRANCISCO VAREJÃO DA FONSECA
(Santa Catarina)



GENARO MENEZES NASCIMENTO
(Sergipe)



GERALDO LESSA DA CUNHA CANTO
(São Paulo)



GETÚLIO OLIVEIRA
(Rio Grande do Sul)



HENRIQUE ALBERTO PEÇANHA TOMAZ
(Estado do Rio)



HILDEBRANDO PRALON FERREIRA LEITE
(Distrito Federal)



HONÓRIO LUIS FREND VARGAS
(Distrito Federal)



HUGO HARTZ
(Rio Grande do Sul)



ION OSCAR AUGUSTO
(Ceará)



IVAN BERNARDINO DA COSTA
(Distrito Federal)



IVAN CARVALHO
(Piauí)



IVAN FRANKLIN CORREIA
(São Paulo)



ISIDORO AUGUSTO PEREIRA CASCARDO
(Rio Grande do Sul)



JAIR BRITO DE OLIVEIRA
(Distrito Federal)



JAIR DE AMARAL VASCONCELOS
(Distrito Federal)



JOAQUIM DÁRIO D'OLIVEIRA
(Distrito Federal)



JOEL DE MIRANDA
(Distrito Federal)



MUITA GENTE daria um doce para saber o que estavam dizendo ao Sr. Valadares no almôço de Brocoió, especialmente diante dessa expressão psicológica do Prefeito do Rio



O GENERAL Mendes de Morais é amigo dos animais. Se não o fôsse, a Capital da República não possuiria um Zoo admirável. Vêmos o Prefeito catequizando um macaquinho

ALMÔÇO EM BROCOIÓ

A ilha de Brocoió com o seu belíssimo palacete e seus jardins bem tratados no fundo da Bahia, é hoje propriedade da Prefeitura do Distrito Federal, e, como o Palácio Rio Negro em Petrópolis é residência de verão do Presidente da República, fêz-se Brocoió a residência do Prefeito do Rio de Janeiro em sus "week-end" bucólicos.

Ali esteve Tyrone Power vivendo seu romance com Annabella, do que resultou o casamento dos "astros" de Hollywood; também em Brocoió se hospedou Madame Chiang-Kai-Shek, todos sendo unânimes em declarar que, se Paquetá é "um céu profundo", Brocoió encerra o mistério dos lugares sagrados...

A ilha é pequena, poética, bucólica e capaz de inspirar poemas a qualquer alma de artista.

Passando das mãos de um particular para o poder municipal, pode a ilha encantadora, dotada de lindos melhoramentos e de um edifício digno de príncipes e imperadores, tornar-se um refúgio para os políticos em férias, ou um recanto de recreio para estudantes necessitados de ar, praia e alegria.

Agora, a 15 de novembro, Brocoió esteve na berlinda. Tôda a imprensa se ocupou da ilha, não como motivo poético e lírico destinado a cantores e mestres das artes plásticas, mas como assunto político.

O Prefeito do Rio de Janeiro convidara o sr. Presidente da República e vários membros do govêrno, altas patentes e legisladores, para uma tarde em Brocoió.

Para lá se dirigiram cantores e artistas com suas gargantas afinadas e seus instrumentos de serenatas. Um almôço encantador, um ágape que jamais seria esquecido pelos convivas.

Diante do mar sereno, num dia gloriosamente lindo, cheio de sol, um almôço em Brocoió, ordenado pelo Prefeito e em meio de tantas personagens de escól, seria motivo de encantamento, excelente maneira de comemorar-se a proclamação da República.

E tudo correu maravilhosamente bem.

O Presidente Eurico Dutra, o Prefeito, senadores, deputados ,generais, politicos lá estiveram, conversaram, respiraram os livres ares marinhos, divertiram-se, ouviram música popular e voltaram retemperados para as lutas árduas que o Estado e seus negócios lhes exigem.

Mas o povo murmurou. A imprensa, sempre de ôlho vivo e olhar de lince, descobriu coisas...

Como não podia deixar de ser, ninguém aceitou como "leit-motiv" as razões do passeio e do almôço em Brocoió que os políticos comensais deram.

O sr. Bias Fortes lá esteve e fêz discursos. Numa certa parte disse o politico mineiro que a Presidência da República é aspiração de qualquer brasileiro.

O General Góis Monteiro também falou. Naturalmente, inspirado com o meio ambiente, lembrou-se das aventuras de Ulysses, de Enéias, das Nereidas do Mediterrâneo e falou em coisas mitológicas, deliciando os presentes com sua erudição histórica.

Também o Ministro da Justiça falou. Sendo como é o titular da pasta politica, da politica interna, suas palavras tiveram grande repercussão.

O General Prefeito também se pronunciou. Todos afirmaram ou reafirmaram sua solidariedade ao sr. Presidente da República, provocando manifestações na imprensa do Rio e dos Estados. Mas o General Dutra ouviu e nada disse. Manteve-se calado, ouvindo e vendo. Nada disse que aumentasse ou diminuisse o direito de comentar.

De qualquer forma foi uma bela excursão. O almôço oferecido pelo Prefeito do Distrito Federal teve o objetivo de reunir amigos e colaboradores do govêrno num ambiente de paz, confôrto e fraternização.

Brocoió saiu, como por encanto, de sua obscuridade e irrompeu em "manchettes" de letras gigantescas em todos os nossos jornais. Os cronistas politicos ou simplesmentes literários afiaram a imaginativa e surgiram em público com artigos vivos, palpitantes, sérios ou jocosos.

Brocoió como que se vingava de sua rival, Paquetá. Não tem lá muitos coqueiros, mas que o céu é também ali profundo e seus encantos atraem até o Presidente da República, Ministros, deputados e senadores, ninguém pode negar. Paquetá pode ser mais poética; mas em Brocoió podem ser traçados os destinos do Brasil...



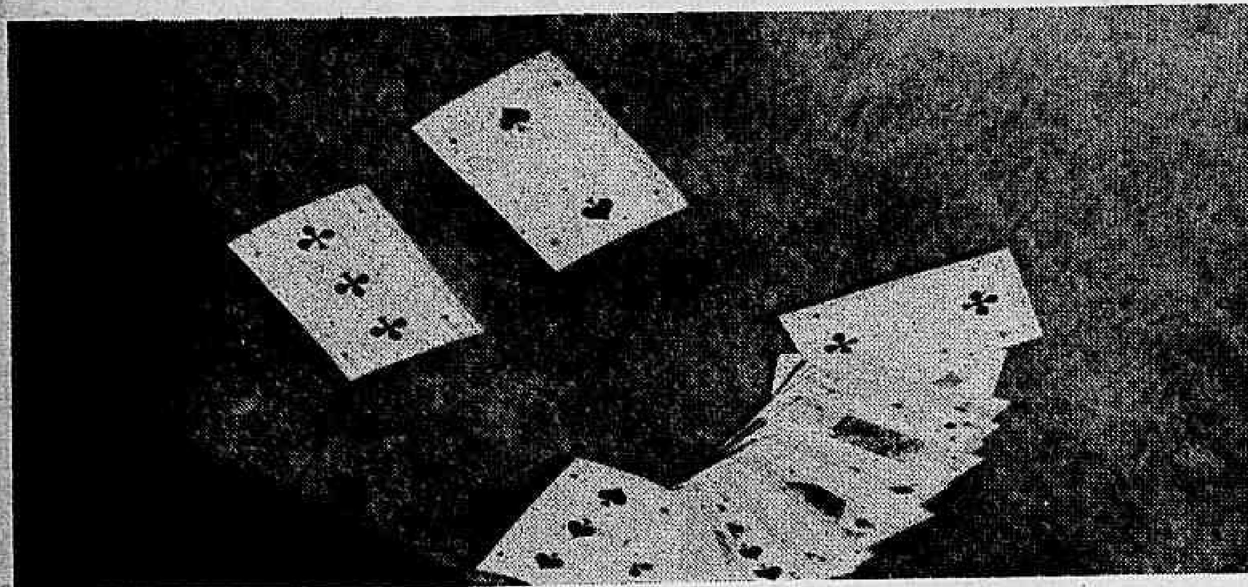
A MENINA de cinco anos, Gianella de Marco, a sensação da atualidade, foi motivo de palestras na excursão a Brocoió. Depois do almôço o Sr. Presidente da República passa uma vista de olhos em fotografias tiradas no Teatro Municipal, com pôses de Gianella a reger a Orquestra, não podendo ocultar sua admiração diante da precocidade dêsse gênio



MOMENTO INTERESSANTE entre os convivas do almôço republicano de Brocoió. Um deles faz um discurso, naturalmente procurando pesar bem as palavras, enquanto o general Góis Monteiro saboreia o seu vinho generoso e sorri enigmaticamente. Em baixo, um coquetel antes do almôço para abrir o apetite, ao som da música de Dorival Caími e outros.



VOCÊ PODE TORNAR-SE UM GRANDE MÁGICO!

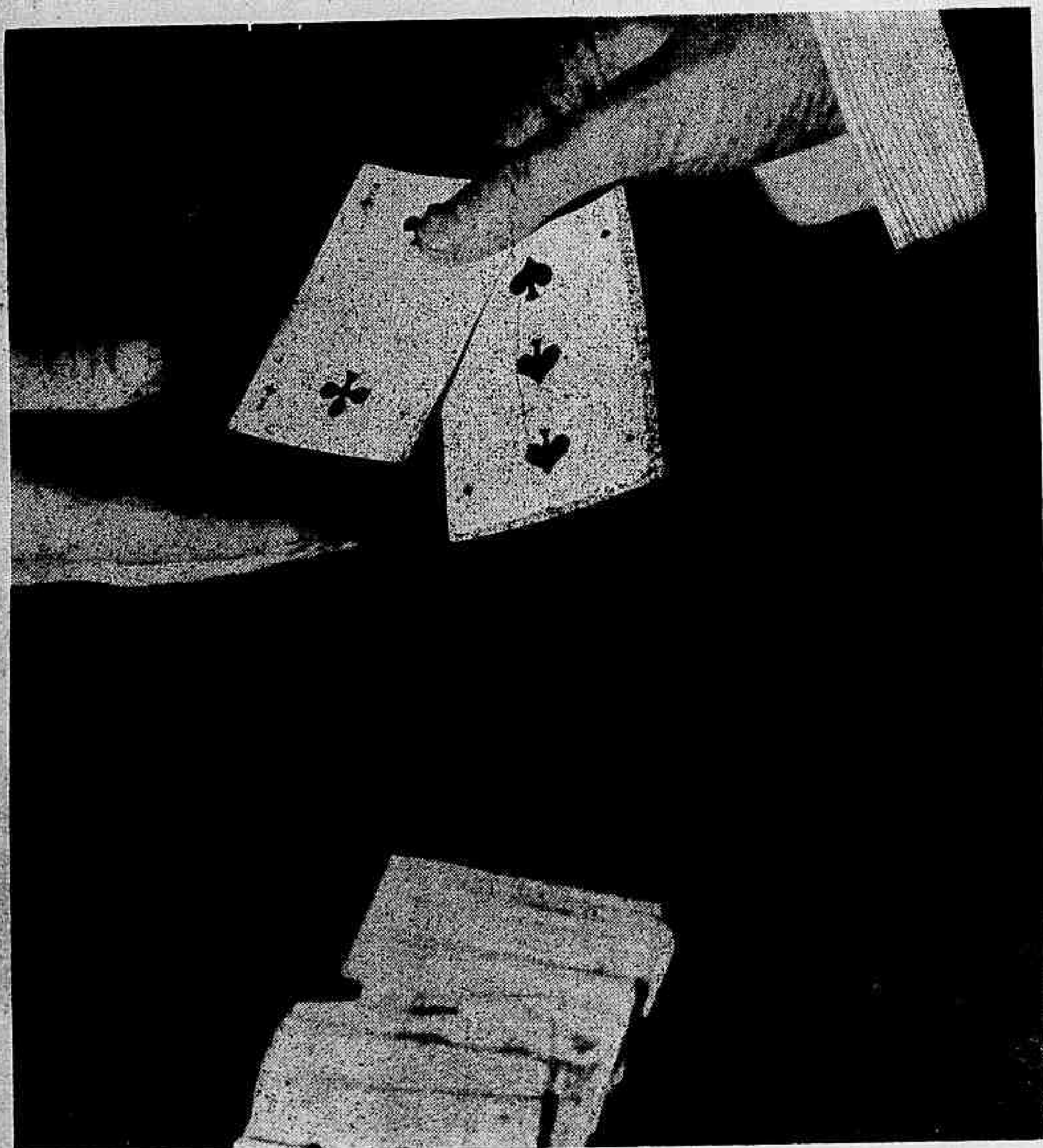


1 O truque do baralho é dos mais simples, embora de efeito surpreendente. Consiste em "adivinhar" as duas cartas que a "vítima" previamente escolheu: dois de paus e três de copas, por hipótese. Feita a seleção, não é difícil simular que tôdas as cartas foram novamente baralhadas, mas está claro que as duas visadas foram habilidosamente deixadas por baixo.



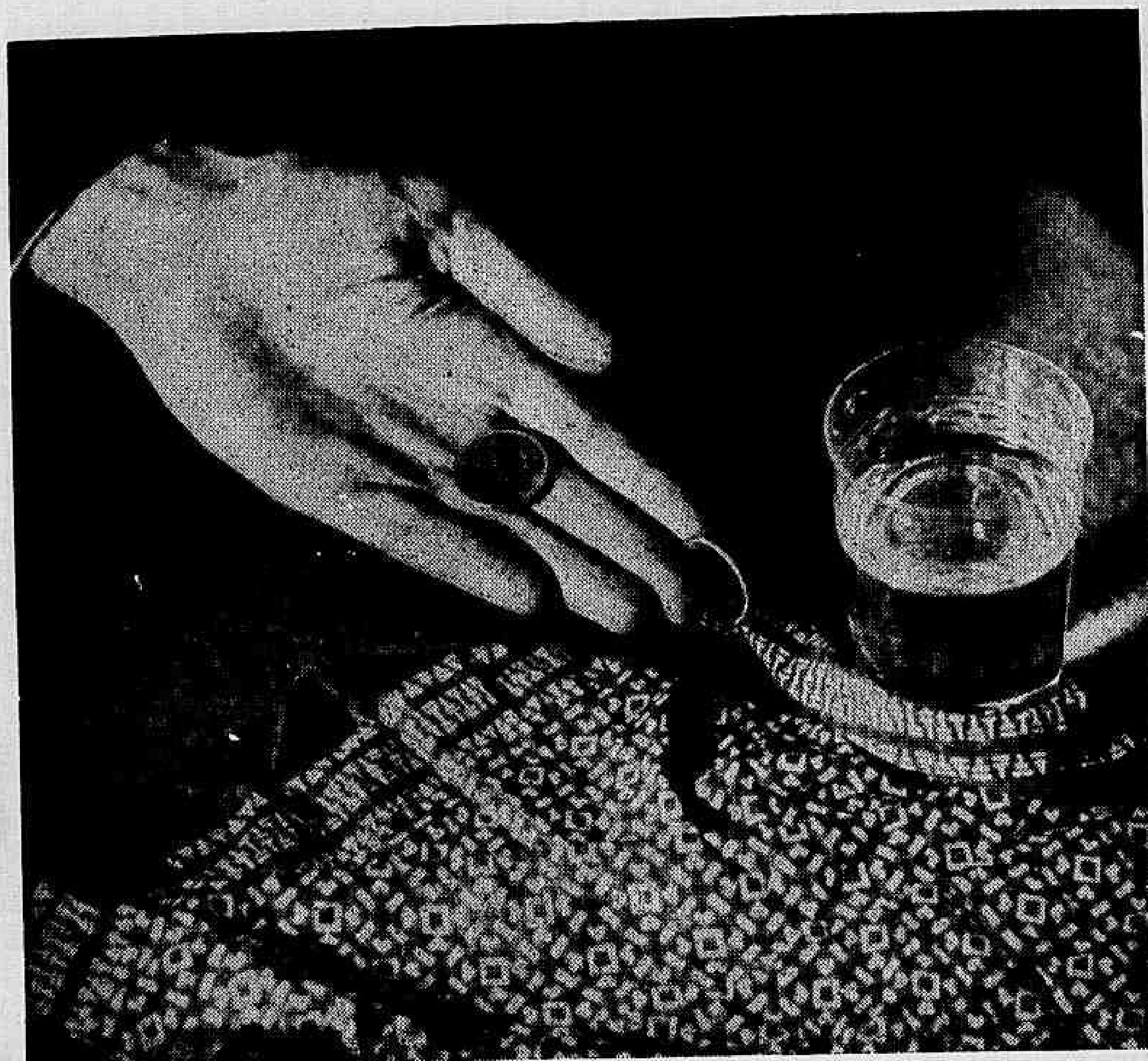
2 Repare na maneira por que se encontram baralhadas as cartas e procure reter sempre, entre os dedos, as duas que o seu parceiro escolheu. Tudo depende da rapidez com que o senhor conseguir proceder a êsse serviço. Não há necessidade de marcar as cartas nem de outro recurso ou mistificação. Quando receber o baralho, já deve estar preparado para o "serviço".

O TRUQUE DO BARALHO

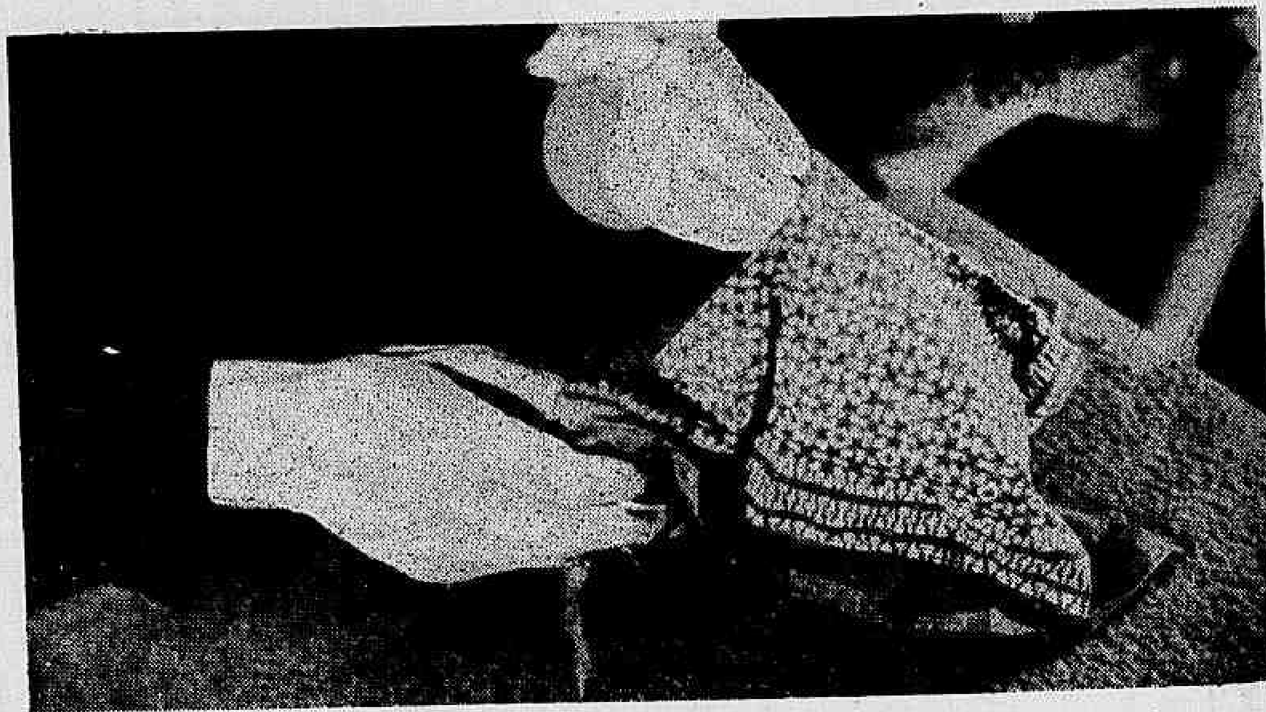


3 E pronto... Aqui estão os dois de paus e três de copas devolvidos ao paciente, enquanto as demais cartas ficam de lado, por desnecessárias. Na realidade, elas não fizeram mais que auxiliar o trabalho de confusão e de suposta mistura, quando desde o princípio as cartas visadas permaneciam sob a vigilância de seus dedos ágeis. Mas, acima de tudo, muita agilidade!

O TRUQUE DA MOEDA E DO COPO



1 Ponha uma moeda num lenço e mande alguém segurá-lo sôbre um copo com água. Mande a pessoa soltar a moeda dentro do copo e em seguida puxe o lenço; não haverá senão água no copo e o senhor poderá tirar a moeda do lenço ou de outro qualquer lugar. Para êsse truque é preciso um pedaço de vidro redondo exatamente do tamanho da moeda a ser usada. Procure numa casa de ótica.



2 Para trocar o vidro pela moeda, convém não agir com a habilidade de um escamoteador profissional. Acalme-se e faça os movimentos necessários com decisão e firmeza porque o resultado é infalível. Proceda escondendo na mão esquerda o pequeno círculo de vidro. Na direita, mostrará a moeda verdadeira. Peça a alguém para colocar um lenço sôbre suas mãos, bem juntas...



3 Agora force a moeda de vidro e faça que sua vítima segure a mesma sôbre o copo. Cuidado para que o lenço cubra completamente o copo. E depois de tirar a moeda do lenço, mostre-a imediatamente para que a examinem. Mas não permite que outros toquem nela... e em seguida vá colocá-la na pia da cozinha... Nessa altura a "vítima" estará certa do que realmente não aconteceu.

Nicodemus nos dá conta da maior ambição de uma

FEMME

QUALQUER...

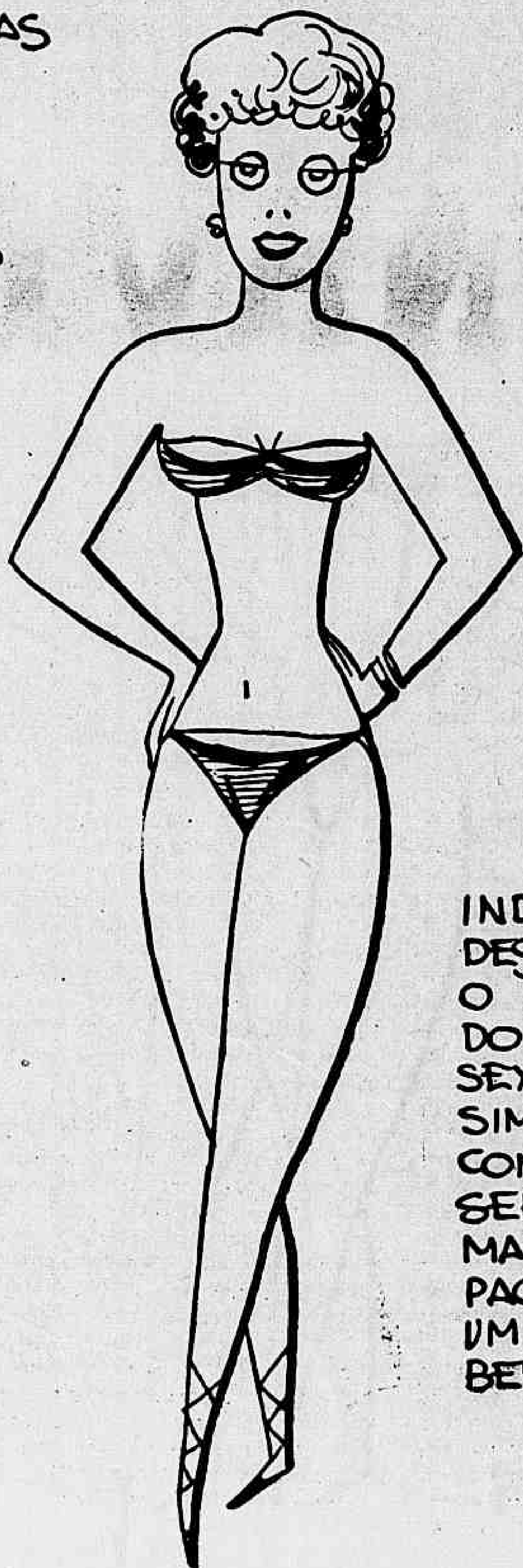
Deus
OU O DIABO,
COLOCOU ESTA DIGNISSIMA DAMA NO MUNDO...



POIS BEM:
ESSA MESMA DAMA,
DESDE CRIANÇA,
E JÁ FAZ ALGUM TEMPO,
CURTE OS MAIORES
SACRIFICIOS
COM O OBJETIVO UNICO
DE PARECER BELA...



FREQUENTA PONTUALISSIMAS
AULAS DE GINASTICA
SUECA
RITIMICA
TOMA BANHO DE LAMA
E DE OUTRAS SUBSTANCIAS
CONGÊNERES
E
PERFUMADAS
SUBMETE-SE
À RIGOROSA DIETA
NADA DE
BIFES
GORDURAS
PÃO
DOCES
NADA
PASSA 32 HORAS
POR DIA
FRENTE AO ESPELHO
OBSERVANDO
JULGANDO
DESESPERANDO
SE TAPEANDO
A
SI
MESMA...



SE
O CLIMAX
O SUPRA-SUMO
É ATINGIDO...

SE
NICODEMUS
NÃO SE ENGANOU
QUANTO À FIGURA...

SE
ESTA É REALMENTE A DAMA
SOBRE A QUAL ESTA HISTORIA
VERSA
RECONHEÇAMOS
DUAS COISAS:

A HABILIDADE E OS ARTIFICIOS
DOS SALÕES DE BELEZA
E O
INDISCUTIVEL
DESPRENDIMENTO
O ALTRUISMO
DO
SEXO FRAGIL.
SIM, A MULHER
CONSEGUE
SER BELA
MAS PARA ISSO
PAGA
UM PREÇO
BEM ALTO...



PERDÃO!



CANAVIAL

QUEM viesse pela estrada poeirenta que levada à vila. ouvia, ao transpor uma encruzilhada. um rumor um tanto longínquo como de uma pequena cachoeira. A primeira suposição que o viajante novato por aquelas plagas fazia, era que o vento ao passar, por entre a copa frondosa de uma paineira ao lado do caminho, carregando pequenos flocos de paina pelos ares, em seu vôo de despedida à mãe-árvore. fizesse aquêle ruido contínuo e grave. Mais adiante, ao chegar a uma elevação da estrada, sua dúvida se dissipava e êle sorria de seu engano em confundir o ruído do vento nas folhas com o da água que movia a roda dágua da moenda de um engenho. Mais ao longe, elevando a vista para a encosta do morro, seu olhos se detinham em um campo verde escuro que se perdia de vista, subindo e acompanhando a ondulação graciosa do terreno. Era o canavial, que baloiçava e ondeava como um mar calmo tocado levemente pela brisa. O viajante parava então a montaria e ficava por uns instantes a admirar aquêle tapete verde que ondeava lembrando o baloiço macio de uma rede. A roda enorme, tocada por um ribeirão de águas escuras, cobria quase tôda a parede lateral da reforçada construção onde se alojava o engenho e estava coberta de um verde pardacento: o limo, que a água de longos anos ali deixara. Pelas paredes, plantas silvestres e a hera se confundiam num abraço, subindo acima até o telhado de telhas escuras do tempo e da fumaça. A construção de quatro paredes estava já esburacada, com o rebôco a desprender-se dos tijolos enormes como a mostrar a sua solidez que desafiava o tempo. Voltada para o canavial ficava a porta larga de batentes grossos de peroba e por onde entravam os carros de cana na época do corte. Vinham amontoados, amarrados aos feixes e assim entravam na moenda feita de um tronco inteiro de páu canela, já brilhante e pegajoso de tanta garapa que por êle passara.

Por uma bica jorrava a garapa em troncos escavados à semelhança de cochos, onde ficava para azedar. Enxames e enxames de moscas e vespas zumbiam em redor, procurando o adocicado do bagaço que tombava sob a moenda. Em frente ao engenho, ficava a casa grande, de telhados enegrecidos pelo tempo. de largos beirais onde se amontoavam enxus, ninhos e ervas que ali medravam à custa do barro do rebôco. Naquele casarão eu morava sozinho com uma preta velha que me acalentara em menino e que ainda agora ralhava de vez em quando comigo. Viera menina ainda para o engenho e ali crescera. casara e envelhecera. sempre querida do Sinhô-Velho e agora do Sinhô-Moço. Era a preta velha mais respeitada da fazenda, sempre às voltas com a cozinha da casa grande. e usando sempre uma touca e um avental imaculadamente brancos, que não tirava nem para ir à vila. Esse casarão, que às vezes me parecia imenso para uma pessoa só, sempre envolto num silêncio de catedral, era circundado por um alpendre que fôra pintado de verde e estava agora cheio de latarias à imitação de vasos onde crescia tôda sorte de plantas: samambaias de folhas recortadas e compridas dependuradas pelas paredes, balançando com o vento suas folhas em sincronismo com o canavial; jasmins em grandes latas, cobertos de pequenas flôres estreladas, e que nas noites quentes de lua exalavam seu perfume doce que entontecia; corações de Sinhá, com suas flôres arredondadas em formato de coração e que tomavam tôdas as côres, desde o branco ao vermelho escarlate; brincos de princesa, que trepavam pela grade e pelos pilares até o telhado, derramando suas flôres brancas e vermelhas pelo chão do alpendre. Ao lado esquerdo da casa grande, separada por uma mangueira secular de tronco escuro e alto como uma tôrre. morava o administrador do engenho, em uma casa pequena, amarela e cercada de jaboticabeiras. Fôra o administrador de meu pai até sua morte e agora continuava a sêlo. sempre respeitador e afeito à vida da fazenda. Com êle morava Lúcia. sua filha única, morena linda, de talhe fino e longos cabelos negros que se espalhavam pelos ombros. Crescera na fazenda e fôra, em menina, minha melhor companheira de travessuras. Tinha uns olhos negros profundos que eu sempre que com ela falava não cansava de procurar e aquela amizade que vinha de tão longe, eu sentia que cedia lugar a outro sentimento que eu não podia deixar de transparecer em meu olhar. Lúcia. entretanto na sua alegria de flor de mato. sempre que conversava comigo, não deixava transparecer nada além da longa amizade que nos unia. E' que seu amor já estava reservado a outro, e êsse outro eu supunha ser Fernão, rapagão forte e um dos melhores cortadores de cana do engenho e de uma simplicidade que assentava maravilhosamente com a candura de Lúcia. Quanta inveja eu tinha daqueles sorrisos furtivos que êles timidamente trocavam e que eu surpreendia magoado, daqueles rápidos apertos de mão em que sua mãozinha pequena fugia dentro da mão enorme de Fernão, mãos calejadas e recortadas de filamentos negros deixados pelo fio cortante da folha da cana e pelo açúcar mascavo.

Eu comparava então aquelas figuras tão diferentes no aspecto. e de tanta harmonia interior e tinha a impressão de que quando aquelas mãos se fechavam na cinturinha fina de Lúcia, seu corpo devia se vergar como o caule da cana quando derrubado por elas. Fernão já estava na fazenda há algum tempo e eu notava que o amor entre êles crescia rapidamente e sentia também uma ponta de remorso em querer intrometer-me entre êles. Nas noites quentes em que o jasmin do alpendre cheirava mais forte, com um perfume que invadia a noite, e em que a lua espalhava sua luz fosca sôbre o canavial, Lúcia vinha sentar-se ao pé da mangueira. daquela mangueira que separava nossas casas. e de cabeça reclinada sôbre o tronco nodoso. sonhava, talvez com Fernão, querendo descobrir na fileira de casas lá em baixo a janela iluminada de seu quarto. A brisa noturna tirava melodias estranhas das folhas da cana, misturadas com o acompanhamento da roda dágua e o som metálico dos grilos. e que de vez em quando eram quebradas pelo grito dissonante de um curiango. Da penumbra de meu quarto eu ficava a admirar aquela forma de mulher e ansiava por poder tê-la ao meu lado. O luar furando a copa da mangueira punha rendas prateadas pelo chão e pelo corpo de Lúcia, e ela. com a ponta da sandália, rabiscava o chão acompanhando aquêles desenhos. Era mais nessas noites de desespêro em que a quentura do sol do meio-dia parecia se transmitir pela noite a dentro, que eu desejava que Lúcia viesse ser minha companheira naquele casarão e essas noites eram intermináveis. morosas. povoadas de sua imagem recostada na mangueira e de seus cabelos negros tornando-se cinzentos sob a luz da lua. No dia seguinte levantava-me disposto a falar a ela sôbre a minha resolução, mas via os dois subirem juntos até a porteira e sentia que não tinha o direito de interferir entre êles, conseguia dizer apenas num esfôrço sem gaguejar:

— Bom dia, Lúcia. Seu pai já saiu? Eu precisava falar com êle sôbre o corte da cana. Lúcia tomava-me o braço e íamos até sua casa à procura de seu pai.

A época do corte da cana ia chegar e tudo na fazenda irradiava movimento e trabalho. A garapa jorrava em bicas e os carros chiavam sob o pêso dos feixes de cana amontoados, e até a roda dágua parecia girar mais rápida. como a querer acompanhar o ritmo acelerado do trabalho. Todos os cortadores de cana viam o sol nascer depois de haver cortado boa quantidade delas e o facão afiado seguia pelo dia a dentro a

(Cont. na pág. 48)

Conto de JORGE W. HILSDORF ★ Ilustração de ARMANDO PACHECO







AOS 26 MESES

[illegible] idade que pela primeira vez Gladys Le Bas se apresentou ao público no Astral de Buenos Aires, "ilustrando uma conferência de sua mentora". Acreditem ou não, [illegible] meses ela recebia, da professora Corma de Kussrow, ensinamentos com o propósito de ser despertado o seu interêsse pelo piano, que foi o seu primeiro brinquedo.

GLADYS LE BAS

PEQUENAS MELODIAS E GRANDE PACIÊNCIA * MÉTODO NOVO * A PROFESSORA KUSSROW

De ROBERTO LYRA FILHO

Gladys Le Bas foi apresentada ao público carioca, não como uma menina-prodígio, um gêniozinho de cinco anos, imenso talento engarrafado em corpo minúsculo, mas como criança normal, cujo sentimento musical recebeu, muito cedo, o tratamento carinhoso e a orientação compreensiva de uma grande professôra.

Não se trata de mais um caso de criança "amadurecida à fôrça" (a expressão é de Roberto Lyra). Temos visto o cortêjo melancólico das meninas-prodígio, "precocidade que, em regra, é um minuto de luz imprevista e anormal a que sucede a constância da mediocridade, muitas vêzes resultado do esgotamento". Gladys Le Bas não foi arrancada ao ambiente próprio à sua idade, para o desenvolvimento apressado de aptidões mal esboçadas, de vocação que mal desponta. Não é um "prodígio" que executa, com precisão mecânica, as ordens de domadores desumanos, como um animalzinho ensinado, um pequenino autômato. Os aplausos que recebe não são estímulos trazidos pela cumplicidade inconsciente do público num crime contra a infância — a exibição e a exploração prematura de dotes consumidos na ávida industrialização do talento.

GLADYS LE BAS

Gladys Le Bas tem cinco anos de idade. Aos dezoito meses, foi apresentada à sra. Corma de Kussrow, a qual, "depois de sentá-la sôbre seus joelhos, começou, seguindo seu sistema, a despertar seu interêsse pelo teclado".

Jayme Pahissa conta como se realizou o milagre musical, transformando-se a menina numa pianista:

"Os jovos inventados pela pedagoga, para que a menina conseguisse, ao mesmo tempo, independência dos dedos, conhecimento do teclado, domínio dos sons, precisão de ritmo e memória musical lhe foram tão familiares que *aos vinte e seis meses* pôde ser apresentada ao público, ilustrando uma conferência de sua mentora no Teatro Astral de Buenos Aires".

Mas, desde que começou a oferecer uma série de concêrtos, visitando várias capitais, a professôra multiplicou os seus cuidados na escolha das peças para cada programa. Não recorreu ao processo condenável dos arranjos, para tornar mais acessíveis certas obras: procurou, cuidadosamente, entre a música dos maiores compositores a mais adequada às "possibilidades físicas e psíquicas" da menina.

Evidentemente, não houve, sequer, tempo para o desenvolvimento de uma técnica perfeita — cinco anos apenas tem a pianista... — nem as suas mãozinhas podem cumprir as exigências de certas obras, mas nem por isso lhe faltou um programa variado. Tomemos um dêles: Handel, Rameau, Bach, Beethoven, Mozart, Grieg, Schubert, Chopin, Vila-Lôbos...

Gladys ainda desconhece "o solfêjo e todos os problemas teóricos musicais". Como aprendeu a tocar, então? A sra. Kussrow conta como, com paciência e carinho, sentada ao piano com a menina, foi explicando a ela os mistérios do teclado. Cada tecla era apresentada como um personagem: "gatinhos, cachorrinhos, coelhinhos, pintinhos dourados". Contudo, para evitar a criação de uma nomenclatura que mais tarde devesse ser abandonada, desde logo Gladys aprendeu o nome musical próprio, identificando, porém, cada som, de acôrdo com histórias imaginadas pela mestra. Apelando para a fantasia, o fantástico, interessando a menina, conseguiu a sra. Kussrow que, suave e alegremente, Gladys desenvolvesse o ouvido a ponto de conhecer todo o teclado depois de sete meses de treino, quando contava com *vinte e seis mesês de idade apenas*...

PEQUENAS MELODIAS, GRANDE PACIÊNCIA

Com paciência, num esfôrço persistente, sem cansar a criança, a sra. Kussrow foi ensinando à discípula pequenas melodias; depois, obras [illegible] sem precisar de apoio [illegible] — "Gladys é perfeitamente [illegible]", insiste — [illegible] formar a pequena pianista.

Inteligência comum, boa memória, sentimento musical. Nada de prodigioso, de espetacular, de sobrenatural. O milagre é operado pelo método, pela aplicação de um conhecimento da psicologia infantil, com paciência e simpatia, aproveitando as qualidades naturais da criança, sem forçá-las, simplesmente guiando a vocação.

O resultado do trabalho da sra. Kussarow faz com que meditemos, de bom grado, atendendo à seu expresso

Cont. na pág. 51)





AOS CINCO ANOS

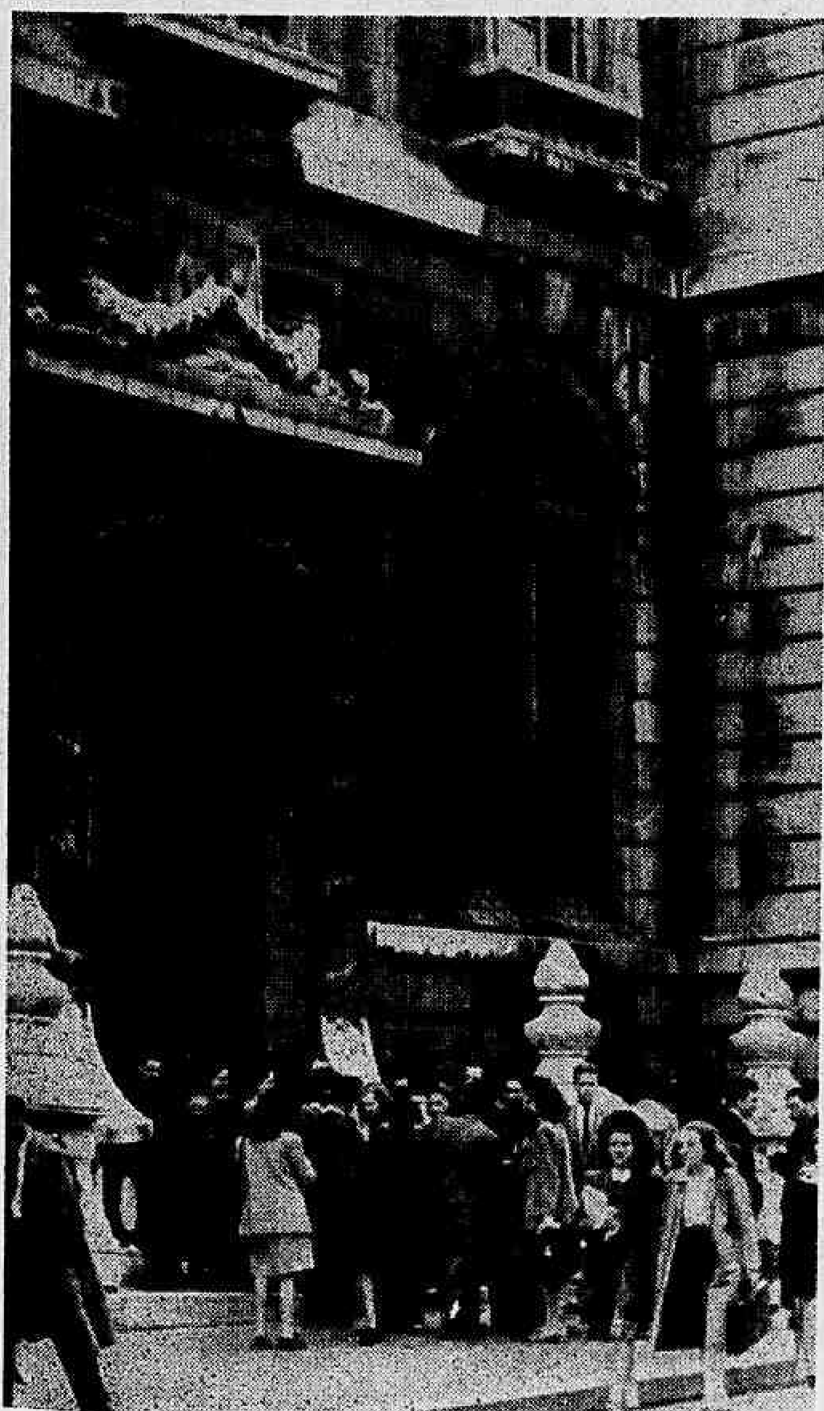
Na idade em que outras crianças vão receber os primeiros ensinamentos de música, ela realiza concertos, faz viagens e, fruto de perseverança e paciência, executa Handel, Beethoven, Mozart, Villa Lobos, Schubert, Chopin, Grieg, Rameau, Bach... Suas mãozinhas refletem inteligência, boa memória e sentimento musical que ela realmente possue



VIDA UNIVERSITARIA SEM JORNAL PRÓPRIO, ESCRITO PELOS ESTUDANTES, E' MOTOR SEM GASOLINA. POR ISSO OS ESTUDANTES DE PARIS TÊM O SEU ÓRGÃO DE CULTURA, DEBATE E CRÍTICA



CENA DO "Quartier Latin", famoso centro estudantil de Paris, onde enxameia uma população de jovens de todo o mundo, de envolta com a boêmia dos que moram em "vagas"



JOVENS de ambos os sexos saindo da Faculdade de Direito, trocam idéias, mas nada de "fifius" às garotas!

"QUARTIER LATIN"

ONDE VIVEM, ESTUDAM E PRATICAM A BOÊMIA OS ESTUDANTES DE PARIS ★ FLAGRANTES DE TODOS OS TEMPOS REPETIDOS GERAÇÃO APÓS GERAÇÃO ★ ALI SE DEFRONTAM AS JUVENTUDES DO MUNDO INTEIRO ★ GAROTAS E RAPAZES HOJE ROMÂNTICOS, DESPREOCUPADOS, AMANHÃ TALVEZ FAMOSOS OU APENAS SAUDOSOS DA MOCIDADE...

Por A. MANEBY  (Fotos S. F. I.)

EM meados do segundo século de nossa era, Lutecia saiu de sua ilha e estendeu-se ao longo da margem esquerda do Sena. Enquanto o centro administrativo e comercial permaneceu na "Cité", de ruas estreitas, os habitantes mais ricos transferiram as suas residências para as encostas mais próximas do Monte Lucotitiuns, hoje a Montanha de Santa Genoveva.

Lutecia foi o primeiro nome da atual capital da França e se ergueu numa das ilhas do Sena.

Em Paris, como em tôdas as cidades episcopais, as catedrais foram, na idade média. o primeiro centro universitário. Cônegos ou leigos escolhidos pelo bispo, ensinavam ali as artes liberais, gramática (latina, evidentemente), retórica, geometria e a teologia, esta, disciplina considerada a rainha e o fim principal dos estudos.

Foi assim que, em tôrno de Notre Dame, no claustro, agruparam-se os mais antigos estudantes parisienses. Daí nasceu o famoso Quartier Latin.

Desenvolveu-se rapidamente e os estudantes começaram a afluir. No princípio do século XIII, a reputação dos estudos parisienses propagava-se por tôda a Europa.

Animados por essa celebridade, professores e estudantes, depressa se constituíram num organismo — a Universidade — que lhes permitiu tratar de igual para igual a autoridade episcopal.

À medida que o seu número ia aumentando, os estudantes, vivendo livremente, tornavam-se mais tumultuosos, o custo da vida aumentava e muitos moços pobres não conseguiam concluir os estudos iniciados.

Foi para êles que, no decurso do século XIII, se fundaram os colégios.

Um dêsses estabelecimentos de ensino fundado em 1259 pelo chapanhês Robert de Sorbon, capelão de São Luís, alcançou rapidamente lugar preponderante pela excelência de seus estudos teológicos.

A Faculdade, isto é, o agrupamento dos professores nesse ramo superior de ensino, transportou-se para ali e, dêste modo, na própria Universidade, nasceu uma potência cujas decisões dogmáticas fizeram autoridade.

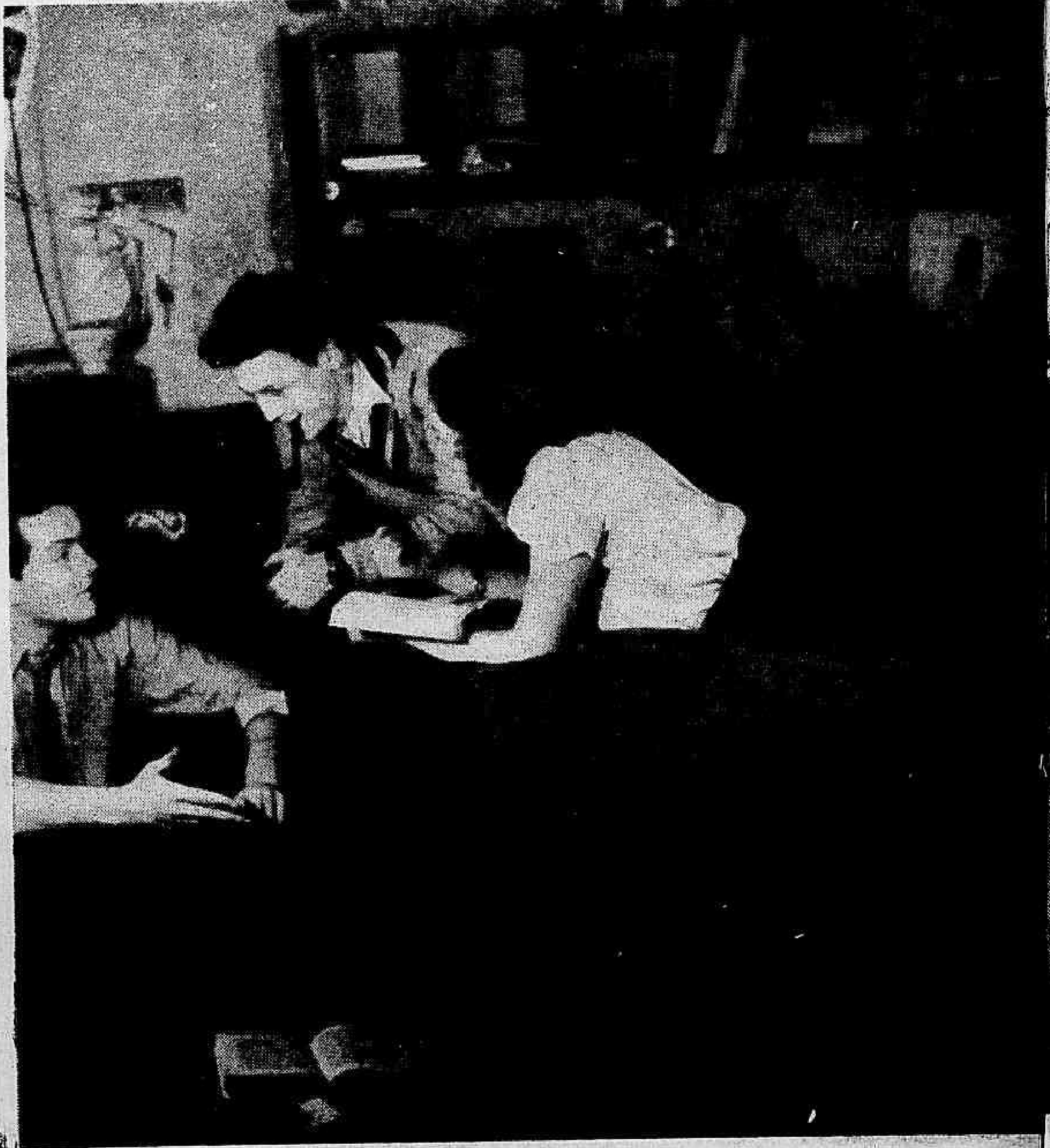
A vida nos colégios não era isenta de severidade, e Erasmo, no século XVI, deixou-nos bem a recordação amarga da que se levava, ainda no seu tempo, no Colégio de Montaigu, um dos mais reputados, próximo da atual praça do Panteon.

Os estudos eram longos. Depois dos das artes liberais — simultaneamente bacharelato e licença em letras — vinham os de Direito, da Medicina ou da Teologia. Só tarde, já amadurecido, o estudante penetrava na vida. O grau garantia-lhe em tôda parte a subsistência, quando não as honras.

Entre a multidão de jovens aplicados às tarefas do



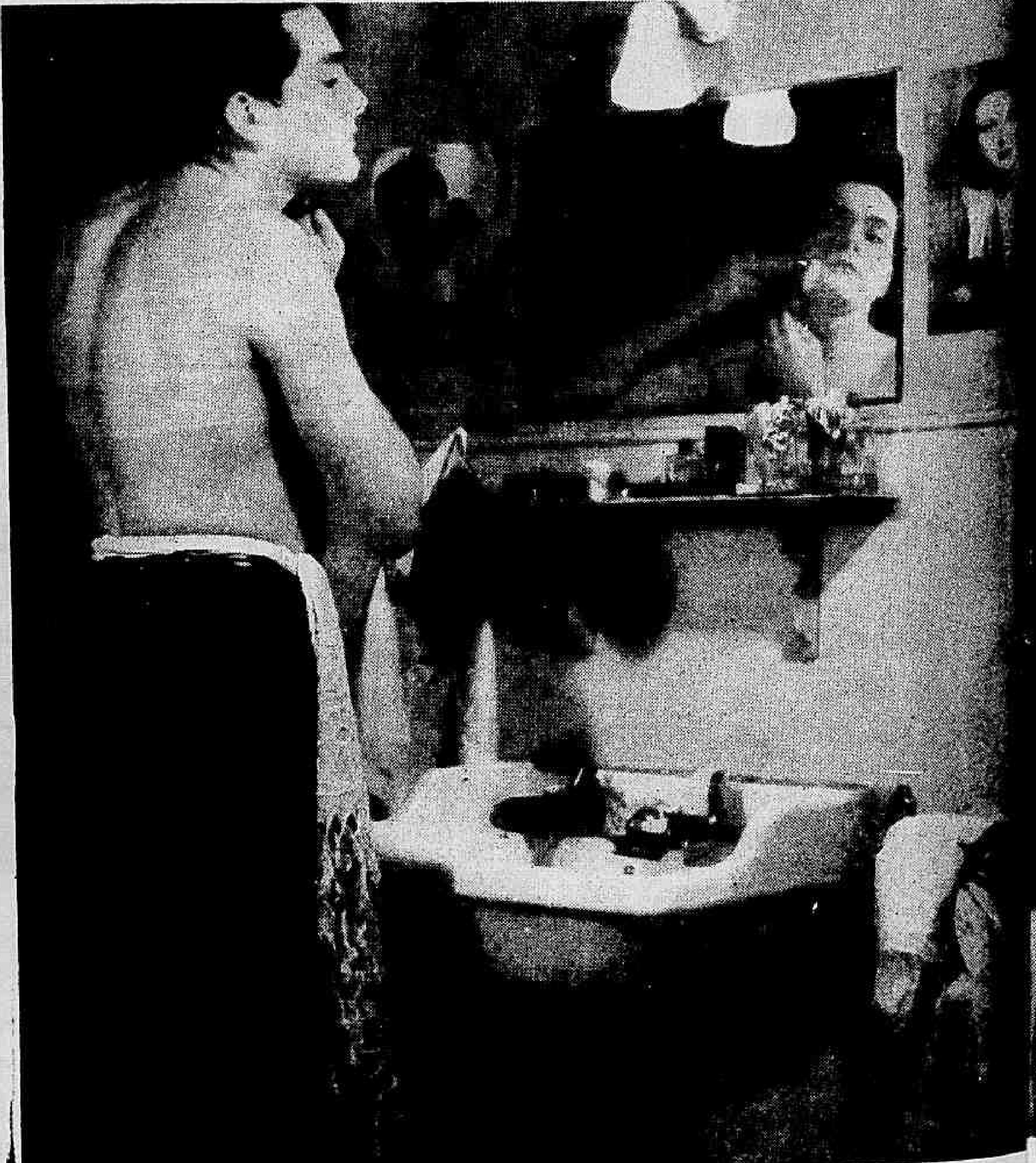
Êste é o tipo perfeito do estudante conformado com a falta de confôrto. Não lhe foi possível obter alojamento na Cidade-Universidade, cômoda e barata. Êle não se apertou e fêz sua cozinha no soalho e estrela o ovinho, sorridente... Alcool, uma frigideira barata, fósforos e uns cigarros, completam o "quantum satis" para torná-lo venturoso



APRÒXIMA-SE a época de exames e o programa é duro de roer. Em momentos de folga os colegas de ambos os sexos se reunem na tranquilidade de um quarto no "Quartier Latin" e trocam idéias ajudando-se mutuamente. Êste aposento não é na Universidade, mas denota o bom gôsto do inquilino que deve ser um grande admirador do belo sexo



O NOSSO amigo Pierre, pelo que parece, está cursando a Faculdade de Odontologia. Quer ser cirurgião-dentista no que faz muito bem. Meteu-se na fofa cama, em seu quarto de solteiro, abriu os livros, mapas e cadernos, munido de lapis, seu belo cachimbo e meteu mãos à obra. Pierre é um dos bons exemplos da vida universitária de Paris



EM SEU pequeno quarto mal arejado, sem iluminação natural, êsse estudante precisa da luz elétrica mesmo de dia, para fazer a barba. E, pelo que parece, o calor está avassalando Paris, forçando o nosso futuro médico a barbear-se semi-nu, na luta contra o ambiente, como diria o filósofo. Mas ao diplomar-se, êle casar-se-á com uma moça rica



MAS AQUI, a coisa é muito outra. Jacqueline e Mary, uma francesa e outra britânica, dispõem dêste belo e elegante aposento, decentemente mobilado. Está situado no centro franco-britânico e contém excelente iluminação natural e artificial, instalações modernissimas, dando às duas felizes estudantes um ambiente de confôrto e de paz, onde elas podem estudar, trabalhar e descançar venturosamente, todos os dias



ESTAS DUAS jovens estudantes de Paris tiveram também a felicidade de encontrar bom e confortável alojamento. Em seus aposentos, não se vê aquela exposição de tipos dos seus sonhos, como sucede com os seus colegas masculinos. À direita: Esta cena rememora um dos mais velhos costumes de Paris, ou seja S. Glin-Glin fazendo seu discurso



espírito, germinavam depressa as novas idéias, não obstante controladas pela severa disciplina do estudo.

Pouco a pouco a vida severa dos velhos colégios vai-se libertando enquânto os jesuitas introduzem uma nova forma de ensino.

O colégio da Sorbonne, bastião da pureza dogmática, e, por êsse fato, geral e violentamente atacado, colocava-se sob um protetor poderoso.

Escolheu em 1622 o Cardeal Richelieu; idéia feliz, porque aquêle prelado tomou a seu cargo a intensa reconstrução do colégio.

No fim do seculo XVIII, os religiosos de Santa Genoveva acharam oportuno rejuvenescer a velha igreja. Confiaram a Souflot — o Romano, a edificação do novo santuário: o Panteon, que oferece ao alto da fachada, copiada da de Roma, uma colunata circular que recorda a de São Paulo, de Londres. E' hoje o túmulo de algumas glórias francesas — algumas bastante esquecidas, vizinhas de Voltaire, Rousseau e Victor Hugo.

A Revolução roubou à Universidade a detenção de privilégios. Napoleão I, amigo da tradição, restabeleceu-a em 1806, disciplinando-a de acôrdo com os seus hábitos.

As Faculdades organizaram-se em edifícios adaptáveis a seus exercícios. Para as Faculdades de Letras e Ciências houve que esperar, numa confusão de velhas casas, pela vasta Sorbonne, construida habilmente por Nénot, de 1885 a 1900.

O Colégio de França, criado por Francisco I em 1530, fora da Universidade, conservou os velhos muros edificados no século XVII ao século XIX, mas houve que completá-lo com anexos que correspondessem às exigências da ciência moderna.

A abertura do "boulevard" St. Michel cortou o labirinto das pequenas ruas e abriu a era moderna da Universidade. Vastos cafés passaram a dar asilo à juventude, tão ávida de diversão como de estudo. E desde então, são numerosos os que, nas provincias longinquas para a vida os lançou no exercício da profissão, guardam a imperecível lembrança dos anos em que, descuidados e felizes, viveram no Quartier Latin.

Mas Paris transformou a Cidade Universitária e o Quartier Latin em dois centros internacionais onde se defrontam as juventudes do mundo inteiro. E' para êsses centros que aflui a estudantada de outros países para estudar filosofia, história, medicina, artes, letras e ciências.

A Cidade Universitária se acha ao sul de Paris, perto da Porta de Orleans. O Quartier Latin está igualmente à margem esquerda, estendente em tôrno do Panteon até Montparnasse.

Os felizardos que se hospedam na Cidade Universitária podem estudar com o máximo de facilidade. Todos os problemas materiais estão resolvidos por antecipação. Vivem entre uns e outros em local que relembram o estilo de seus países. Quartos modernos e confortáveis e sobretudo, os preços muito baixos. Alimentação boa e farta, é servida a preços módicos. Nas horas de lazer, há campos de esportes e uma piscina. Há ainda professor de cultura física à disposição dos estudantes. Para os que desejam passar tais horas mais calmamente, há uma vasta biblioteca, salas de leitura e conferência, bem como um teatro onde êles interpretam suas próprias peças. Mas, apesar de seus dezoito pavilhões, a Cidade Universitária não pode abrigar toda a mocidade estudiosa de Paris e é preciso "chance" para morar ali.

PAISAGENS da França. Placas comemorativas recordam por tôda parte, piedosas lembranças, embora a vida continui no mesmo lugar onde muitos franceses encontraram a morte na luta pela libertação de Paris. A lousa que vemos aqui, é uma dessas homenagens prestadas a heróis durante a ocupação da França e que hoje revivem



TODO ESTUDANTE que se preza e tem curiosidade mental é louco por livros. E não há no mundo estudantes mais desejosos de leitura, do que os franceses. Por tôda a cidade e até margem do Sena, ao ar livre, há livrarias exibindo obras velhas e novas, sôbre os mais variados assuntos. Aqui vemos vários universitários parisienses tirando uma "casquinha".

ATIN"

idéias, não obs-
a do estudo.
hos colégios vai-
duzem uma nova

ureza dogmática,
atacado, coloca-

; idéia feliz, por-
a intensa recons-

os de Santa Ge-
a velha igreja,
dificação do novo
alto da fachada,
cular que recorda
túmulo de algu-
tante esquecidas,
Hugo.
detenção de pri-
o, restabeleceu-
a os seus hábitos,
ifícios adaptáveis
le Letras e Ciên-
ão de velhas ca-
habilmente por

ncisco I em 1530,
hos muros edifi-
mas houve que
dessem às exigên-

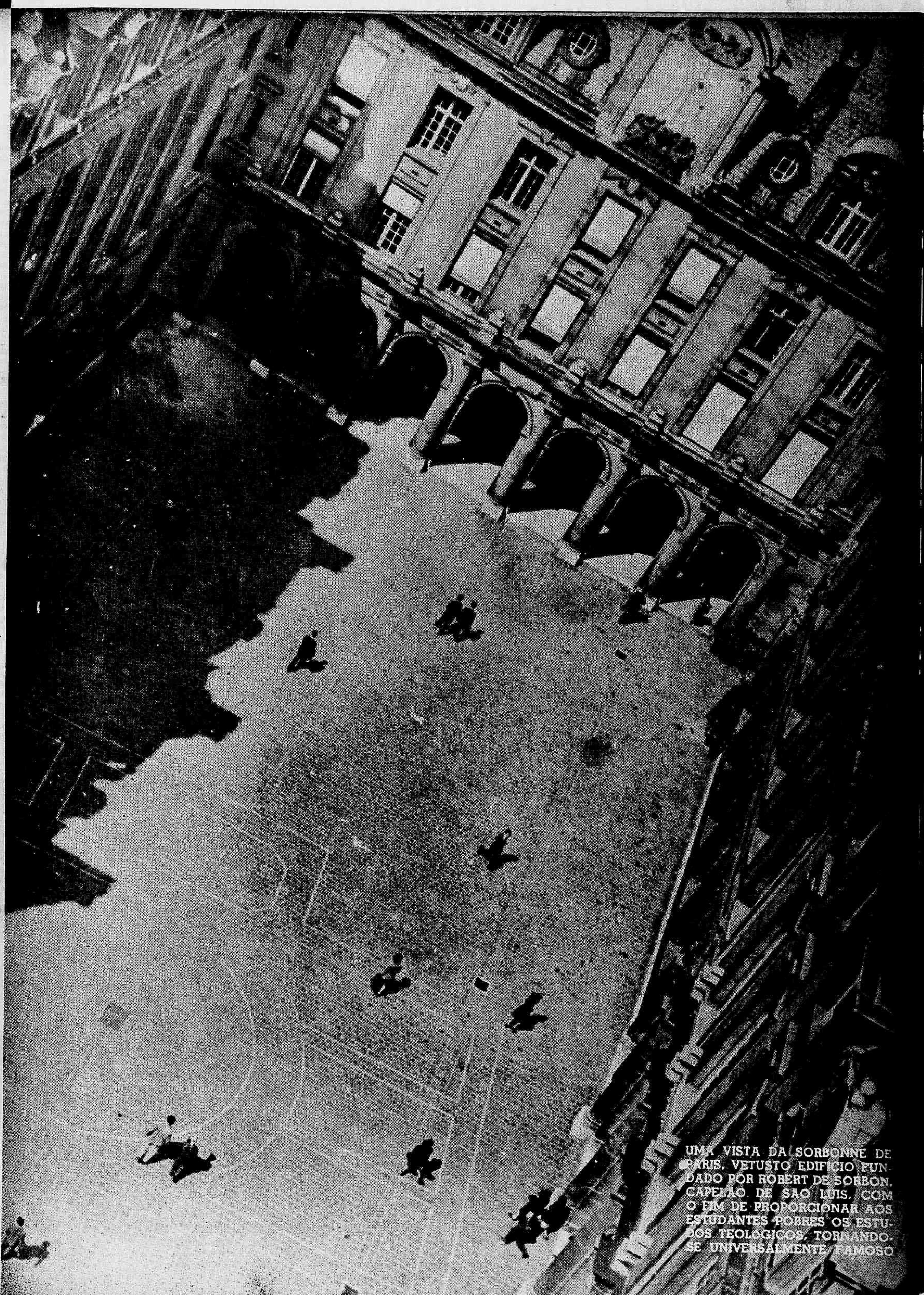
cortou o labirin-
moderna da Uni-
r asilo à juven-
tudo. E desde en-
íncias longínquas
profissão, guar-
s em que, descui-
atin.
Universitária e
nacionais onde
inteiro. E' para
de outros países
na, artes, letras e

ul de Paris, perto
a está igualmente
tôrno do Panteon

Cidade Universitá-
cilidade. Todos os
por antecipação.
relembram o e-
e confortáveis e
limentação boa e
horas de lazer, há
á ainda professor
antes. Para os que
tamente, há uma
ferência, bem co-
as próprias peças
a Cidade Univer-
dade estudiosa
ali.



a cidade e até
na "casquinha".



UMA VISTA DA SORBONNE DE PARIS, VETUSTO EDIFÍCIO FUNDADO POR ROBERT DE SORBON, CAPELÃO DE SÃO LUIS, COM O FIM DE PROPORCIONAR AOS ESTUDANTES POBRES OS ESTUDOS TEOLÓGICOS, TORNANDO-SE UNIVERSALMENTE FAMOSO



O COMANDANTE DA RÁDIO PATRULHA, MAJOR JOSÉ CLARAZ DE SOUZA DEL JIUDICE, PÔS A DISPOSIÇÃO DA "REVISTA" TODOS OS ELEMENTOS NECESSÁRIOS PARA A BOA EXECUÇÃO DESTA REPORTAGEM

32-42-42

ALÔ, RÁDIO PATRULHA!

A Rádio Patrulha, moderno organismo policial deslocado no seio de uma polícia arcaica — Doze dias no interior dos carros da polícia do morro de Santo Antônio ★ Copacabana, o bairro mais arruaceiro ★ 5.000 quilômetros mensais e cinquenta mil chamados em 360 dias ★ Os chamados sem fundamento e o fundamento da maioria dos pedidos de socorro

Texto e fotos de VINÍCIUS LIMA

ESTA reportagem tem por finalidade mostrar ao povo como funciona o Serviço de Rádio-Patrulha do Distrito Federal; seus meios, finalidades e necessidades. Êste trabalho pôde ser realizado graças à boa vontade e facilidades com que cercou o jornalista o major Claraz del Judice, comandante da Policia Especial.

Ingressamos no quartel do morro de Santo Antônio no dia 6 de outubro do corrente ano, onde fomos recebidos condignamente, apesar de esperarmos alguma hostilidade. Imeditamente pusemo-nos em campo, conversando e bisbilhotando com os componentes da Rádio-Patrulha. No dia seguinte falamos com o sr. Keller, chefe do serviço comandado pelo major Claraz. Êsse policial levou-nos até a tôrre de comando, onde ficamos inteirados do funcionamento do referido serviço. Nesse mesmo dia, conforme nos havia proposto o major Claraz, rodamos no carro 33 da Rádio-Patrulha, que fazia o patrulhamento dos 5º e 6º distritos. A guarnição era composta de três homens: detective 289, Rui Santos de Araújo; patrulheiro 1.447, Eliseu da Silva Tôrres; e o motorista, Fernando Veiga Cabral, P.E. 131.

Era nossa idéia inicial ir até o bairro da Saúde, onde, trajando uma roupa de vagabundo, jantaríamos num restaurante, negando-nos, depois, a pagar a conta. Naturalmente que o dono da casa de pasto protestaria e disso adviria uma briga. A R.P. 33 ficaria à distância, sem interferir no caso, pois a jurisdição pertencia a outro carro. A 33 permaneceria nas imediações e sòmente para a eventualidade de um conflito de grandes proporções, onde, certamente, iria em socorro da reportagem. Enquanto isso outro repórter aguardaria na 33 o desenrolar dos fatos, e constataria também se haveria ou não interferência da tôrre na ocorrência, esta que ignorava as intenções de reportagem. Mas, infelizmente, o dono do restaurante era um filantropo. Limitou-se a conselhar o "vagabundo",

O SR. KELLER, chefe do serviço da R. P., exerce o contrôle intelectual. Sua responsabilidade, por isso, é enorme



ÊSTE é o detective Wagner, autor da prisão do filho de um magistrado que havia furtado um automóvel. Diligência importante e perigosa, por êsse motivo. Wagner é intransigente, mas bom policial. Compreende os seus deveres e respeita o dos outros



LAPA. Rua Conde Lage. Zona perigosa. A bala passou de raspão e o grã-fino parece pensativo. Por pouco deixou de ir para o outro mundo, coisa sempre desagradável, quando se está vivo. A seu lado, o ex-vice-campeão mundial de futebol, Affonsinho



O JOVEM que aí está é de uma família de policiais. Fernando foi surpreendido pela objetiva quando fazia uma curva perigosa, mas acontece que o rapaz é um bom volante



EM PRIMEIRO plano, o detective Rui Santos. Ao fundo o patrulheiro Eliseu Soares, seu companheiro de trabalho. Foi com êles que o repórter se movimentou na primeira noite



CONSELHO aos meninos da rua: "Não joguem bola neste local, porque os moradores chamarão a Rádio Patrulha". Os garotos receberam a advertência com ar espantadiço, mas... no dia seguinte, o letreiro estava espatifado...



INCÊNDIO no edifício Darke de Matos. O locutor da Rádio Guanabara, arrisca a vida juntamente com o repórter. Estamos a um passo da Cinelândia e da Galeria Cruzeiro. Incêndio em construção das mais recentes da cidade



"FUSUÊ" no flutuante da Frota Carioca, na Praça Quinze. Cena movimentada em que uma senhora de bom conceito social, pelo menos na aparência, reagiu à polícia a pontapés. Depois soube-se que ela estava louca

dando-lhe ainda a importância de Cr$ 5,00 para a refeição do dia seguinte. Diante disso fomos ao encontro da R.P. 33, que se encontrava estacionada três quarteirões acima. Em caminho deparou-se com um conflito de grandes proporções, entre estivadores. Duas guarnições chegavam ao local. Embarcaram os "valentes" e os conduziram para o pôsto policial mais próximo. Não houve brutalidade. Era tudo o que a reportagem desejava saber.

RADIO-PATRULHA

A reportagem passou dez dias em contacto permanente com a Rádio-Patrulha, no interior de seus carros, vendo e aprendendo o árduo trabalho da única polícia produtiva que temos. Se em outros tempos ela foi prejudicial, não o sabemos, o fato é que, atualmente, preenche perfeitamente a sua finalidade, destacando-se principalmente por ser uma polícia moderna, deslocada num ambiente muito diferente do seu. Constata-se isso logo à primeira vista. Há uma ocorrência e a R.P. chega, geralmente, no ápice da encrenca. Leva os detidos para o pôsto policial da jusdição em que se deu o caso onde o escrivão, para não trabalhar, defende os acusados com veemência, alegando que não há crime no caso. Na realidade, o escrivão não deseja trabalhar.

E vão mais longe as dificuldades da Rádio-Patrulha. Eis outro exemplo: Há uma colisão de veiculos. A R.P. mais próxima dirige-se para o local, onde encontra vítimas agonizantes. Isola-se o quarteirão até a chegada da perícia que sómente pode ser solicitada pelo comissário, na maioria das vêzes empenhado em outros casos. O resultado é o atravancamento das proximidades de onde sòmente após as formalidades de praxe, podem os veículos ser retirados. Com isso há um prejuízo enorme do trânsito. E enquanto se passam duas ou três horas, tempo normal em que se resolve um caso dessa natureza, a R.P. fica impossibilitada de sair do local em prejuizo de outras ocorrências, muitas vêzes, de maior necessidade. Nessas condições, a Rádio-Patrulha, que é uma policia de emergência, fica geralmente anulada, sendo às vêzes obrigada, por fôrça de lei, a manter-se inativa porque os seus componentes vão ao distrito prestar depoimento. Em conseqüência, são inúmeras as queixas de policiais que, ao sairem de serviço, resecebem duas ou três intimações para ir aos cartórios tais e tais e prestar esclarecimentos. Êles moram geralmente nos subúrbios. Suas famílias vivem atribuladas por que os funcionários da Rádio-Patulha nem sempre têm tempo para o necessário repouso.

CRITICA A R. P.

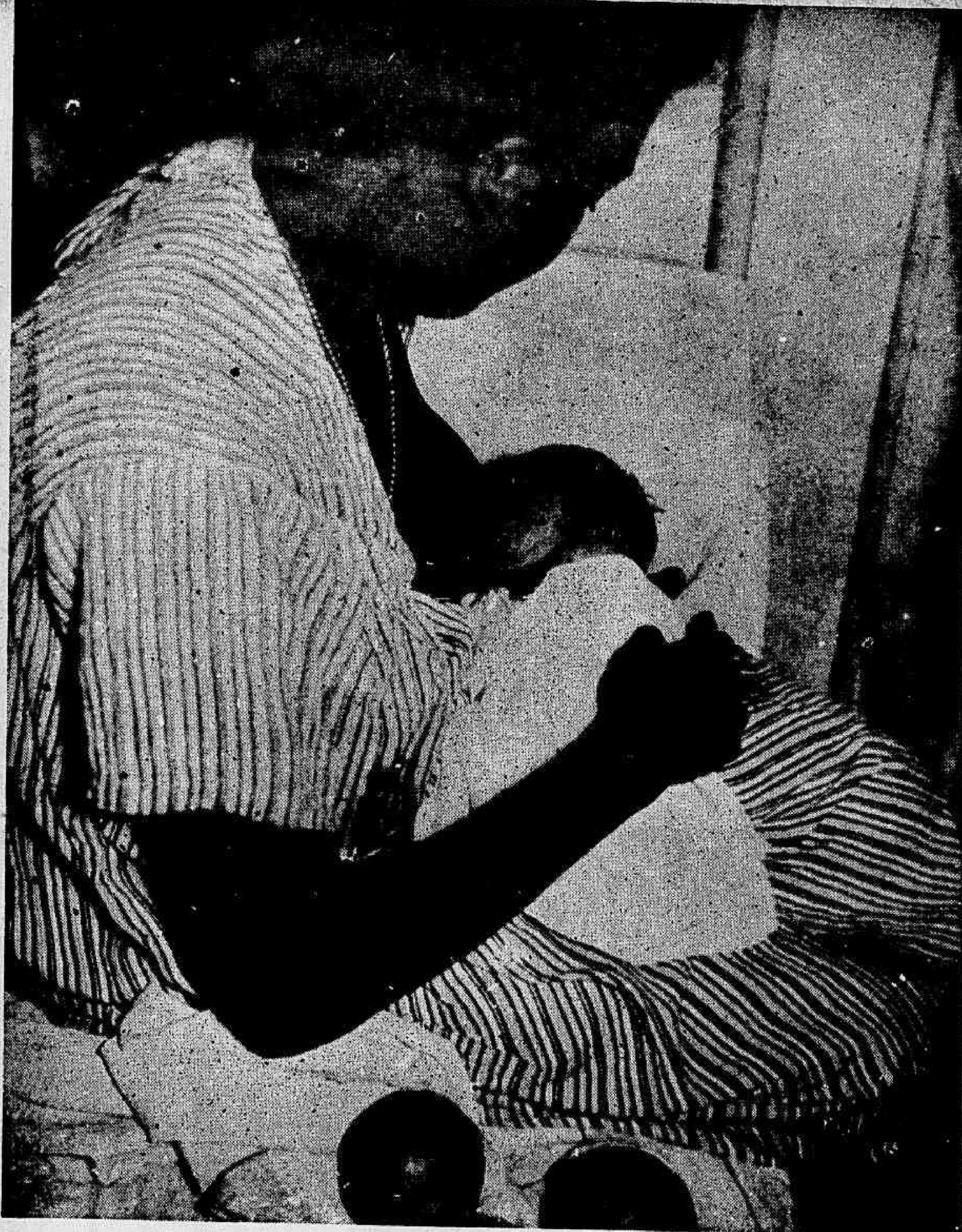
No inicio desta reportagem, o comandante da R.P. solicitou apreciações ao repórter, pedindo-lhe mesmo que verificasse tôda a organização da Rádio-Patrulha para depois criticar. Resolvemos observar com atenção tudo o que se passa no âmago dessa organização policial. Primeiramente estranhamos que as R.P. não usassem as sirenes caracteristicas nas demais congêneres do mundo. Isso, supomos, é em razão dos possiveis abusos por parte de certos policiais. No entanto, se o major Claraz selecionar para a Rádio-Patrulha elementos tais como os detectives Wagner, Rui Santos e Tolentino Teles, com as suas respectivas guarnições, tais abusos certamente não sucederão, pois êsses policiais, e principalmente os dois primeiros, são pessoas de competência intelectual, plenamente responsáveis e dignos dos melhores aplausos em virtude da maneira como trabalham.

Infelizmente, os policiais da R.P. não são todos assim. O repórter, durante os doze dias em que rodou nos carros da policia, encontrou elementos sem experiência. Verifica-se que os rapazes que frequentam os cursos ministrados pela policia são os mais cumpridores de seus deveres. Fora disso, raras são os exceções. E essas exceções acontecem quando se trata de homens que têm um exemplo a seguir, tal é o caso do comissário Veiga Cabral e seu filho Fernando, ambos são bons cumpridores de seu deveres. Também não se pode negar elogios a policiais como o patrulheiro 1.447, Eliseu da Silva, que, apesar de não exercer perfeito contrôle sôbre os seus nervos, é, no entanto, um bom policial.

Dentro da Rádio-Patrulha o trabalho é exaustivo. A função exige nervos de aço e boa saúde para resistir à grande variedade de ocorrências de uma cidade de quase três milhões de habitantes. Não há um só dia em que a R.P. não tenha nos seus livros de ocorrências, dois ou três débeis mentais. Êstes constituem um problema muito sério. E a maioria dêles vêm dos manicómios, licenciados pelos seus diretores, para dar trabalho à polícia. O mesmo sucede com relação às demais dependências do Departamento Federal de Segurança Pública. A policia de costumes não desacostuma os namorados de praticar absurdos na via pública. E por isso joga-se a carga para a Rádio-Patrulha que, para o cúmulo, encontra guardas que se julgam com o direito de serem transportados nos carros da R.P. Para comprovar tal afirmativa, o sr. Keller, chefe do Serviço da R.P., deveria apurar os pedidos de "auxilio à policia". A reportagem observou que êsses casos são 99% criados pelos guarda-civis, que não querem ter o trabalho de transportar detidos até o distrito, como se antes de existir a Rádio-Patrulha êles não andassem de bonde...

MAIS OBSERVAÇÕES

Além de não disporem de sirenes, os R.P. também não possuem um farol lateral sequer. Quando há uma ocorrência num morro, os policiais vêem-se às tontas com e escuridão, como sucedeu ao detective Wagner que, ao solicitar a uma pessoa informação de por onde teria se-



NASCEU NO interior de um carro da Rádio Patrulha. Não se chama Patrulhina porque o juiz não deixou. Com êsse é o terceiro caso semelhante que se verifica



BRIGA DE MARIDO e mulher. Enquanto êle procura tirar a faca das mãos de D. Felisberta, ela, que não é sopa, mete a caçarola na cabeça de uma sua amiga



UMA SENHORA, aflita, sob um guarda-chuva, ficou duas horas esperando socorro urgente. A criança estava prestes a nascer. A R. P. fêz o transporte da parturiente



OUTRA BRIGA por ciumes. Bate-boca como êsse, termina sempre em luta corporal. A faca da cozinha entra em cena e... na hora do barulho, a Rádio Patrulha também



OS SERVIÇOS técnicos estão a cargo do detective Laranjeiras. Dizem os seus colegas de serviço que, graças ao trabalho dêsse cidadão, a Rádio Patrulha tem um funcionamento normal, já estando comprovada a sua eficiência



O RAPAZ foi parar no hospital. No dia seguinte, a mulher escrevia à Rádio Patrulha agradecendo a intervenção



OS CARROS da R. P. não têm sirene. Chegam com atraso nos locais de ação, e quando o motorista é um pouco imprudente, acontecem coisas iguais a esta que aqui vemos. Êsse carro "era" o R. P. de número 64. Não é mais

guido o criminoso, foi-lhe indicado um caminho em cujo término havia um punhado de vegetais que lhe impediam ver do outro lado. E a pessoa insistiu: — "Continua por aí, detective!". Wagner prosseguiu abrindo caminho na direção indicada, de onde salvou-se milagrosamente. Tinha sido mandado para a morte. À sua frente havia um precipício de mais de cinqüenta metros, onde cairia se não houvesse desconfiado da informação. Uma lanterna comum evitaria tal perigo e poria a salvo a vida daqueles que se expõem em benefício da coletividade.

MESMO ASSIM...

...a Rádio-Patrulha tem prestado grandes serviços ao público. E a polícia que se desdobra em assistência pública, a polícia que se improvisa de bombeiro, a polícia que atende parturientes e, finalmente, a polícia que não maltrata ninguém. A retirada dos rapazes da P.E. afirma o major Claraz, não influiu na organização da Rádio-Patrulha. Discordamos porque uma polícia de choque é



APESAR de milionário, "seu" Manuel, com essa cara de santo cubtraiu 35.000 cruzeiros de um sacerdote Parece?



A REPORTAGEM descobriu o motivo do incêndio: um ferro havia ficado ligado, provocou o curto-circuito

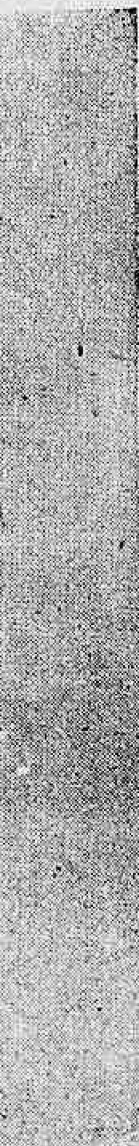


O CIDADÃO telefonou à R. P. dizendo que ia suicidar-se. O telefonista entreteve-o e o carro chegou a tempo...

nte, a mu-
intervenção

minho em
ue lhe im-
: — "Con-
abrindo ca-
milagrosa-
sua frente
etros, onde
ação. Uma
alvo a vida
vidade.

serviços ao
stência pú-
, a polícia
ia que não
.E afirma
da Rádio-
e choque é



uicidar-se.
tempo...



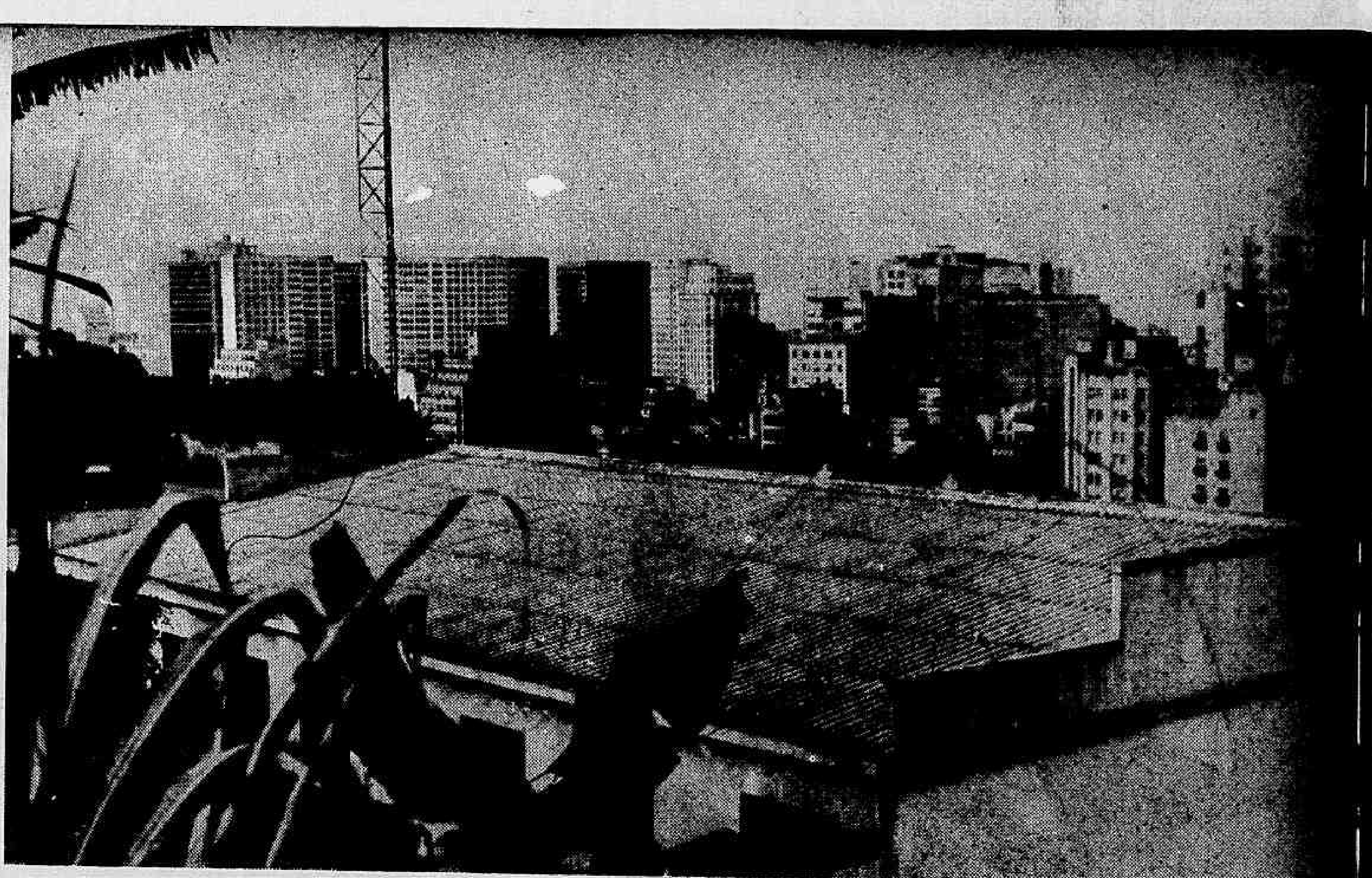
PARECE BAILADO ou macumba, mas na verdade "isso" é um grupo de mulheres no interior do "tintureiro"...

uma polícia de choque. A prova está com o público que, últimamente, deposita plena confiança nos policiais que guarnecem as R.P. Durante os dias em que estivemos junto à Rádio-Patrulha, concluímos que apenas os grã-finos de Copacabana desrespeitaram os policiais. O povo do Rio é pacato e obedece às ordens que lhe são dirigidas com urbanidade.

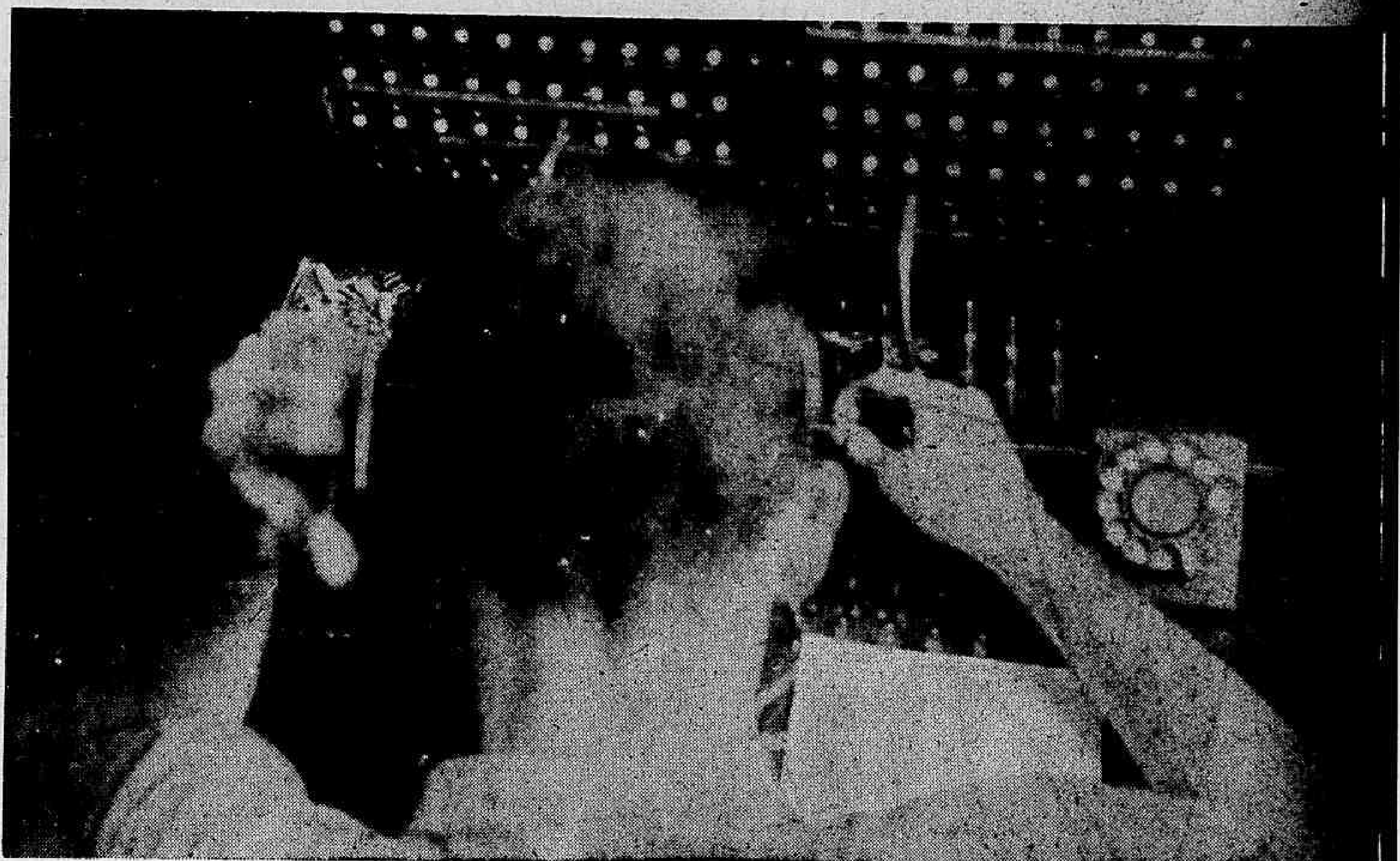
A TÔRRE DA R. P.

São, sem dúvida, um dos pontos altos da Rádio-Patrulha os serviços técnicos da tôrre central. Chefia-o o detective Laranjeiras, secundado por um grupo de jovens pertencentes aos quadros civis da Polícia Especial. Não sabemos ao certo o número de locutores que emprestam os seus serviços à Rádio-Patrulha. Destacamos no entanto a presteza com que ajudou a reportagem a guarnição chefiada pelo detective Gavião e locutor Cleber, êste do quadro de locutores da Rádio Guanabara, que chegou a proporcionar um programa em homenagem à *REVISTA DA SEMANA*, irradiado no dia 14 do mês findo, às 22,30.

(Cont. na pág. 49)



O RIO é uma cidade bonita mesmo vista do morro de Santo Antônio. Aqui está o minúsculo quartel-general da Rádio-Patrulha, de onde se irradia o serviço importante dessa organização para tôda a cidade



TELEFONE cujo número tôda a cidade aprendeu: — 32-42-44! 50.000 pedidos de socorro transmitidos por ano

ARRUACEIRA da Praça Tiradentes. Ela tem apenas dezesseis anos de idade. Velha conhecida da Polícia e freguesa assídua do xadrez. E se propala, por aí, que existe nesta terra um Serviço de Assistência Menores



ISTO CHAMA-SE "paco". A Rádio Patrulha chegou no momento exato em que o malandro tentava "passá-lo". Depois de aberto o volumoso pacote, foi encontrada a "vultosa" quantia de cinco cruzeiros...



D. FRANCISCA movimentou três carros da Rádio Patrulha. Repare-se a expressão dêsse rosto medieval. Ela é dona de uma pensão na rua da Constituição, mas quando está de veneta, tira o dia para fazer barulho

O VERBO AUMENTAR

Há verbos cabulosos... AUMENTAR, é um deles, principalmente quando é conjugado p'ra cima de nós...



— Sinto, mas tenho que AUMENTAR-LHE o aluguel.

— Filho, a costureira aumentou o preço dos vestidos...



— Aumentaram os preços do "menu"?!



— O dinheiro já não chega! Você não sabe que tudo está aumentando?!

Tudo, não. O ordenado do Barnabé está diminuindo. Aumentaram, sim, as consignações, a taxa de aposentadoria e o imposto para barateamento do custo da vida.





O USO DO PERFUME

NÃO há elogio maior para uma mulher do que lhe perguntarem o nome do perfume que usa. Porque existe uma verdadeira arte de se perfumar, arte que requer também inteligência, bom gôsto e refinamento. E' preciso que cada pessoa encontre o "seu" perfume, aquêle que lhe "assenta" bem e que combina com a sua própria personalidade. Isto não se conseguirá, é claro, se nos fixarmos, por hábito ou por outro motivo qualquer, num só perfume, porque para desenvolver o gôsto em matéria de perfumes é necessário aumentar a experiência. Explorar o mundo dos perfumes é o mesmo que aprender uma nova língua.

Existem apenas algumas palavras para descrever os perfumes: forte, doce, fraco, sêco, fresco, exótico, etc., mas as sensações que êles fornecem são incontáveis. A primeira e verdadeira função do perfume é dar prazer a quem o usa. Lendo alguns anúncios de perfumes, podemos imaginar que êles foram feitos unicamente para inflamar o sexo oposto, provocando verdadeiros vulcões mesmo em cidadãos muito pacatos. Essa parece ser a única finalidade do perfume, se levarmos em conta o que dizem os anúncios. No entanto, é muito diferente a verdade. Quem usufrui maior prazer com o perfume é quem o usa. Por isso, recomendamos que não se furtem êsse prazer. Há muitas pessoas que guardam avaramente os seus perfumes, só os usando em ocasiões muito raras. No entanto, desde que êle foi engarrafado e vendido está pronto para uso. Não é preciso envelhecer para ficar melhor. Essa é uma das desculpas que usam as que guardam com avareza os seus perfumes. Outras acham que a água de colônia refresca mais e pode substituir o perfume; nada mais errado: a água de colônia é um complemento e não um substituto. O perfume pode e deve ser usado em qualquer ocasião, desde que se saiba escolher o perfume adequado para o momento.

Guarde-o na sombra, longe do sol e da claridade. E não espere que êle persista durante vinte e quatro horas a fio. Mesmo o perfume mais caro "vive" apenas durante umas quatro horas, antes da sua evaporação total. Portanto, carregue consigo o seu perfume — existem estojos próprios para isso — e renove a fragrância diversas vêzes ao dia. Use-o não somente nas orelhas, mas na sua pele — nunca num tecido — e deixe que êle a envolva e a siga, dia e noite, permanecendo como uma sombra que faz realçar os seus encantos.

O. B.



DONNA MARTELL
(UNIVERSAL-INTERNATIONAL)





À esquerda — Dom Basilio Penido, Reitor do Mosteiro de S. Bento, entronizando o Coração de Jesus e lançando as bênçãos sôbre as instalações da Clínica. À direita — O Presidente Eurico Dutra descerra a fita simbólica, inaugurando a Clínica de Repouso S. Vicente. Sua Excelência está acompanhado do Sr. João Borges Filho

CLINICA DE REPOUSO S. VICENTE

SUA INAUGURAÇÃO, A 12 DE NOVEMBRO ÚLTIMO ★ PRESENTES O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, MINISTROS E ALTAS AUTORIDADES ★ UM MODELAR ESTABELECIMENTO, SITUADO ENTRE A BELEZA E A QUIETUDE DAS MONTANHAS DA GÁVEA



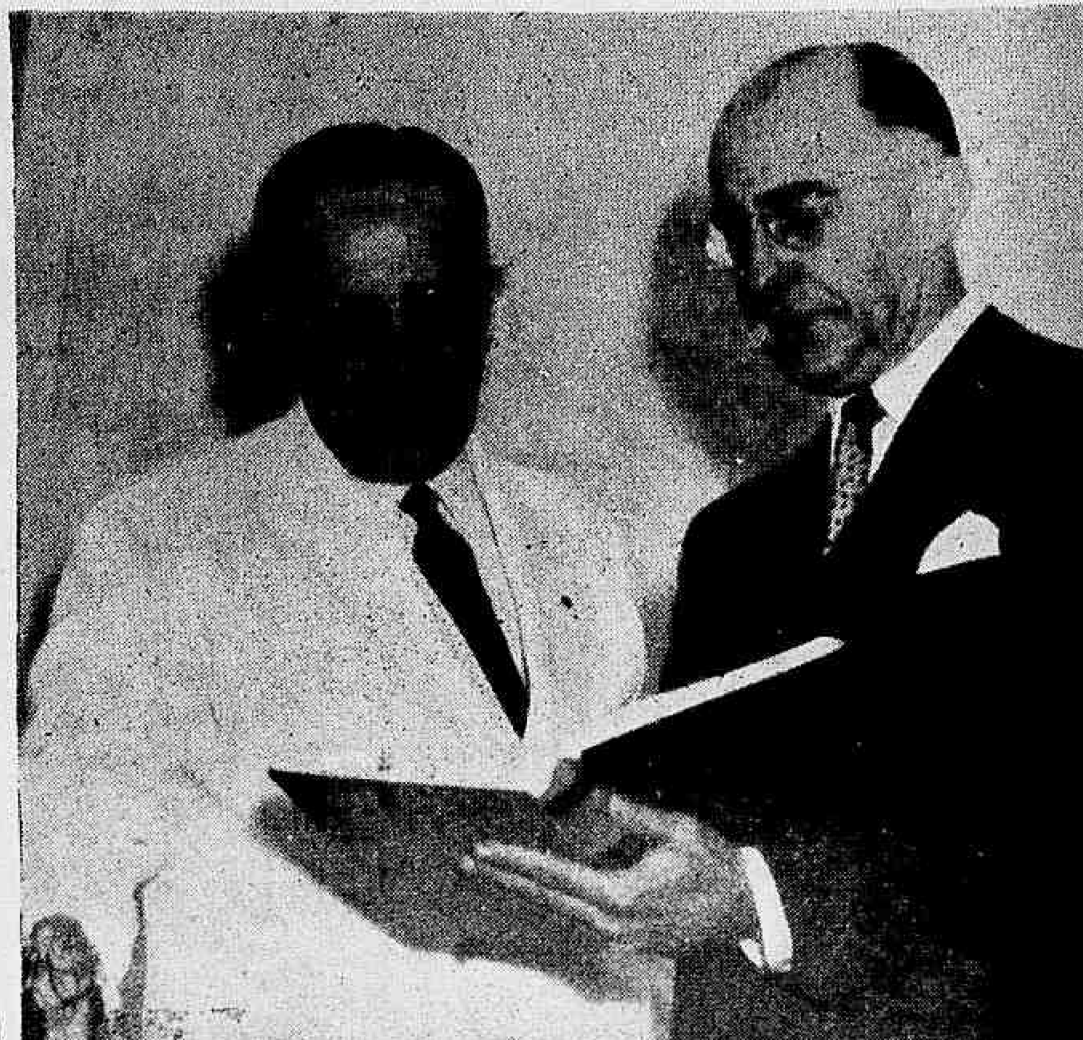
No dia 12 de novembro último inaugurou-se festivamente nesta Capital, no bairro da Gávea, a Clínica de Repouso S. Vicente, moderníssimo estabelecimento destinado à assistência e ao tratamento de cardíacos, neuróticos e convalescentes, especializada em regimes dietéticos, cura de recuperação integral e de reajustamento psico-emocional.

Ao ato inaugural da modelar casa de saúde compareceram o Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra, o Prefeito do Distrito Federal, General Ângelo Mendes de Morais, o Ministro Armando Trompowsky, o Ministro Ataulfo de Paiva, o Ministro Filadelfo de Azevedo, o General Góis Monteiro, o Desembargador Cândido Lobo, o Dr. Armando Fajardo, o Dr. Júlio Nogueira, o Sr. Alberto Fadel, o Sr. Ari Kerner e outros.

A Clínica de Repouso S. Vicente, que é dirigida pelos Drs. João Borges Filho, Genival Londres e Aluísio Marques, está magnificamente situada nas tranquilas elevações das montanhas da Gávea, erguendo suas linhas sóbrias e elegantes em uma ampla clareira da mataria opulenta. No seu interior está um dos mais bem instalados hospitais do País e da América do Sul. Em derredor, um repousante silêncio, o ar puro da floresta, e, até onde a vista alcança, o deslumbrante panorama de um dos mais belos recantos do Rio. Eis, em rápidos traços, o que é a nova casa de saúde com que o Rio de Janeiro acaba de ser dotado, de cuja inauguração a REVISTA DA SEMANA colheu os flagrantes que ilustram esta reportagem.

Em cima, à esquerda — O Dr. Moreira Machado discursando ao fazer a entrega do Cristo que ofertou à Clínica. Em baixo — À esquerda, o Prof. Aluísio Marques em palestra com os Drs. Carvalho Cardoso e A. Dubeux. À direita — O Prof. Genival Londres, acompanhado do Prof. Mesquita Sampaio, de S. Paulo, que esteve em visita à Clínica

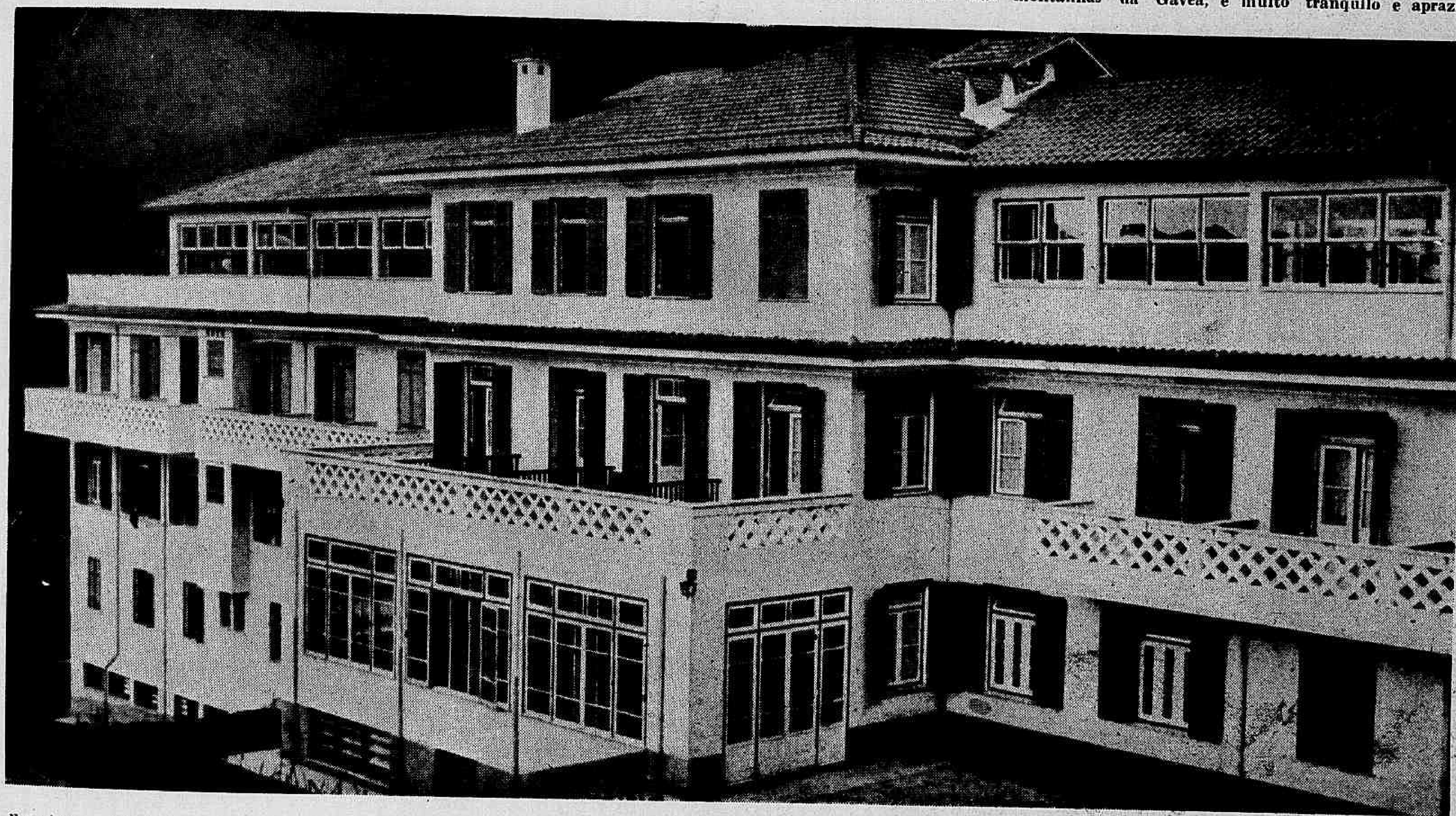








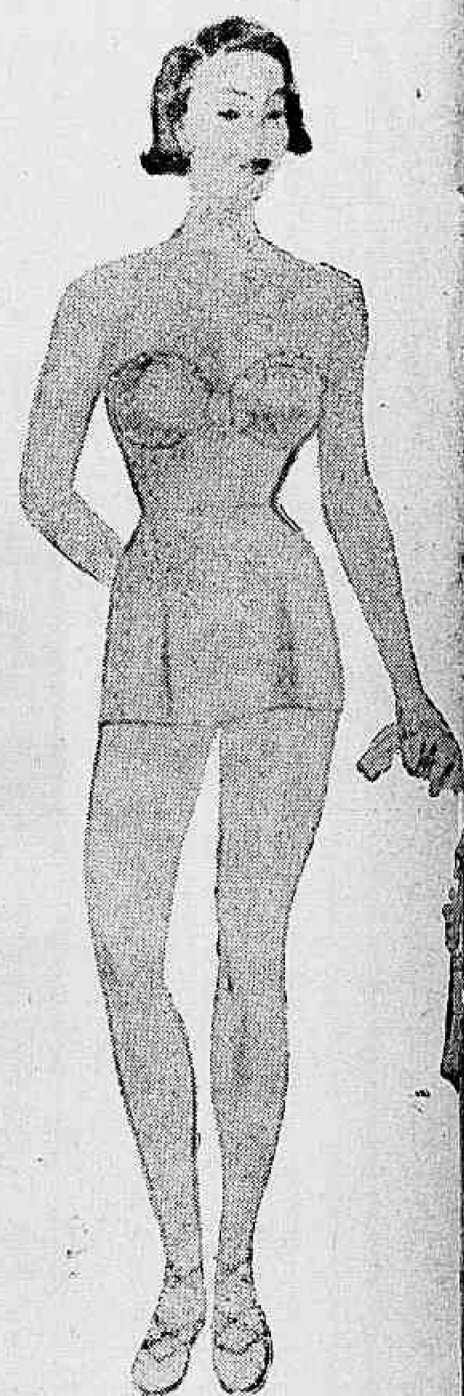
À esquerda — A entrada do edifício da Clínica de Repouso S. Vicente, em fotografia tira da na ocasião da bênção do Cristo ofertado pelo Dr. Moreira Machado. À direita — Outro aspecto do edifício da Clínica, podendo-se notar a vegetação que a circunda. O local da edificação, situado nas montanhas da Gávea, é muito tranquilo e aprazível



Em cima — Fachada posterior do edifício da Clínica de Repouso S. Vicente, que constitue um estabelecimento modelar pelas suas instalações e moderno aparelhamento. Em baixo — À esquerda — Parte da varanda da Clínica. À direita — Uma vista do refeitório



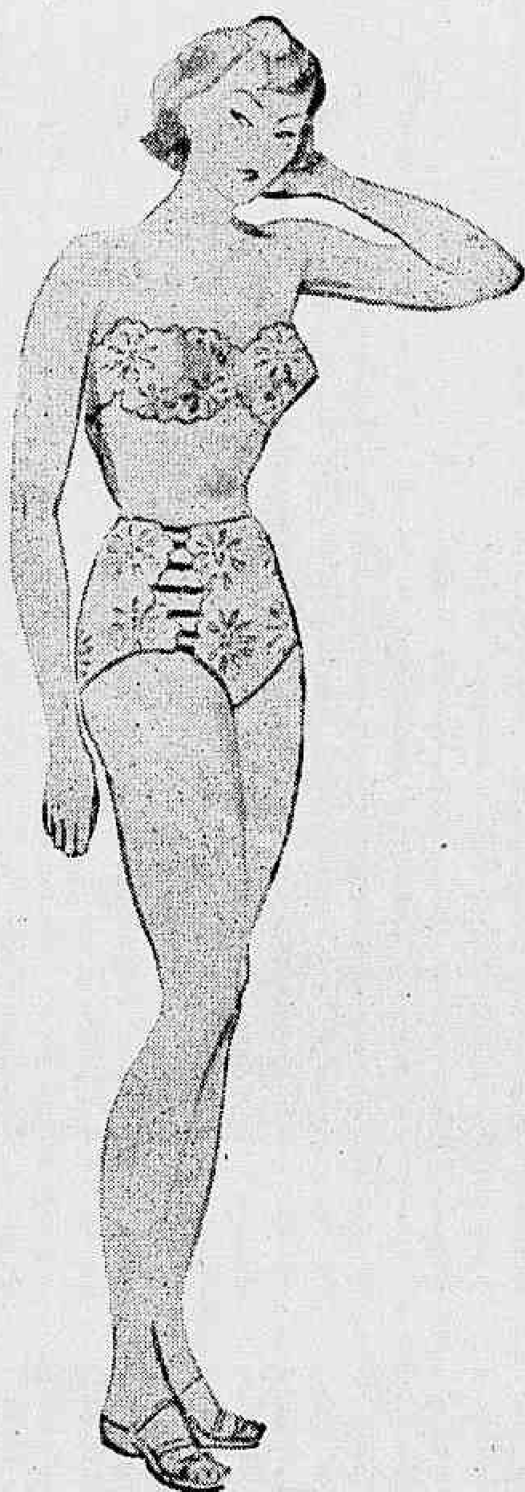


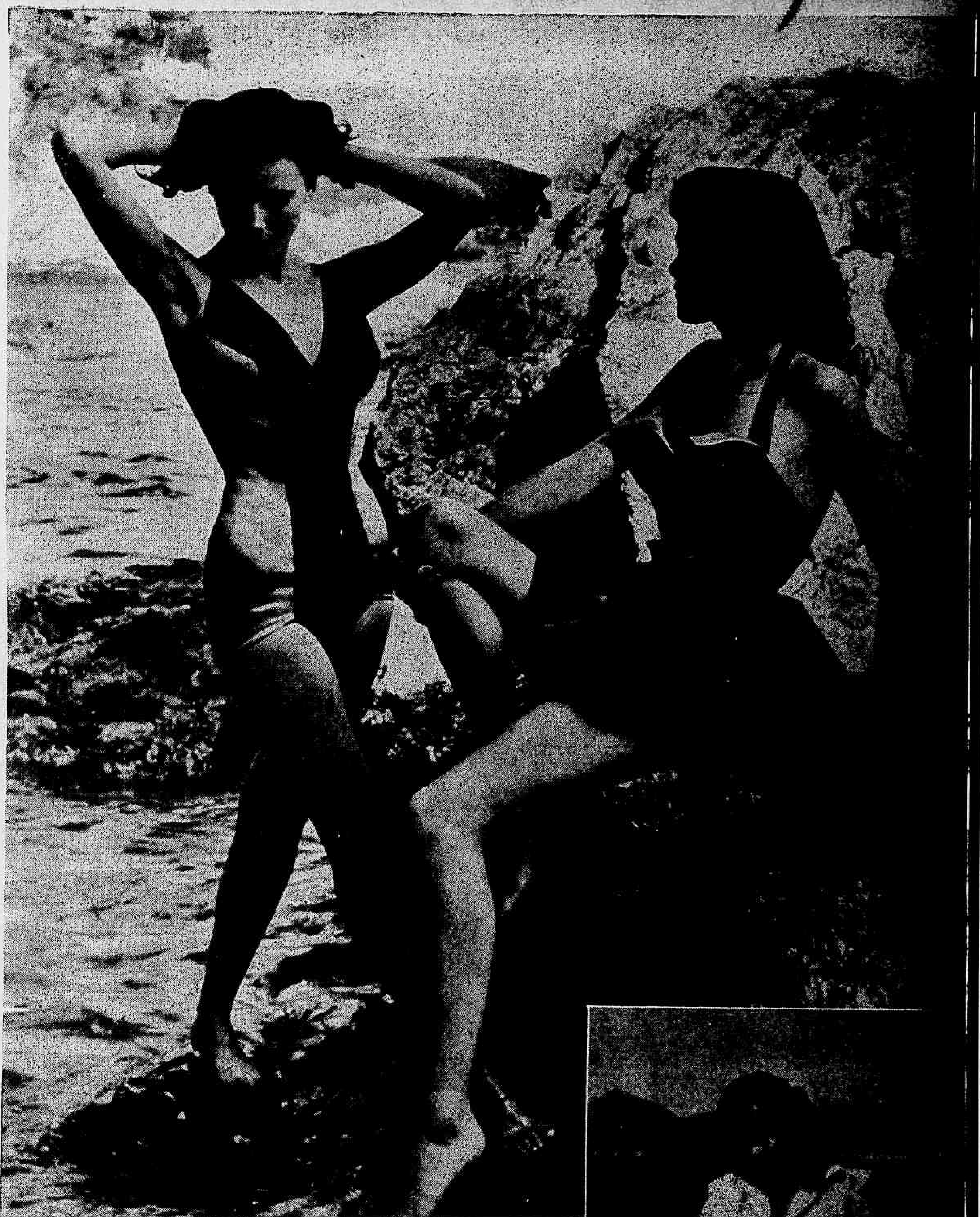


PARA A PRAIA









OS primeiros modelos de praia, vindos da capital da moda, são aqui apresentados às nossas leitoras. Como vêem, não é somente o "bikini" que se usa nas praias francesas, mas também **maillots** inteiros, sem dúvida muito mais elegantes. As "pontas", tão em voga nos vestidos de Schiaparelli, atingiu também os **maillots.** Os **shorts,** lisos ou estampados, constituem ainda um dos mais graciosos trajes de praia.













NOITES DE FIM DE ANO



O organdi é um dos tecidos preferidos para os vestidos de noite. Tanto pode ser liso como lavrado ou bordado, obtendo-se com êle os mais surpreendentes efeitos. O modêlo de Marcel Rochas, em organdi branco bordado, com gola e barra lisas, pode também ser aproveitado para modelos de formaturas. Um grupo de rosas arremata o decote. Também o de Schiaparelli, com o seu original drapeado sôbre o busto, pode se prestar para essas festas. O tule e a **laise** encontram também grande aceitação como o confirmam os modelos de Jean Dessès, Robert Piguet e Marcel Rochas.

week-end NA COZINHA



OVOS MEXIDOS COM TOMATES

Leve ao fogo em uma caçarola 2 colheres de manteiga com 250 gs. de tomates sem peles e sementes. Deixe fritar e esmigalhe com o garfo e assim que estiverem cozidos, junte uma fatia de pão embebida no leite e passada na peneira e misture com 10 ovos batidos. Junte mais 1 colher de manteiga, ½ xícara de leite, sal e leve a cozinhar, mexendo com o garfo com cuidado para não esfarinhar demais. Não deixe passar o ponto senão forma um caldo separado. Despeje num prato e rodeie com folhas frescas de alface.

★

LOMBO SALGADO À INGLESA

Tome 2 ks. de lombo salgado, escolhendo um pedaço grosso e sem muita gordura. Lave-o em água quente e leve a cozinhar simplesmente na água. Depois corte aos pedaços e sirva com purê de ervilhas.

★

PURÉE DE ERVILHAS SÊCAS

Deite de môlho ½ kg. de ervilhas sêcas, leve a cozinhar em pouca água, sal e ½ cebola. Quando estiverem macias passe pela peneira e leve ao fogo, sempre mexendo, para secar, até ficar em consistência de pirão de batatas. Junte, fora do fogo, 2 colheres de leite quente, ½ de açúcar, 1 de manteiga, bata um pouco e deite em monte num prato redondo e rodeie com fatias de pão torrado com manteiga.

★

GULACHE

Tome 1 kg. de alcatra, corte em cubos de 2 cm., deite a fritar bem em 1 colher de manteiga ou banha, em fogo forte. Adicione 1 cebola picada, ½ colher de farinha e deixe tostar até escurecer, mexendo para não pegar. Molhe com 4 xícaras de água quente, ferva 10 minutos, tempere com sal, 1 colher-de-chá de paprika, tape e deixe em fogo fraco até amolecer. Meia hora antes de servir junte ½ kg. de batatas partidas em cubos e leve a terminar de cozinhar. Desengordure o môlho e sirva. Também quando juntar as batatas pode adicionar 6 cenouras. 4 nabos em pedaços e um punhado de vagens.

★

PIPOCAS DE BATATAS

Cozinhe 250 gs. de batatas sem casca e esmague. Depois de fria junte 4 gemas, ½ colher de manteiga e vá amassando com polvilho azedo até poder enrolar. Faça bolas como avelãs e frite em banha quente. Sirva com bifes.

★

ANGU DE MAIZENA

Faça um angu de maizena com 1 litro de água, 6 colheres de maizena e sal. Leve ao fogo, cozinhe bem, despeje em tijelinhas e deixe esfriar para saírem bem. Se juntar o leite de um côco fica mais gostoso.

★

TORTA DE MAÇAS

A massa: ponha 250 gramas de farinha numa vasilha com 1 colher de manteiga, 1 de açucar, sal e amasse com água morna até formar uma pasta branda; faça um bolo, cubra com o guardanapo e deixe repousar por 1



hora. Misture bem com 1 garfo 60 gs. de banha. Abra a massa com o rôlo até ficar com 1 centímetro de grossura. Ponha no centro a banha e dobre devagar em três partes e deixe repousar de novo 15 minutos. Abra pela terceira vez, dobre em três e torne a abrir. Corte uma rodela com a própria fôrma da torta e corte também uma tira para guarnecer o aro da fôrma, porém um pouco mais largo do que o aro. O recheio: parta 5 ou 6 maçãs em fatias finas, junte 8 colheres de açucar, o caldo de ½ laranja, e leve a cozinhar em fogo brando. Recheie a massa e salpique com castanha do Pará picada.





COMPANHIA CARIOCA INDUSTRIAL
Rua 1.° de Março N.° 6 — 10.° andar — Tel. 23-2010





Chapéus

ROSE Valois, Simone Cange, Jane Blanchet, Maud Roser, Maud et Nano e Caroline Reboux, são alguns dos mais famosos chapeleiros de Paris. Deles são os modelos aqui apresentados, todos executados em palha para o verão próximo.





A SAÚDE DO BEBÊ

SIGNIFICAÇÃO DAS DIARRÉIAS INFANTÍS

DR. SABÓIA RIBEIRO

MUITO importa, antes do mais, saber como surgiu a diarréia — se foi em pleno estado de saúde da criança com a nutrição perturbada — no pêso, nas côres, no caráter das fezes.

A presença ou ausência de febre é dado sobremodo interessante.

O regime alimentar — ao seio, ou à mamadeira — é elemento sempre valioso, por isso que, num caso, comporta uma idéia de benignidade do distúrbio (alimentação ao seio), com uma terapêutica própria; no caso de diarréia com regime de mamadeira a idéia é, ao contrário, de distúrbio mais grave, pela facilidade com que leva a criança à extrema desidratação, o que depende, sobretudo, da idade e da constituição do lactente ((máxime, a desidratação no primeiro trimestre).

Nunca se perderá de vista, em qualquer caso, a possível influência de fator constitucional da criança, pois a diátese exsudativa não raro se acompanha de emissões diarreicas, mesmo no alactamento natural, influi poderosamente, e sempre, para uma desidratação mais rápida da criança.

O início súbito da diarréia, quando se tem a certeza que o regime bem tolerado até então, não sofreu nenhuma alteração que poderia desencadeá-la, faz suspeitar, antes de mais nada, que a diarréia é devido a uma infecção. Se, ao contrário, ela sobrevém em criança portadora de um estado nutritivo mau, faz isso supor, antes, que se trata de êrro alimentar crônico, seguido da infecção costumeira pelo *coli*.

Se há febre com a diarréia, pode-se quase sempre firmar a convicção que se trata de infecção. Somente quando a criança está no primeiro trimestre, ou nos casos gravíssimos, com o quadro da intoxicação acompanhando-se de lesões profundas do epitélio "protetor" e "isolador" do intestino delgado, a febre exclusivamente alimentar poderá ser admitida. Então misturas fermentexíveis provocaram a lesão do intestino mediante os respectivos ácidos, dando-se a absorção das albuminas, cuja ação febricitante está hoje unânimemente reconhecida.

Suspeitar-se-á de infecção intestinal se existem *muco, puz* e *sangue*, nas fezes.

As desinterias são as mais das vêzes as causadoras dêsse aspecto das dejeções; algumas vêzes a gripe também provoca aspecto semelhante. Nem sempre a febre é alta.

Aliás, sempre que há febre acompanhando a diarréia, o estado da garganta, das vias aéreas superiores, em suma, possível infecção gripal, deve ser investigada.

Examinada a garganta com o auxílio do cabo de uma colher e boa luz, o processo congestivo, a presença de pontos brancos, o catarro, em suma, não raro oferecem a chave do problema. Nestas oportunidades, com bastante freqüência, tratar-se-á de uma "diarréia parenteral", isto é, devida a uma infecção à distância do intestino, porém, com repercussão sôbre êle.

O regime alimentar, por si só, esclarece muita coisa em relação à natureza infecciosa ou alimentar da perturbação.

Uma diarréia em criança bem nutrida e criada *ao seio* faz supor sempre a presença de alguma infecção comum nesta idade, se vem acompanhada de febre.

Se não vem acompanhada de febre e o estado nutritivo não era tão bom, é preciso pensar na hipótese de *diarréia de fome*.

O regime sendo artificial tanto pode tratar-se de êrro alimentar como de infecção.

Suspeitar-se-á de êrro alimentar: se a criança não tem horário e mama quantidades não regradas para sua idade; se o preparo das mamadeiras não obedece a um critério seguro (o leite até 3 meses é ao meio; dos 3 aos 6, 2 partes leite e uma parte água. Farinha e açúcar uma colher de chá para cada 100 gramas da mistura leite-água).

Quando, ainda, a diarréia, mesmo sem caráter desinteriforme, se desenrola, intensa, em seguida a perturbações crônicas do aparelho gastro-intestinal da criança — inclusive a própria posição do ventre — a causa mais provável é de uma infecção pelo coli-bacilo. Em geral, sobe a temperatura bruscamente.

Finalmente, o caráter constitucional da diarréia é sempre para desconfiar quando, na criança, se estampam os sinais que atestam aquela origem (o eczema, o coriza, a tez delgada, assaduras, as fezes verdolengas e com grumos), ou por outro lado, o alimento, em si mesmo, não é de molde a justificar a perturbação, como no caso do alactamento natural (peito), ou de mamadeiras preparadas com os requisitos da puericultura.

CORREIO DA REVISTA

M.P.F.G. — Rio — Muito fraco o seu conto "O Professor Sentimental".

Vicente C. de Carvalho — Rio — Aprovado o seu conto, mas, ao invés de "Porcelana", demos-lhe outro nome: "Delírio". Ainda não julgamos "A Rapsódia da Alvorada". A "Quarta Alexandrina" sairá brevemente.

C.C. — S. Paulo — Não foi aproveitado o seu "O Encontro".

Tenni — São Paulo — Muito curto o conto que nos mandou.

S.M. — Rio — "Abnegação" não chega a constituir um conto. Falta-lhe forma literária.

F.M. — Belo Horizonte — "As três louras" está muito fraco.

R.G. — (?) — Não pôde ser aproveitado o seu "Almas Torturadas".

Gipson Freitas — S. Gonçalo — E. do Rio — "Aparecida" foi aprovado.

M. Conceição P. Gama — Alegre — E. Santo — Recebemos, sim. Quanto ao outro, aguarde.

Iolanda Carneiro R. Lorenzato — Belo Horizonte — "Mariazinha, a louca do cais", foi aprovado.

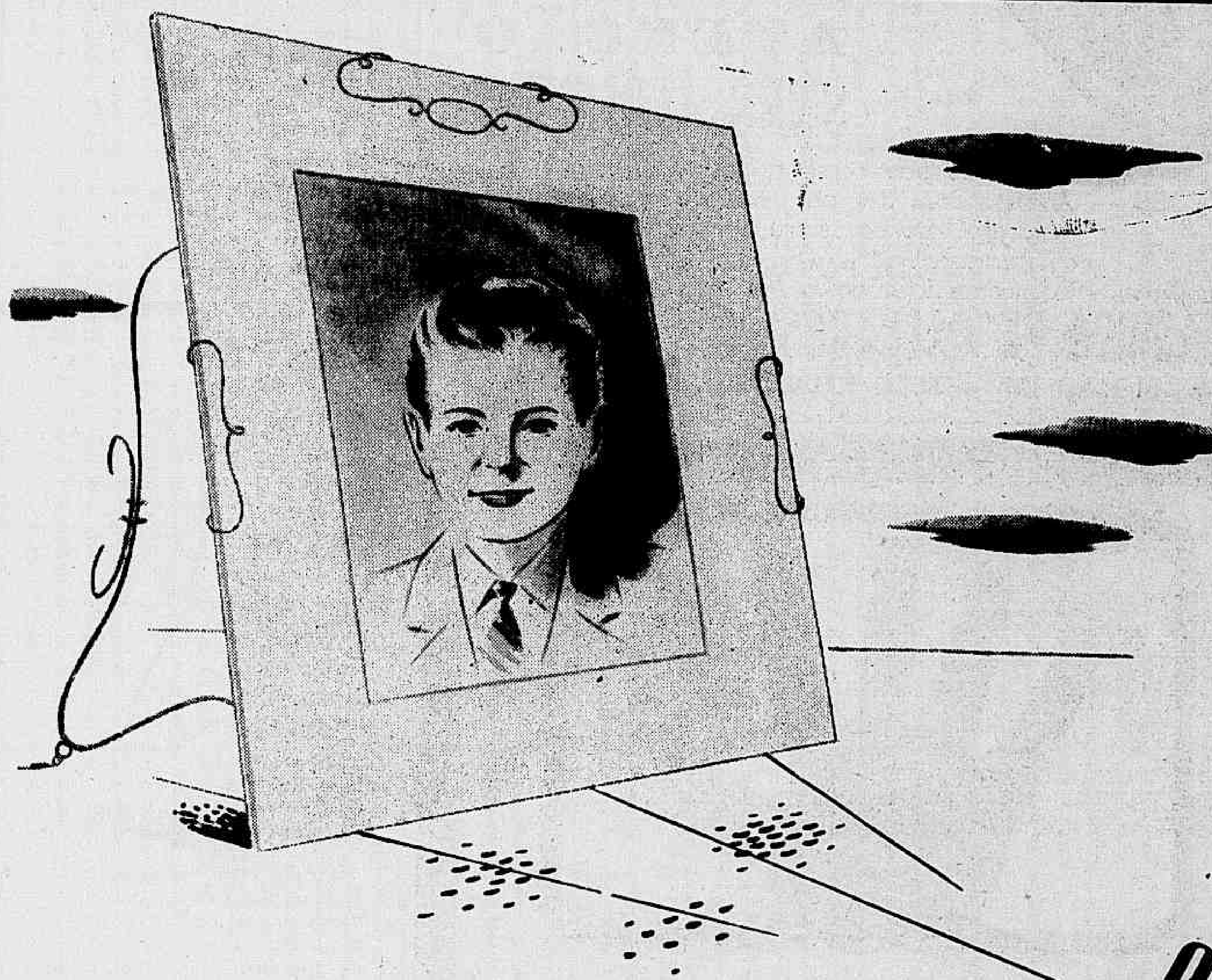
M.M. — Rio "Aconteceu na cidade do Bom Jesus" não pôde sair.

José de Oliveira Nunes — Rio — "Conte-me sua história" foi entregue ao ilustrador e sairá brevemente.

Constantino de Carvalho Negrais — Bauru — S. Paulo — Aprovado o seu conto "Estrêla Cadente". Continui a mandar-nos os seus trabalhos.

J.D.A.M. — Niterói — Não nos foi possível aproveitar "Sara". O tema está bom; mas a conclusão muito fraca.

L.M. — Rio — Dos quatro originais que nos remeteu, somente "O Choque" poderia ser aproveitado; mas, infelizmente o tema não se presta para uma revista como a nossa. Os outros estão muito curtos. Achamos que tem jeito para a literatura; mas é necessário aperfeiçoar a redação e evitar (para nossa REVISTA, é evidente) assuntos de caráter amoral. Escolha outros motivos e nos mande com, pelo menos, 4 daquelas folhas de papel. Teremos muito prazer em ajudá-la.



advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL



MODÊLO N.º 1
Numeração de 36 a 44
Até Cr$ 100,00 no varejo
Preço Cr$ 78,00 por par
Pelo Reembôlso Postal Cr$ 90,00 o par

★



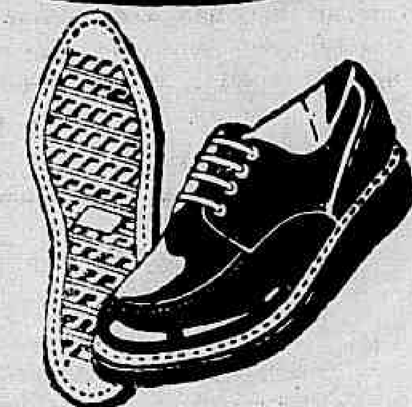
MODÊLO N.º 2
Numeração de 36 a 44
Até Cr$ 100,00 no varejo
Preço Cr$ 78,00 por par
Pelo Reembôlso Postal Cr$ 90,00 o par

★



MODÊLO N.º 3
Numeração de 36 a 44
Até Cr$ 100,00 no varejo
Preço Cr$ 76,00 por par
Pelo Reembôlso Postal Cr$ 85,00 o par

★



MODÊLO N.º 4
Numeração de 36 a 44
Até Cr$ 200,00 no varejo
Preço Cr$ 145,00 por par
Pelo Reembôlso Postal Cr$ 180,00 o par

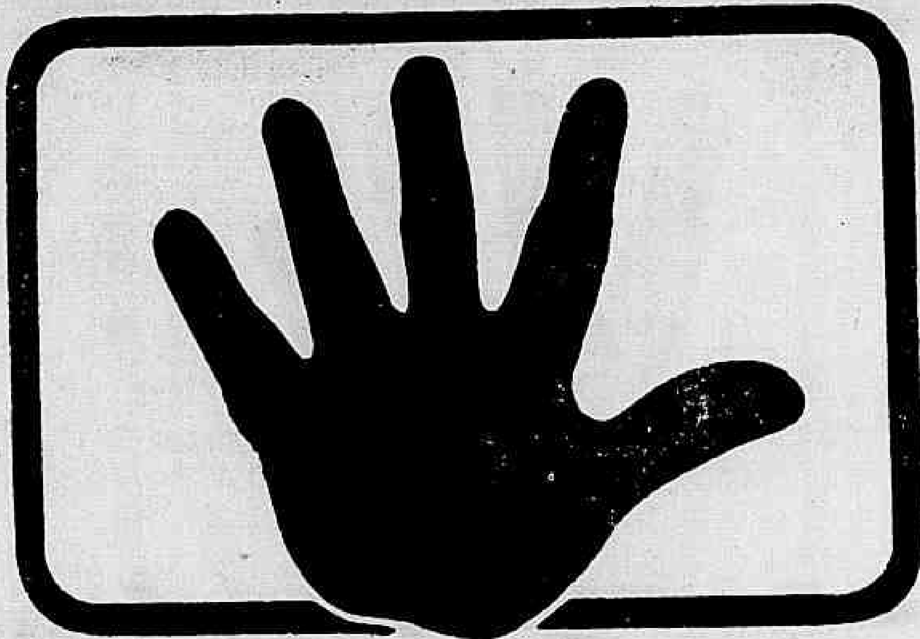
ATENÇÃO
SNRS. LOJISTAS

Oferecemos êstes modelos nas côres preta, marron e havana.
CONDIÇÕES — À vista com 3% de desconto ou 90 dias sem desconto. Despesas de remessa por conta do comprador.

Escrevam hoje mesmo fazendo a sua encomenda para

FABRICA DE CALÇADOS JADE LTDA.

Rua Brito Melo nº 127 — BELO HORIZONTE (MINAS GERAIS)



PARE!
A QUEDA DE SEUS CABELOS
USANDO
PETROLINA MINANCORA
O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA
CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

CANAVIAL

(Cont. da pág. 24)

ceifar em bisel o caule da cana, amontoando-as ao lado para que fôssem carregadas para o engenho. O administrador passava boa parte do dia no canavial a fiscalizar todo o serviço.

A garapa fermentava e distilava-se abundante aguardente de que os trabalhadores, quando cansados, tomavam um gole, pois diziam êles que lhes dava novas fôrças. O tronco de pau canela da moenda, girava sem cessar tornando-se mais brilhante e mais pegajoso. O bagaço da cana amontoava-se o lado crescendo sempre o enxame de moscas e abelhas aumentava cada vez mais misturando o seu zumbido com o barulho do trabalho. A safra de cana fôra muito boa, das melhores até, pois eu tinha mandado aumentar as terras de cultura da cana até umas barrocas no sopé do morro. Levantava-me mais cedo que de costume e percorria todo o engenho, dando uma palavra de ânimo aqui, ajudando com uma mão um serviço pesado ali, até chegar à casa da moenda, onde parava satisfeito ouvindo alegre o chiar contínuo das rodas dos carros que traziam a cana e ia em seguida conversando animadamente com Antônio, o administrador, tomar um gole da gostosa aguardente que estava sendo destilada. Encontrava Lúcia às vezes nesses passeios e ficava conversando com ela durante largo tempo, procurando um modo de abordar o assunto que me trazia prêso a tanto tempo. Se fôsse uma desconhecida ou uma conhecida de pouco tempo, pensava eu, já teria lhe falado sôbre meu amor com todo o desembaraço, mas com Lúcia era diferente. Era uma companheira de infância e tinha medo de cair em ridículo ao querer expor-lhe meu amor. Entre nós era tão grande a liberdade que eu me sentiria ridículo em tomar uma atitude séria e declarar-lhe tudo o que me ia na alma. Os dias corriam, o suco da cana ia sendo transformado rapidamente em açúcar e guardente e eu antevia um grande lucro para êsse ano, e até Isabel, a preta velha que vivia no casarão comigo, maliciosa e rindo mostrando os dentes brancos, dizia a tôda hora: — "Se Sinhô moço não casar agora com êsse dinheirão que está esperando, não casa nunca mais. Olha que já é tempo. Com tanta moça bonita por aí... Olha só a Lúcia do "seu" Antônio que moça boa"; e arrumando o avental ia para a cozinha arrastando os chinelos. Eu me perturbava um pouco, dava-lhe uma resposta brincalhona e pensava lá com os meus botões: 'Será que ela já percebeu? Não é possível. Pois se nem Lúcia percebia ou fingia não perceber!" Uma resolução forte veio então em meu auxílio. Quando terminasse o corte da cana e o trabalho se normalizasse no engenho, eu falaria com ela e pediria a ela que fôsse minha companheira. Sentado então no alpendre fazia passar pelos olhos da imaginação o instante em que tomaria as mãos dela entre as minhas e olhando aquêles olhos pretos como a jaboticaba sabará lhe diria tudo que tinha guardado durante longo tempo. Fernão, êle arranjasse outro emprêgo. Eu queria fazer a minha felicidade para que estar agora pensando na dos outros. Eu queria Lúcia para mim. Queria fazer dela a senhora daquele engenho. Que lhe poderia dar Fernão? Uma casa que não era sua e de que se ocupar o dia todo, trabalhos estafantes e uma escadinha de filhos.

Certa tarde, já quase no fim do corte da cana e em que o ritmo do trabalho ia já diminuindo, eu estava sentado no alpendre lendo a correspondência do dia, na maioria cartas comerciais e revistas agrícolas que eu abria e ia pondo de lado. O sol já estava quase no horizonte; do mangueirão vinha o mugido das vacas chamando pelos bezerros; os carros chiavam mais monótonos e da cozinha vinha um cheiro gostoso acompanhado de uma cantiga estropiada por Isabel. O mormaço que descia sôbre o engenho, a quietude que ia se espalhando, foi tomando conta de mim e meus olhos começavam a se fechar, quando um baque da porteira acompanhado de gritos fêz-me abrir os olhos sobressaltado. Olhei para o lado da porteira e uma sensação da desgraça tomou conta de mim. Carregado por dois trabalhadores vinha um corpo de homem e nos braços de Antônio vinha Lúcia, os braços caídos inertes ao lado do corpo e os cabelos negros desfeitos pelo ombro. Num salto levantei-me da cadeira de balanço espalhando as cartas pelo chão e corri ao encontro do grupo que vinha se aproximando. Ao chegar perto notei que carregado pelos dois trabalhadores vinha Fernão, de uma palidez impressionante, as calças rasgadas em diversos pontos e os dedos crispados como se segurassem alguma coisa invisível. Atrás vinha Quim, um preto velho do engenho que ainda trabalhava no corte. Transtornado, sem saber a quem perguntar o que acontecera, perguntei sacudindo-lhe os braços:

— Que foi, Quim? O que houve com Lúcia? Por que Fernão vem carregado?

— Uma desgraça, Sinhô. Cascavel... Eu "tava" lá tão perto e não pude fazer nada, de tão rápido que tudo aconteceu. Um casal de cascavel picou o moço Fernão. Êle vivia tão contente agora e era o nosso melhor cortador. Pois aconteceu assim, meu Sinhô...

Deprimido pelo pêso daquela desgraça, com os ouvidos ainda vibrando dos gritos desconsolados da mãe de Fernão, deixei-me cair extenuado sôbre a cadeira do alpendre. Fitei aquêle mar de folhas verdes que se agitavam subindo a encosta do morro e ante meus olhos perpassou a história tétrica que Quim fôra me contando.

Fernão meio abaixado, com o facão afiado seguro em sua mão possante, ia ceifando o caule das canas num ritmo compassado amontoando-as ao lado. Sentada a pouca distância, estava Lúcia que, de passagem por ali, parara para conversar com êle. Com uma flor entre os dedos, Lúcia falava e ria despreocupada. Fernão, com o torso nú suado e brilhante ao sol, também falava e parava de vez em quando o trabalho e fitava Lúcia. O feixe de cana ia crescendo rapidamente e estava quase pronto para o carro levar para a moenda, quando Fernão ao apanhar um caule parou o movimento do facão no ar, largo a cana e gritou:

— "Cuidado, Lúcia."

Tarde de mais, entretanto. Rápido como um raio surgiu o corpo pardo riscado de negro de uma cascavel, que num bote certeiro cravou os dentes venenosos no antebraço de Fernão. Saltou para trás e num movimento de defesa desferiu com o facão um semicírculo no ar que pegou a serpente ainda na queda ferindo-a de morte. Abaixa-se para decepar-lhe a cabeça, quando a companheira do reptil, chocalhando os guisos da cauda salta-lhe ao peito e crava os dentes logo abixo do coração. Quim ouve um grito angustiado de Lúcia que corre a aparar Fernão que cambaleia. Num sôpro tenta ainda dizer:

— "Cuidado Lúcia. A outra cascavel ainda está viva".

Lúcia nada ouve e procura passar o braço ao redor do pescoço de Fernão e ao aúoelhar-se ouve novamente o chocalhar sinistro dos guisos da cascavel que, num segundo bote, crava os dentes em sua perna e rápida enbrenha-se entre os caules da cana. Ante os gritos de horror de Lúcia, correm Quim e outros trabalhadores que estavam perto do local e ao chegarem deparam Lúcia desmaiada sôbre o corpo inanimado de Fernão que, encostado no feixe de canas ainda tinha os dedos crispados no cabo do facão.

O ranger da porta trouxe-me de novo à realidade. Volto a cabeça e aparece Isabel enxugando os cílhos na ponta do avental:

— Que desgraça, Sinhô. Um moço tão forte como aquêle... Morreu logo depois, Sinhô. Também, foi mordido duas vezes. Coitada da mãe dele...

— E Lúcia, perguntei.

— Lúcia está bem. A cobra já não tinha veneno quando mordeu "ela". Um suspiro de alívio e de tristeza saiu de meu peito. Deus ainda quis que ela vivesse para mim.

TERREMOTO!!!
NO MERCADO DE PERFUMES!

Examinem os nossos novos preços:

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 grs. Cr$	Extratos 50 grs. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe Chine	12,00	22,00	30,00
Madeiras	12,00	22,00	30,00
Jasmim	10,00	22,00	30,00
Violeta	13,00	22,00	30,00
Rosa Natural	13,00	22,00	30,00
Q: Fleurs	15,00	25,00	35,00
F. Amour	15,00	25,00	35,00
Tab Blond	21,00	35,00	40,00
Narcisse N.	25,00	35,00	40,00
Mytzko	18,00	25,00	35,00
Tabul	25,00	35,00	40,00
Arp S.	20,00	35,00	40,00
Chan 5 S.	20,00	35,00	40,00
Nuit N.	25,00	35,00	40,00
Flor Maçã FB	50,00	70,00	70,00
Arabesque FB	60,00	80,00	80,00
Casino FB	60,00	80,00	80,00
Soupplesse FB	50,00	70,00	70,00
Biarritz FB	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo FB	50,00	70,00	70,00
Heno del Campo FB	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles FB	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre FB	85,00	105,00	105,00
Champagne FB	60,00	80,00	80,00
Despesas de reembôlso	6,00	6,00	6,00

NOTA — Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados com as letras FB são legítimos franceses, em embalagem original.

VENDAS PELO REEMBÔLSO POSTAL PARA TODO O BRASIL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Avenida Marechal Floriano, 67 — Sobrado — RIO DE JANEIRO

Publicidade para a

Revista da Semana

em São Paulo

Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO
Rua Brigadeiro Tobias, 61
2.° andar — Sala 217

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: — Rua Álvares Penteado, 180, Sala 502 — Telef.: 3-2649

Alô, Rádio Patrulha

(Cont. da pág. 52)

com bons modos. Usada a fôrça, esta reagiu a dentadas, resultando saírem feridos os componentes da guarnição, um guarda-civil e um guarda municipal. Houve um episódio curioso em tudo isso. A louca decidiu que o repórter era seu esposo. Beijou-o e chorou pedindo-lhe perdão das faltas cometidas.

São interessantes os diversos ângulos em que se desenvolvem os serviços da Rádio-Patrulha. Momentos há em que indivíduos inescrupulosos fazem rebates falsos somente com o fito de divertimento. Uma senhora fêz três carros da R. P. movimentarem-se. Seu papagaio tinha fugido. Outra chamou a tôrre para comunicar que o filho não queria ir para a escola. Cinquenta mil pessoas recorrem à Rádio-Patrulha durante um ano. Os carros rodam 5.000 quilômetros por mês. Pode haver muita coisa que necessita ser melhorada da Rádio-Patrulha. Mas que os seus serviços são indispensáveis, numa cidade onde o crime é questão de princípio, é realidade. Infelizmente, punir não constitui remédio. O nosso problema social é complexo demais para ser sanado em pouco tempo. Não temos serviço de assistência aos menores. Ou o serviço existente é digno de repúdio. As crianças filhas do destino são geralmente futuros criminosos.

Seria triste fazer um estudo acurado. Reprimir o crime não resolverá o problema. Atenuará, somente. E é isso o que a Rádio-Patrulha vem fazendo, quase só. Esta é a verdade.

UMA RAINHA DIFERENTE

(Cont. da pág. 7)

de Educação), 73,9; 5º — Dayse Lucas (Caiçaras), 66,9; 6º — Edna Flaeschen (Vasco), 65,4; 7º — Helga Ackerman (Sociedade Esportiva Friburguense), 61,7; 8º — Neli Braz Braga (Escola Nacional de Educação Física), 59,9. Aliás esta última candidata poderia ter obtido uma colocação melhor, se tivesse aparecido no desfile não com um maiô bikini, como o fêz a representante do Botafogo, mas pelo menos com um short, pois todos que a viram competindo nos "Jogos da Primavera" a qualificaram no grupo das favoritas.

Os leitores já leram o julgamento dos artistas, agora olhem para as fotos das oito concorrentes e façam o seu próprio julgamento. Verificarão como foi difícil escolher a rainha, a loura do Icaraí, a bela e formosa Margaret Schmidt, uma desportista cem por cento aquática, veleira e nadadora. Não restam dúvidas, é uma rainha diferente.

O Violinista do Outeiro

(Cont. do número anterior)

Uma semana depois, custei a controlar o assombro dos colegas, exigindo segrêdo, porque Emília e Mateus serenamente povoaram o patiozinho do outeiro com seus passeios idílicos, como se fôssem recém-casados. E sòmente não compareceram à festa da igreja. Emília fêz-se logo amiga das vizinhas, inclusive de Ma-



Desperte seus atrativos femininos usando em seu maquillage social o super-creme "O SEGRÊDO DA SULTANA", dando à tez um precioso e sedutor aspecto, dissimulando os defeitos e beneficiando a pele.

Há ainda para higiene, saúde e beleza da mulher:
Água de Colônia 107
Sabonete 107
Sabão Russo, líquido,
vidro de 270 grs.
vidro de 630 grs.
vidro de 1.000 grs.
A VENDA EM TODA PARTE

Líquido, sólido e em bastões para barba





Laboratório do SABÃO RUSSO
FUNDADO EM 1830
MANOEL LUIZ GARCIA
Rua D. Maria, 107 — RIO DE JANEIRO

Indispensáveis em todos os lares

1949

NATAL

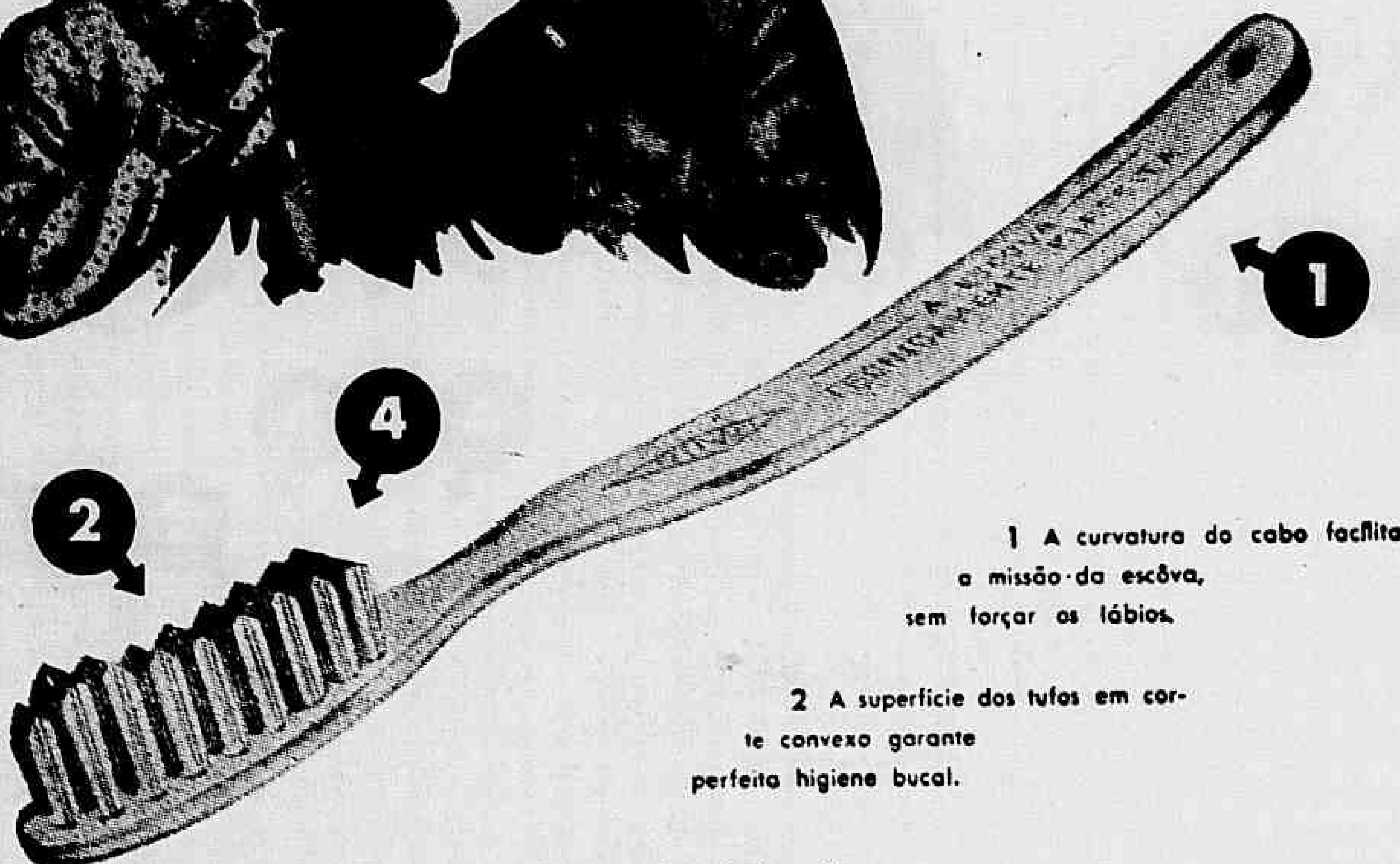
LOTERIA FEDERAL

1º PREMIO
5 MILHÕES *de cruzeiros*
2º PREMIO
4 MILHÕES *de cruzeiros*
3º PREMIO
3 MILHÕES *de cruzeiros*
4º PREMIO
2 MILHÕES *de cruzeiros*
5º PREMIO
1 MILHÃO *de cruzeiros*

Distinsan

A ESCÔVA DE DENTES TÉCNICAMENTE PERFEITA!





1 A curvatura do cabo facilita a missão da escôva, sem forçar os lábios.

2 A superfície dos tufos em corte convexo garante perfeita higiene bucal.

3 Os tufos implantados em base côncava resistem à ação da pasta sempre com a mesma rigidez.

4 Os tufos são pontiagudos, assegurando a perfeita limpeza externa dos dentes e simultâneamente a dos interstícios, ponto inicial das cáries.



ria Rita. Nos dias de feira, o violinista subia maritalmente a ladeira, carregando pesados embrulhos. Era apontado pelas casadas, como um exemplo.

— Que calma! Que cinismo! Êstes sujeitos assim encolhidos, são "totalitários". Conheço o marido dela. — dizia o Anisio, vendo-os passar abraçadinhos.

— Psiu! — implorava eu, arrependido mil vêzes, de ter revelado aquilo aos companheiros de quarto.

— Ah! Ah! Ah! — ria então o Anisio.

— Você compreende...

— Rapaz, venha cá, não seja trouxa! Olhe, vou lhe contar tudo. Cuidado, lhe direi então, porque isto sim, deve ser segrêdo. A semana passada estive lá.

— Como assim?

— Pois vieram aqui, chamar um estudante para dar injeção. Fui lá. Sabe o que era? A "dona", vomitando sem parar. Diagnóstico, aqui do clínico: vômitos incoercíveis da gravidez...

— Já?!

— Sim, senhor. Entrei em conversas intimas. Se você visse a pose dela! Apertando contra o seio, um retrato dêle! Paixão ali é "mato". Aquilo vai acabar mal. A "dona" está gastando o dinheiro. Compraram aquela casinha. Disse-me o Mateus que ia mandar vir o pai de S. Paulo, único parente. A coisa é "total", compreende?

Lá no outeiro, ninguém sabia. Zaratini tornou-se amigo de Anisio. Muitas noites formamos roda de "pocker", na casinha do violinista. Desconfiado, sòmente vivia o velho sacristão, por não terem êles escolhido a Igreja, para o casamento.

Emilinha enfeitava-se para o "primeiro" filho. Acomodou-se à vida retirada do "marido". Zaratini continuava executando as "danças espanholas" de Sarasate e já o escândalo começava a uivar lá na cidade, rondando como lôbo a felicidade dêles, aninhada no outeiro da Glória.

Quatro meses depois, sem temores nem vibrações visíveis, Mateus envia a mulher apressadamente para São Paulo. Assistimos aos desatinos apaixonados da mulher entrando num automóvel, quase carregada por êle. Na noite do embarque o outeiro ouviu ainda o violino de Zaratini. Era o "Adios montanhas mias", executado com indescritível paixão.

Na semana seguinte, raras vêzes vimo-lo passar como outrora, macumbúzio e abatido. Descia a ladeira e, abeirando-se das muralhas da praia da Glória, desaparecia lá para os lados do Municipal.

Como era triste o outeiro, sem o violino do Mateus! Que profunda era a dor de Maria Rita, recostada sôbre aquêle muro!

Acreditávamos que a coisa estava em seu fim, quando certa manhã despertou-nos a gritaria da Maria Rita:

— Coitadinho! Ainda está vivo! Coitadinho!

Corremos à janela.

A moça, de acôrdo com os vizinhos, entrara pela porta dos fundos da casa abandonada do violinista, com o objetivo de socorrer as aves. De fato, o canarinho estava morto, no fundo da gaiola. O papagaio, resistia ainda. Piscando molemente os olhinhos, arrepiando as penas do pescoço, a língua preta e sêca no fundo do bico; assim que viu gente palrava um não sei quê sumido, rouco, pré-agônico.

— Coitadinho! Está com sêde! — gritava Maria Rita, acariciando o resistente representante verde de nossas florestas.

Quis até a moça que déssemos uma injeção de óleo canforado no papagaio.

— Não convém. Pode atacar o fígado dêle — objetou o Maneco.

GRANDE DESCOBERTA PARA OS CALVOS

TÔNICO CAPILAR "AMARALINA" — (Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia). De base vegetal dá certeza absoluta que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a milhares de casos em todo o Brasil. Com um vidro detém a queda dos cabelos, elimina totalmente a caspa e com a continuação fará voltar a sua saudosa cabeleira. Encontra-se em Drogarias, Perfumarias, Farmácias, etc. a Cr$ 35,00, o vidro

Aceitamos pedidos pelo Reembôlso Postal. Preço: Cr$ 45,00, livre de porte. M. M. BURLE & CIA. LTDA. — Avenida Rio Branco, 137 — 6.º andar — Sala 616 — RIO DE JANEIRO

A Agua Sanitaria CLARINHA
Dá valiosos brindes na chapinha

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

Vinho Chico Mineiro

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO, que conservará o seu porte elegante A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE, USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor (Exigir a embalagem verde)

E LEMBRE-SE QUE O SEGRÊDO DE UMA LINDA CABELEIRA SEM CASPAS E CABELOS BRANCOS ESTÁ EM EUTRICHOL ESPECIAL EXPERIMENTE-O E VERÁ

MULTIFARMA

PRAÇA PATRIARCA, 28-2.º

S. PAULO

Remessa pelo Reembolso Postal

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL - HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza use BÉL-HORMON nº 1; quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 83 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ...

NOME ....

RUA .... Nº .....

CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00



— E o Zaratini? — interveio Anísio.

— Foi buscar a mulher — responderam.

— E deixou a casa assim abandonada? — insistimos.

— Água! Água! Primeiro, água. Coitadinho, o que não estará sentindo? — tornou Maria Rita.

E o sacristão trouxe apressado uma vasilhazinha com água.

— E' uma coisa esquisita esta viagem!... — bisbilhotou o Maneco bamboando a cabeça psicològicamente.

— Venham cá. Parece incrível!... — declarou por fim Maria Rita, deixando o papagaio nas mãos do sacristão e com o bico dentro da vasilha. E contou-nos, surpreendida por não sabermos ainda, mostrando num recorte de jornal o retrato de Mateus assassinado e logo depois o do marido-suicida... Compreenderam?

Quatro dias depois, como era irritante aquilo! O papagaio na janelinha da casa de Maria Rita gritava:

— Mateus! Mateus! Mateus!

Uff, Meu amigo, como esgotam a gente as banalidades da vida!

— Mateus! Mateus! — palrava o dia todo o papagaio do violinista do outeiro.

GLADYS LE BAS

(*Cont. da pág.* 25)

convite, em artigo especial, "sôbre a necessidade de mudar a base da formação musical, fazendo com que nenhuma criança seja torturada com sinais estéreis como os que representam os sons, enquanto o seu ouvido não os distingue sem vacilação e o seu coração não os ame como os mais inseparáveis amigos".

Gladys, aliás, não é a primeira aluna que a sra. Kousserow consegue formar tão ràpidamente. O seu método, exatamente porque foi criado para crianças normais, sem dotes excepcionais, pode ser aplicado, com sucesso em grande escala. Os pais de Gladys conheceram a sra. Kousserow quando esta apresentava uma outra pequenina discípula ao público. Impressionados com o trabalho da mestra — que tem o "dom milagroso de saber interessar as crianças pela música", como disse Emile Vuillermoz — os pais de Gladys confiaram à sua orientação a menina de 18 meses e o resultado da obra de largo alcance pedagógico foi a pianista que o público carioca ouviu e aplaudiu com entusiasmo.

Publicidade para a

Revista da Semana

em São Paulo

Tratar com

Jarbas de Freitas Galvão

Rua Brigadeiro Tobias, 613

2.º andar - Sala 217

Fone: 6-6718

O ALMANAQUE "EU SEI TUDO"

estará à venda em tôda parte na Primeira Quinzena de Dezembro

★

Os mais divertidos e variados assuntos ★ Contos ilustrados ★ Calendário ★ Notas e informações sôbre o ano ★ Leitura para adultos e crianças ★ Um livro com perto de 400 páginas, muitas das quais ilustradas a côres ★ Resenha do ano em relação aos principais aspectos da vida ★ Assuntos rurais ★ Anedotas ★ Charadas ★ Esporte ★ Cinema ★ Rádio

★

O ALMANAQUE "EU SEI TUDO" para 1950, o livro dos mil assuntos, custará apenas Cr$ 15,00 em tôdas as bancas de jornais do Brasil

★

Pedidos pelo Reembolso Postal ou mediante vale do Correio á

CIA. EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15

RIO DE JANEIRO

BARÔMETRO HUMORÍSTICO

UM ADÔRNO CURIOSO, QUE ASSINALA AS MUDANÇAS DO TEMPO E PROPORCIONA GOSTOSOS MOMENTOS DE BOM HUMOR

ESCREVA-NOS PEDINDO UM E PAGUE AO CORREIO SOMENTE QUANDO RECEBER O VOLUME



★

Preço: Cr$ 25,00 sem mais despesas

★

PARA REVENDEDORES TEMOS PREÇO ESPECIAL PARA PEDIDOS DE DÚZIA

Fábrica "EGLY"

Caixa Postal, 1055
SANTOS (Est. São Paulo)

GRIPES
RESFRIADOS
NEVRALGIAS

DÔRES de CABEÇA

TRANSPIROL

CASPA!. CABELOS BRANCOS!

use LOÇÃO XAMBÚ

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM Á SUA CÔR NATURAL. ELIMINA A CASPA — EXITO GARANTIDO.

LABORATÓRIO — Rua Souza Dantas nº 23
Pedidos pelo Reembolso Postal — Rio de Janeiro

ESTRELA CADENTE

(Cont. da pág. 38)

me acabara de fazer. Tive vontade de dizer-lhe um bando de desaforos, mostrando-lhe que não me prestava a tal espécie de negócios, porém, seu Álvaro continuava falando maciamente.

— Pois é, aqui dentro dêste saquinho de couro está o diamante azul, o belíssimo e enjeitado "Estrêla Cadente". Leve-o para o hotel, pense bem sôbre tudo que de mim ouviu e se topar a proposta, amanhã bem cedo o Graciano e estará esperando com um cavalo arreiado. Não precisamos falar mais sôbre o assunto. Caso não queira me ajudar, devolva a pedra ao criolo amanhã de madrugada e tudo ficará o dito pelo não dito. Seremos sempre os mesmos amigos.

Levantando-se, seu Álvaro bateu cordialmente em minhas costas, dirigindo-se para a porta da rua, numa maneira delicada de me intimar a sair. Meti o saquinho de couro num dos bôlsos e voltei para o hotel. Naquela noite não preguei os olhos, tendo entre as mãos a pedra azulada, admirando aquêle diamante de rara beleza que deveria a meu ver valer milhares de contos de réis.

Coloquei-a debaixo da lâmpada de cabeceira, tomei a lente e observei com paciência, podendo então notar num dos cantos da mesma, uma mancha escura que parecia penetrar até o meio da pedra fazendo "sombra" em dois terços de sua totalidade. Pude então compreender a agonia que por certo teria dado ao velho mineiro anos de amargura embranquecendo-lhe os cabelos.

Na madrugada seguinte ao de meu encontro com seu Álvaro, voltei para o garimpo, depois de ter recebido o cavalo das mãos do criolo Graciano nos portões dos fundos do Grande Hotel. Topei a parada.

Inútil será dizer que tudo correu da maneira pela qual seu Álvaro previra e delineara. Minha carta seguiu para Diamantina três dias após minha chegada nas lavras, quando já o inglês havia efetuado a primeira compra de diamantes naquele mesmo escritório onde eu estivera dias antes. Outros dois dias depois, recebia em meu rancho a visita de seu Álvaro em companhia do comprador inglês.

O "Estrêla Cadente" foi vendido pelo dôbro do preço estipulado por seu Álvaro, que, na verdade, perdera milhões no negócio. A mancha escura que tanto preocupara o velho mineiro, que sacrificara tantas vidas, parecendo um grave defeito do belíssimo diamante azul, não passava de uma pequena mancha superficial. Graças à pureza da pedra tinha-se a impressão de que aquela mancha nela se aprofundava. O inglês, que aliás era sul-africano, profundo conhecedor da matéria, percebera logo ao primeigo exame o fabuloso valor do "Estrêla Cadente", não titubeando em pagar em cima de minha proposta os setecentos e cinqüenta contos que por êle pedira na porta do rancho.

Hoje, passados tantos anos, fico a pensar comigo mesmo: Por onde andará o "Estêla Cadente"? Estará por certo fulgurando no turbante de seda branca de algum potentado oriental, nas garras de algum anel ou ainda na corôa de algum rei europeu. Todo o diamante raro e belo, tem sua história cheia de lances curiosos, manchada de sangue e lavada em lágrimas.

ALÔ, RÁDIO PATRULHA!

(Cont. da pág. 37)

DEZ DIAS COM A RÁDIO-PATRULHA

Para melhor conhecimento dos leitores descreveremos sintèticamente o que o repórter observou do interior dos carros da Rádio-Patrulha durante os inúmeros dias do mês recém-findo. Entrelinhas as autoridades poderão ter uma idéia do que necessitam os serviços da referida polícia e a que ponto chegou a exploração dos demais organismos policiais que, diante da eficiência das R.P., acham que a cidade deve ser policiada exclusivamente pela mesma.

O relógio marcava 4 horas. A R.P. 33 encontrava-se estacionada em frente ao edifício da Central do Brasil. Dois guarda-civis conversavam quando um carregador aproximou-se. O trabalhador tocou no braço de um dos policiais e indagou: Posso sentar-me aqui? Os guardas conversavam animadamente, mas voltaram-se para o homem, dizendo-lhe: "Naturalmente que pode!".

Ao ouvir isso o pobre homem sentou-se, tendo antes colocado a rodilha que atenua a pressão dos objetos que conduz. Porém, mal se acomodara, surgiu um terceiro guarda que lhe vibrou violento ponta-pé: — "Levanta, vagabundo!"

O detective Rui Almeida encontrava-se ao lado do repórter presenciando a cena. Os dois guardas, cujos números não foi possível verificar, olharam para o carregador e sorriram.

Meia hora mais tarde o repórter foi dar uma volta pelo interior da gare da estação Pedro II. Um guarda estava ao telefone chamando a Rádio Patrulha. Um embriagado promovia desordem. Que fazia êle no local?...

Mas era o primeiro dia de trabalho do repórter que, desde então, passou a averiguar os diversos ângulos da nossa polícia civil.

Segundo dia de trabalho: novamente com o detective n. 284. Desta vez houve uma ocorrência no Morro do Querosene. Rui subiu a estrada encaracolada e cheia de declives, juntamente conosco. Havia uma pista de sangue. Mas... como segui-la se a R.P. não possuia uma lanterna sequer. No interior do carro foi encontrado um pedaço de estearina. Rui acendeu-o, seguindo, assim, a pista do criminoso que, em meia hora, estava prêso. No entanto, agachado como ia, se não tivesse quem lhe guarnecesse as costas, êsse policial não poderia ter sido atingido?

Chegou o terceiro dia de trabalho. Um novo policial acompanhava o repórter. Desta feita tratava-se de um rapaz sem grande experiência, muito diferente dos muitos que haviam conhecido. Passou duas horas numa ocorrência banal. Prendeu sem necessidade, afobando-se quando mais necessário era recorrer à calma.

O quarto dia mudou de aspecto com a presença do detective Wagner e sua boa guarnição. Muito equilibrada. Um ótimo policial êsse rapaz. Houve um roubo de automóvel que Wagner deslindou. O ladrão era filho de um desembargador. Êste fêz ver no detective o mal que poderia fazer-lhe se não desistisse de sua pretensão de prender o criminoso. Mas, diante da atitude firme do policial, s. excia., o magistrado, desistiu, acabando por confessar ao policia que... aquilo era muito justo.

Houve o quinto dia de trabalho; uma noite perdida. No dia seguinte o repórter foi a Copacabana. Copacabana, bairro arruaceiro. Há uma proporção de três para uma ocorrência em relação aos demais bairros, ali. Rouba-se e briga-se em Copacabana. Trata-se mal a imprensa e... o delegado vai jantar de Rádio-Patrulha... Não obstante, os comissários dêsse bairro são pessoas com a noção do trabalho que realizam. Durante os dias em que a reportagem esteve no elegante bairro, verificou que êsses policiais possuem noção da responsabilidade de seus cargos.

UM DIA AGITADO

O Rio é interessante. Dias há em que a policia não tem o que fazer. Mas... aos sábados. E se êste coincide com um dia primeiro! Então já sabe que tem que fazer o desdobramento. Através dos "cogoetes sabe-se que o malandro tal irá à "gafieira" tal para assassinar beltrano. E na hora do "fuzuê" os "tiras" abafam a encrenca antes que haja um desfêcho rumoroso. Mas não é sempre que a polícia descobre com antecedência o que irá suceder. E ao desenrolar de uma dessas brigas, é enorme a balbúrdia, sendo que o número de feridos devido à fuga precipitada é sempre maior que entre os autores do conflito.

No quinto dia de serviço junto à R.P. seguimos as diligências desenvolvidas entre os criminosos contumazes, dêsses com quem as leis são incipientes. Um indivíduo, cuja residência ilustra esta reportagem declarou ao repórter, que iria matar brevemente para voltar para a cadeia, onde não teria que trabalhar. Êsse futuro crime seria apenas o 10º que praticava. Realmente, feriu um marinheiro na Lapa. Está, no momento, recolhido ao Presidio onde a reportagem foi proibida de entrar pelo seu diretor. Homem bastante conhecido pelo seu temperamento jovial, gênio folgazão, sempre sorridente para os jornalistas, incapaz de fazer algo errado, tais são os elogios que a imprensa lhe tem proporcionado...

OUTRO DIA

Doze horas no interior do carro 64. Do quinto para o sexto dia. Mulheres da vida fácil promoviam desordem no interior de um bar. Coisa triste é o meretricio! A R.P. 36 encontrou moças de 15 e 16 anos na mais completa depravação e as deteve. Inúmeros populares protestaram contra a atitude dos policiais sem saberem que o próprio repórter tinha sido mordido por uma delas, somente porque batera uma chapa. E as "gentilezas", nem é bom falar. Enquanto isso familias cruzavam a rua Frei Caneca, num bairro 100% familiar, mas onde as mariposas perturbam o sono das familias.

MAIS OUTRO DIA

Um policial nunca sabe se um repórter vai ser honesto em seus conceitos. Dificilmente um profissional da imprensa não é recebido com desconfiança. O repórter tinha ordem para cruzar a cidade em todos os sentidos. Fomos os primeiros a chegar nos incêndios e em tudo o mais que ocorria. Mas o primo de Nodel, patrulheiro da R.P., parecia deslocado no interior do carro, contando suas bravuras durante os longos anos em que exerce a função policial. Foi um dia de muita conversa e sem ocorrência de vulto a não ser a prisão sem motivo de um inofensivo que pilheriou com o detective.

DETECTIVE FERIDO

As nossas últimas diligências foram realizadas em companhia do detective Rui Almeida e sua guarnição. Ora, eram os "chauffeurs" da Central do Brasil que punham iodofórmio nos carros dos colegas para não encontrarem passageiros, ora sucedia surpreendermos uma dezena de motoristas, nos pontos, com os relógios baixados para explorar os passageiros. Fernando é incapaz de avançar um sinal. E gosta de tomar o número dos imprudentes. A Rádio-Patrulha ajuda a Inspetoria de Veiculos. Mas a tôrre anunciava uma desordem e como não havia sirene, a R.P. ficava detida nos congestionamentos. Em conseqüência dêsses atrasos, se estávamos longe, chegávamos atrasados na briga. Um minuto perdido pode significar muito para o fugitivo.

Mas na penúltima patrulha a R.P. 34 foi chamada para intervir num caso interessante. Tratava-se de uma demente que punha em sobressalto o flutuante da frota Carioca. Não houve jeito de conduzir a bela senhora

(Cont. na pág. 51)

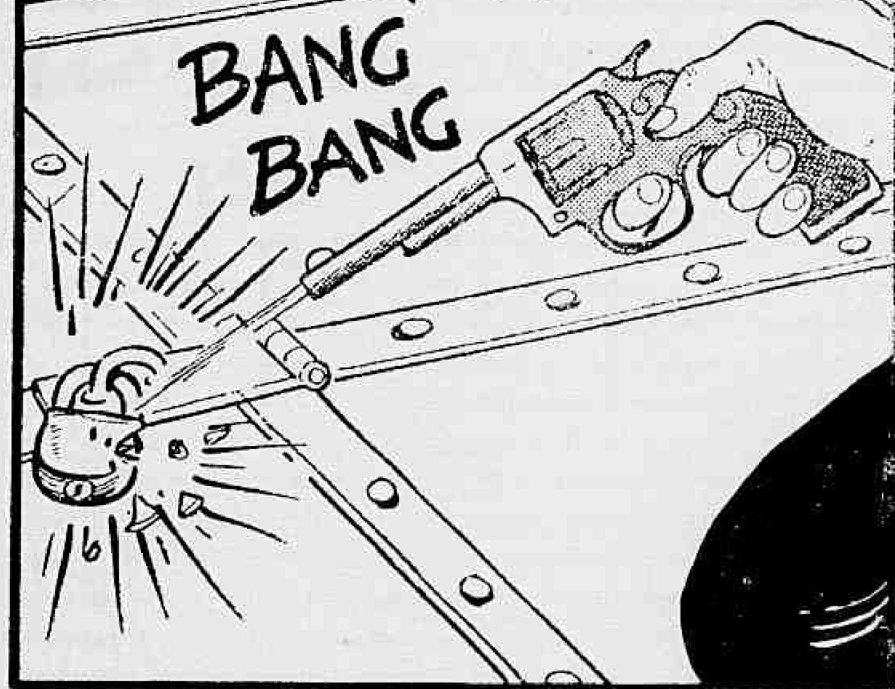
Nº 28

A MULHER SCARLET INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM























A NOIVA DO FAQUIR

DIZEM os historiadores, os que viajam muito por êsse mundo além, que entre vários povos da terra há o costume de submeter-se o noivo a certas provas de resistência física, sem o que os papás não dão a mãozinha da filha em casamento.

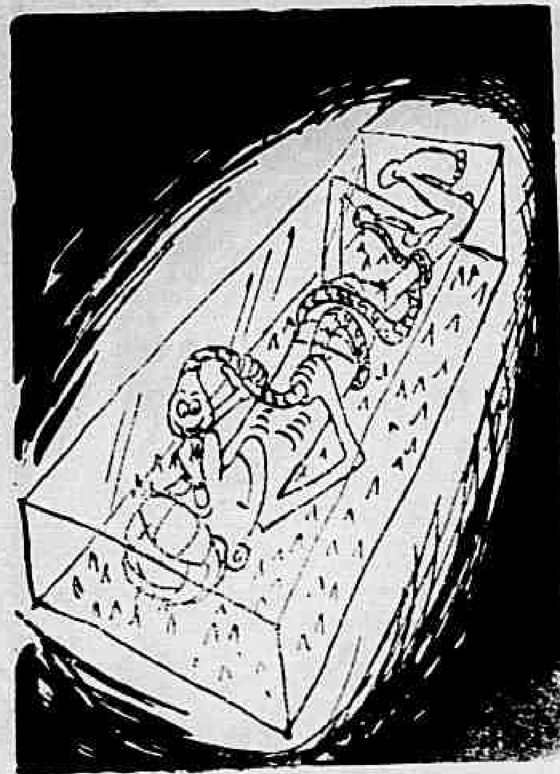
Em certas tribos da América do Sul havia êste curioso processo: o rapaz, diante de tôda a tribo, com pessoas de ambas as famílias, e mesmo de convidados vizinhos, recebia na cabeça rapada uma cabaça cheia de maribondos mangangás, os mais ferozes das selvas.

Se o noivo suportasse o ataque furioso dos insetos com suas ferroadas dolorosas, depois de certo tempo retiravam-lhe o instrumento de suplício e a moça era sua. Mas, ao que parece, isso não é nada diante dêste caso que se verificou ultimamente em Bordéus, França, com um faquir.

Para mostrar à sua futura cara-metade que é homem capaz de suportar tôdas as dificuldades dêstes tempos ingratos, o indiano se prontificou a ficar sem comer nada menos de 43 dias...

Mas pensam que tamanha prova de resistência à fome era suficiente para que êle demonstrasse seu grande afeto à noiva? Nada! O faquir foi mais longe. Propôs-se sofrer aquêle tremendo jejum encerrado num caixão de vidro devidamente fechado e seu corpo deitado sôbre um "colchão" de cacos de garrafa e em companhia de uma víbora venenosa! Era uma forma de homenagear sua noiva...

Ela aceitou o sacrifício e o faquir foi metido no esquife cheio de cacos de vidros e com uma cobra lá dentro. Passou ali 43 dias de fome, batendo o **record**. Não há dúvida que, depois disso, êsse jovem indiano pode casar-se até com uma jararaca...



O PEDREIRO FRANCISCO MARIANO



Esta foi a nota sensacional da última semana: "Constituiu fato de sensação no registro policial, o roubo de um cofre contendo jóias avaliadas em mais de um milhão de cruzeiros, o qual desapareceu misteriosamente no dia 3 de novembro da residência da Sra. Vera Rabelo de Oliveira, rua Constante Ramos, 56, apartamento 801. A 8 do mesmo mês, o pedreiro Francisco Mariano, morador na rua Divisória, sem número, telefonou para a Sra. Rebelo de Oliveira, avisando que havia encontrado o cofre num embrulho abandonado em um trem da Central e que ia devolvê-lo. Quando o pedreiro chegou com o cofre, foi preso pelas autoridades do Segundo Distrito Policial que não acreditavam na sua história simples. O bom homem protestou reafirmando sua inocência. Encontrara o embrulho junto à cabine do motorista e o levara para casa onde verificara que se tratava de um cofre. Lembrou-se então do noticiário dos jornais sôbre o roubo e tratou, então, de comunicar-se com a família.

As declarações do pedreiro eram tão peremptórias que pareciam sinceras. Por isso os policiais voltaram a suspeitar da arrumadeira Ana Lúcia Bernardes Muniz, de 27 anos, que há dois meses está a serviço da família roubada. Reside ela com o cozinheiro Acácio Vicente, na Estrada do Otaviano, 143, em Turi-Açu. Submetida a cerrados interrogatórios, acabou confessando tudo. Roubara o cofre no dia 29 de outubro aproveitando a ausência da patroa e o levara para casa. Seu amigo, o cozinheiro Acácio, colocou o cofre em um mala e deixou no Guarda-Volumes da estação D. Pedro II, de onde o retirariam para fugir para Belo Horizonte. Temendo a polícia, Ana retirou o cofre e o abandonou num trem, onde foi encontrado pelo pedreiro. Tôdas as jóias lá estavam, não faltando uma só. Mas, qual foi a recompensa dêsse pedreiro, dêsse protótipo de probidade, Francisco Mariano?

O CONTO DO APARTAMENTO

Quem não deseja morar em Copacabana, num lindo e elegante apartamento? Pois êsse desejo humano e louvável, tem levado muita gente a cair em deploráveis e revoltantes ardis.



O que passamos a relatar é um dos mais recentes nesta Cidade Maravilhosa.

Há mais de oito meses que se encontrava vazio certo apartamento da Avenida N. S. de Copacabana, aí pelas alturas do Pôsto Dois. Ao seu proprietário, porém, não interessava alugá-lo e sim vender, para o que incumbiu da transação um corretor de sua confiança.

Há poucos dias um oficial reformado do nosso exército, residente numa das ruas da Tijuca, leu o anúncio para alugar. Foi ver o imóvel e gostou, entrando imediatamente em negociações.

Um "respeitável senhor" que se apresentou como o encarregado de encaminhar o negócio, disse ao pretendente que as exigências eram estas: Cr$ 35.000,00 de luvas, Cr$ 4.500,00 de depósito e o aluguel mensal de Cr$ 1.500,00.

Embora achando muito "salgado", o militar aceitou e imediatamente satisfêz o pagamento exigido.

Depois disso dirigiu-se o "segundo contratante" à presença do encarregado do edifício a fim de tratar da limpeza e receber as chaves, conforme recomendação do corretor.

Dolorosa surprêsa, porém, o aguardava. O negócio não era possível, pois o corretor não estava autorizado a alugar o imóvel. Pelo telefone se comunicou com o proprietário que confirmou as alegações do porteiro. O oficial caíra no "conto do apartamento". E tudo foi entregue à polícia para infalível competente inquérito...

QUE FAMILIA!

Há coisas que vêm a público e a gente só acredita porque se passaram perto da gente e são fidedignos os testemunhos.



Uma dessas é o caso daquele camponês do interior de Minas Gerais, Sr. Matosinhos Maia.

Vamos reproduzir fielmente o que foi divulgado pelos nossos jornais:

"Vendo as suas pastagens devoradas por um incêndio, o sitiante Matosinhos Maia, do município de Brumadinho, indignado, resolveu vingar-se de tôda a vizinhança, e, por isso, tocou fogo nas invernadas de cinco fazendas das redondezas, produzindo incêndios, cujos prejuízos se elevam a milhares de cruzeiros.

À margem da ocorrência há um detalhe impressionante a registrar: o sitiante, ao que acaba de saber a polícia, é primo-irmão de José Estêvão Maia, o homem que se "vingou" de uma casa que havia sido sua, dinamitando-a, em Belo Horizonte, caso que foi noticiado a seu tempo.

Estêvão dinamitou uma casa por vingança, e agora, é seu primo Matosinhos Maia quem, também por vingança, incendeia cinco pastagens.

Trata-se, na certa, de um mal de família. Brumadinho, com todo o seu povo, começa a inquietar-se, sobressaltado diante de tamanha vocação para Nero...

A polícia mineira, porém, procura acalmar os mais nervosos e explica que, do mesmo jeito que sucedeu com o "assassino" de uma casa em Belo Horizonte, êste outro "assassino" de pastagens vai ser processado na forma da lei e mandado em paz para as grades de **Neves**.

ENSINANDO A CASAR



E' isso mesmo, leitor. "Ensinando a casar" é o título dêste tópico.

Até aqui os noivos e as noivas recebiam de amigos íntimos, de pais e parentes, certas instruções ou notícias sôbre o casamento e o meio de ser-se feliz no "conjugo vobis"; agora, porém, há escolas para ensinar a casar.

Não é em Copacabana ou no Juruá. A instituição ainda está distante do Brasil, mas um dia será instalada entre nós. A novidade foi criada em Copenhague, capital da Dinamarca.

Vamos ver como sucedeu o grande acontecimento:

"Copenhague, 8-11-1949 (R) — Uma escola para casamento, que seria a primeira no mundo, foi inaugurada nesta capital. Adotando o "slogan" de que é melhor um noivado desfeito do que um casamento rompido, a escola visa incutir nos jovens, homens e mulheres, conhecimentos e experiência que lhes permitam contornar, ou, de preferência evitar as crises na vida de casados. Há diversos dinamarqueses bastante conhecidos no corpo docente da escola. Existe, por exemplo, uma conhecida médica, uma famosa advogada, o presidente do Sindicato das Donas de Casa da Dinamarca e um cirurgião.

O diretor da escola é o reverendo Carl Edward Dam-Hendriksen. Êsse conhecido prelado declara que a escola foi fundada nas bases mais simples possíveis. E disse êle: "Não se pode resolver os problemas do casamento distribuindo bíblias indiscriminadamente. Pode-se aprender a fazer tudo, praticamente, em qualquer parte. Só existe, porém, um lugar, que eu saiba, onde se pode aprender a ser um marido ou esposa — e êsse lugar é Copenhague. Não há receita para ser-se feliz no casamento, mas o curso proporcionará ensinamentos básicos que auxiliem a vencer as crises matrimoniais".

Aconteceu

IA MATAR O FRADE

Notícias procedentes do município cearense de Pereiro, no distrito de São José, dizem que, por ocasião do batismo de um menino, após a missa dominical, ato que estava sendo ministrado por um frade, um homem que assistia ao ato religioso foi tomado por inesperado e repentino ataque de loucura.

Armando-se de uma faca o indivíduo investiu furiosamente contra o frade, ameaçando matá-lo.

O frade, calmo e apenas empunhando o crucifixo que pendia do seu pescoço, gritou para o homem alucinado: "Ordeno que te acalmes, irmão".

Essas palavras fizeram com que o louco desmaiasse no mesmo instante.

O fato está causando sensação entre os habitantes do lugar e, principalmente, entre as pessoas que o presenciaram.



Essa história faz relembrar aquela outra em que um louco, fugido do manicômio, subiu à tôrre de uma igreja disposto a liquidar com o padre que estava lá em cima.

O sacerdote, apesar da estupefação que sentiu, ao ver-se diante daquele alienado, não perdeu a calma e esperou pelo que desse e viesse.

A tôrre da igreja era muito alta. O louco segurou o vigário pelo braço e lhe disse com voz ameaçadora: "Você diz que faz milagres. Quero ver pular daqui lá em baixo e cair em pé. Vamos!"

Quando ia fazendo menção de agarrar o sacerdote pela cintura e lançá-lo no espaço, o padre lhe respondeu calmamente: "Isso não é milagre. Milagre é eu pular lá de baixo aqui para cima. Quer ver?"

O doido aceitou o desafio. O padre desceu e a polícia levou o louco para as grades...

UM JUIZ SINGULAR

Pode o marido castigar fisicamente sua esposa?

Aí está uma pergunta que, a muitos, pode parecer absurda, em si mesma, repelente e indigna de figurar num questionário de pesquisas sociais e jurídicas.

Mas, quem leu o "Diário de Notícias" desta capital, edição de 11 de novembro de 1949, deve ter visto na seção "Notícias Forenses", êste registro singular, de um juiz ainda mais singular:



"O juiz Anselmo de Sá Ribeiro, da Quinta Vara Criminal, absolveu, ontem, o operário José da Silva Braga, que, no dia 31 de janeiro do ano corrente, cêrca das dezenove horas, em sua residência, no Parque Proletário da Penha, agrediu a sôcos sua espôsa.

O acusado confessou a autoria do crime, alegando que pretendia apenas corrigir a companheira, que se entregara ao vício da embriaguez.

Em sua sentença o juiz afirmou o seguinte: "Parece-me não ser ato punível criminalmente o fato de marido ou companheiro corrigir, sem excessos, bem entendido, a mulher ou companheira que foge ao cumprimento dos seus deveres domésticos preferindo entregar-se ao feio vício da embriaguez. Isto sobretudo quando se tratar, como no caso vertente, de pessoas incultas e deseducadas, cuja inteligência não pode compreender a beleza moral da máxima indu, segundo a qual na mulher não se bate nem com uma flor".

E' uma sentença curiosa e, se conseguir emulação e estímulos, chegaremos a êste estado de justiça unilateral, do mais forte contra o mais fraco; quando a mulher se embriagar, apanha do marido; mas, quando o marido chegar bêbedo em casa... dá na mulher!

ENSAIOS NA PRAÇA PÚBLICA

A cidade de Belém, capital do Pará assistiu no dia 12 do corrente, a um espetáculo inédito.

O grupo que compõe o Teatro do Estudante, ensaiou até alta madrugada em plena praça da República, sob a luz do luar, a peça que será representada no Teatro da Paz.

Os estudantes explicaram aos jornalistas que obtiveram da Diretoria Geral de Educação e Cultura, licença para o ensaio da peça de estréia no teatro em que se exibe a cantora espanhola, La Gitanela.

Antes de terminar a exibição da cantora, dezessete estudantes entraram no teatro, pelos fundos, a fim de guardar o começo do ensaio.

O empresário da cantora tentou barrar-lhes a entrada. Foi-lhe explicado que tinham licença para realizar o ensaio. A explicação não valeu e os estudantes foram expulsos.

Diante dêsse contratempo, os rapazes não se deram por vencidos, e, como quem não tem cachorro caça com gato, reuniram-se ao ar livre, na praça pública e ensaiaram sua peça, terminando o trabalho pela madrugada.

Os estudantes do Pará deram uma lição de mestre ao empresário de La Gitanela e mostraram que, onde há talento, disposição e amor à arte, todos os obstáculos são vencidos.

Além disso, o caso não é inédito no Brasil. Aqui no Rio, os estudantes já ensaiaram por noites seguidas, diante do edifício do Ministério da Fazenda, uma peça clássica, tendo-a levado no mesmo local, com imenso sucesso.

E nada como o teatro da natureza, como se fazia na Grécia.

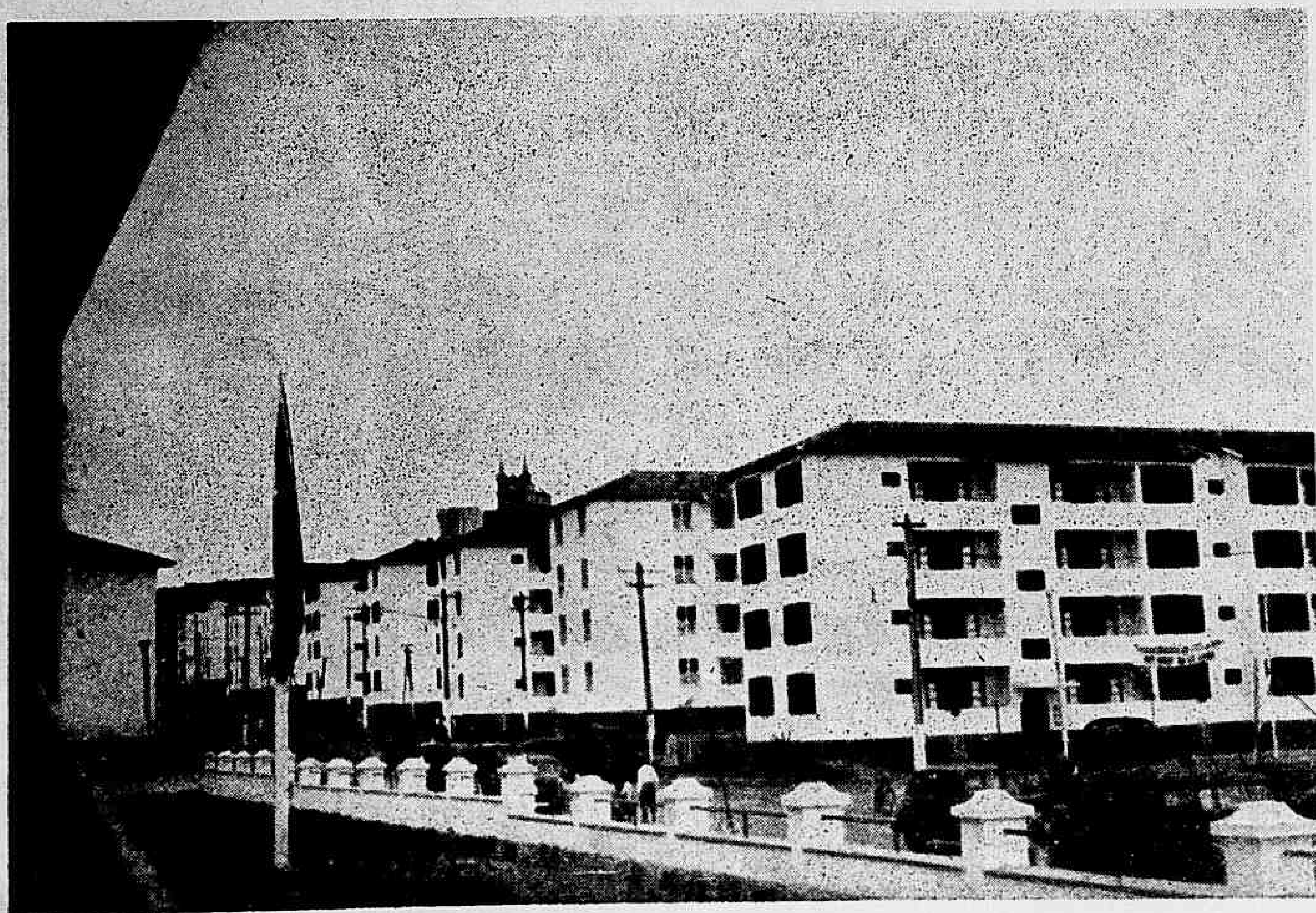




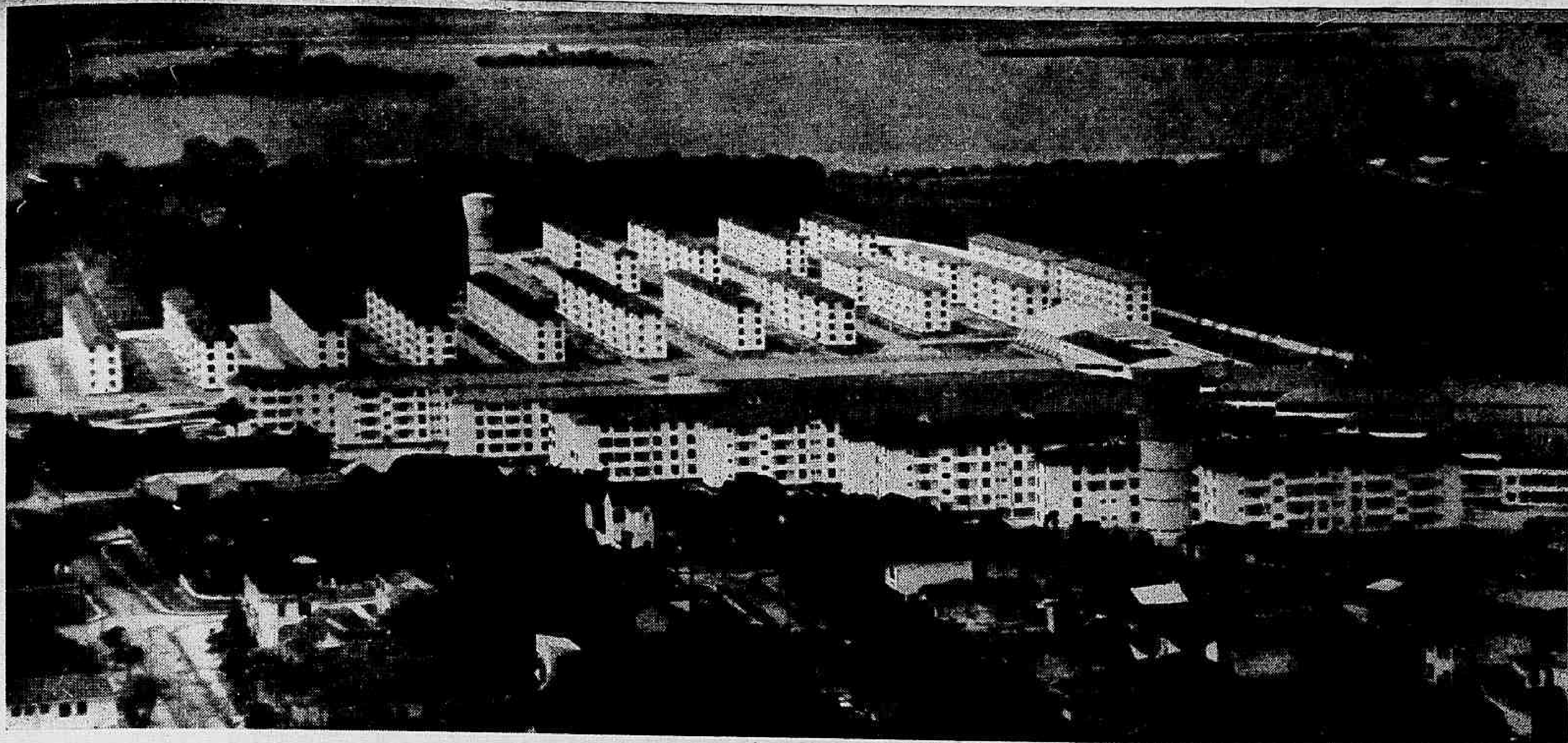
CASAS PARA OS

Inaugurado pelo presidente Eurico Dutra o conjunto residencial da Penha, realização do seu govêrno





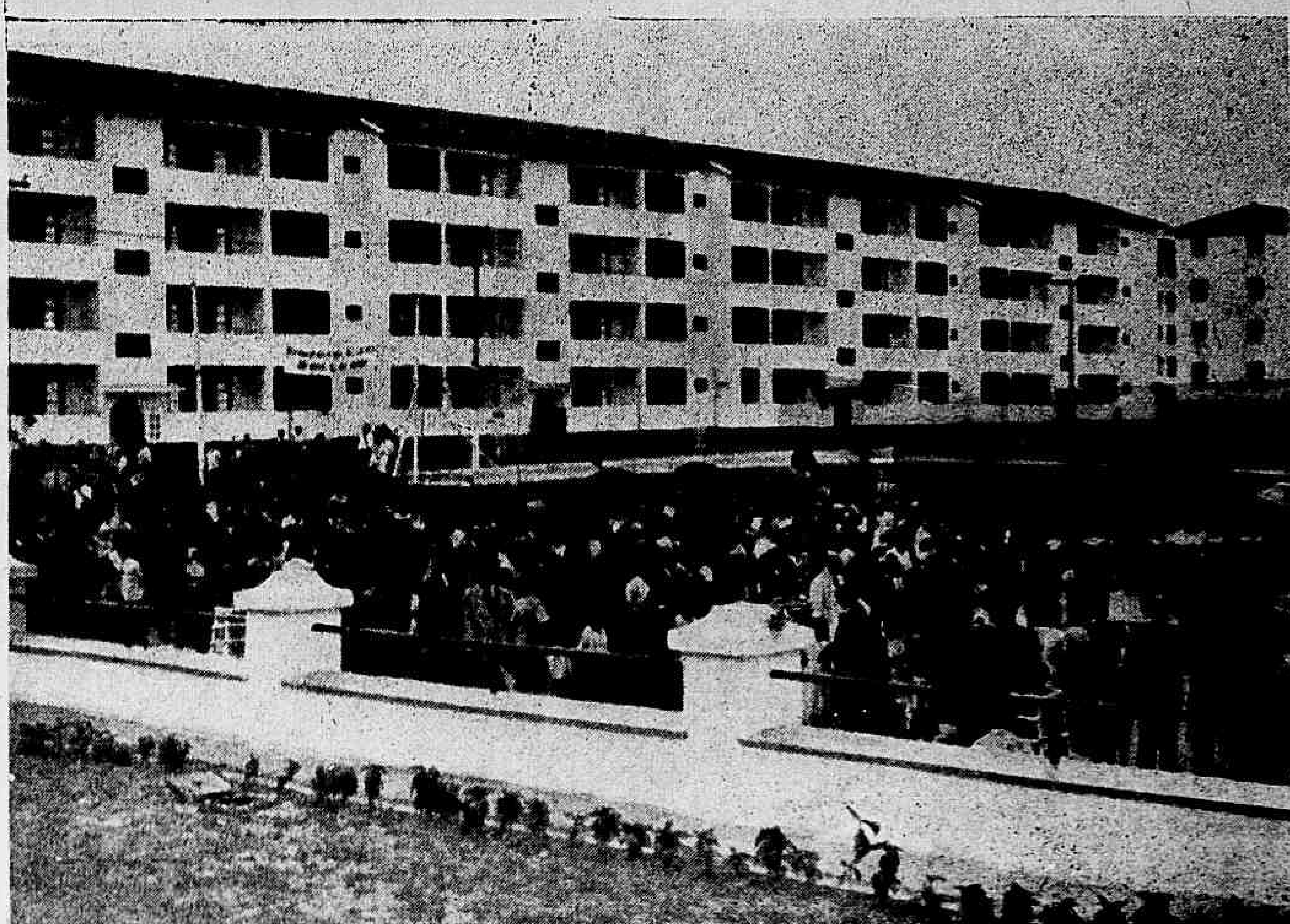
EM 29-10-49, o Exmo. Sr. Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra, em companhia do Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, Prof. Honório Fernandes Monteiro, e de outras altas autoridades, entregou aos associados do Instituto dos Industriários os apartamentos que êsse Instituto, dentro do atual govêrno e sob a presidência do Engenheiro Alim Pedro, construiu no bairro da Penha, para alugar por preços módicos aos trabalhadores da indústria.



INDUSTRIÁRIOS



O PRESIDENTE EURICO DUTRA ENTREGA AOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA MAIS 1.296 APARTAMENTOS, CONSTRUIDOS EM DOIS ANOS PELO INSTITUTO DOS INDUSTRIÁRIOS, SOB A PRESIDÊNCIA DO ENGENHEIRO ALIM PEDRO



AS fotos destas páginas foram tiradas por ocasião da inauguração e mostram, também, aspectos dêsse novo núcleo residencial do I.A.P.I., que possui 1.236 apartamentos, escola com capacidade para 1.200 alunos e ginásio para a prática de esportes; os apartamentos, que têm todos sala, três quartos e demais dependências, já estão alugados aos associados do Instituto, e a população total do Conjunto Residecial da Penha está estimada em 10.000 pessoas.



SOLDADO VELHO DE GUERRA!

Veteranos das lutas do Paraguai, da campanha de Canudos, da Armação, ainda existem aqui no Rio. São os remanescentes de tantas lutas sangrentas mas sempre vitoriosas, inválidos da Pátria, heróis em repouso, homens quase centenários — e mesmo um dêles já com cento e um janeiros — que admiraram Caxias, Floriano, Deodoro, Tamandaré e Barroso, muitos acompanhados de entes queridos. Mas existem onde? Apenas a trinta minutos de ônibus e a menos de um quarto de hora de lancha, ali, na calma e sossegada Ilha do Bom Jesus, em plena Guanabara. Soldados velhos de guerra, cansados, alguns já com a memória traiçoeira não permitindo a evocação precisa dos acontecimentos de que participaram — êles foram esta semana visitados pela nossa reportagem. E as observações, os flagrantes curiosos, os pormenores recolhidos nessa visita serão o motivo de uma reportagem destinada ao número vindouro. Por algumas horas convivemos de perto com êsses lendários soldados, dêles ouvindo as recordações, mesmo imprecisas, apreciando em que conseguem matar o tempo, êles que já "estão sobrando", como alguns chegam a confessar. E naqueles recantos pacíficos não deixa de ser curioso encontrar o homem que serviu de guarda ao Palácio Imperial da Quinta da Boa Vista, quando ali residia D. Pedro II — metido no seu dólman muito limpo, de chinelas bem cuidadas, ouvindo o seu rádio e tecendo comentários aos acontecimentos da hora presente. Êles irão desaparecendo aos poucos. Hoje um, amanhã outro, irão dando entrada na Eternidade — mas por isso mesmo o resultado da nossa reportagem adquire relêvo maior. (Na gravura, um veterano em companhia de uma jovem colegial rendem homenagem ao Pavilhão Nacional.)

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Uma rainha diferente (Levy Kleiman) 4/7
Pausa para meditação (Roberto Ruiz) 10/11
Cadetes da Aeronáutica 16/19
Almôço em Brocoió (João Alvarenga) 20/21
Quartier Latin (A. Maneby) .. 26/31
Alô Rádio-Patrulha! 42-3432 (Vinicius Lima) 32/37

ATUALIDADE

Acerte seu relógio (Renato de Alencar) 3

LITERATURA

Estrêla Cadente (T. Negrais) . 14
Canavial (Jorge W. Hilsdorf) . 24

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista — Personagem da Semana 8
Puxe pelo cérebro 9
Música (Roberto Lyra Fº) ... 25
Tudo isto aconteceu 54/55

CURIOSIDADE

Você pode ser um grande mágico 22

HUMORISMO

Bom-Humor 15
Femme (Nicodemus) 23
Verbo aumentar (Théo) 38
Jardim Público (Rafael) 55

FEMININAS

O uso do perfume (O.B.) 39
Para a praia 42/43
Noites de fim de ano 44
Week-End na Cozinha 45
Chapéus 46
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 47

FOLHETIM

Scarlet 53

FOTOGRAFIAS

Arnaldo Vieira
S. F. I.

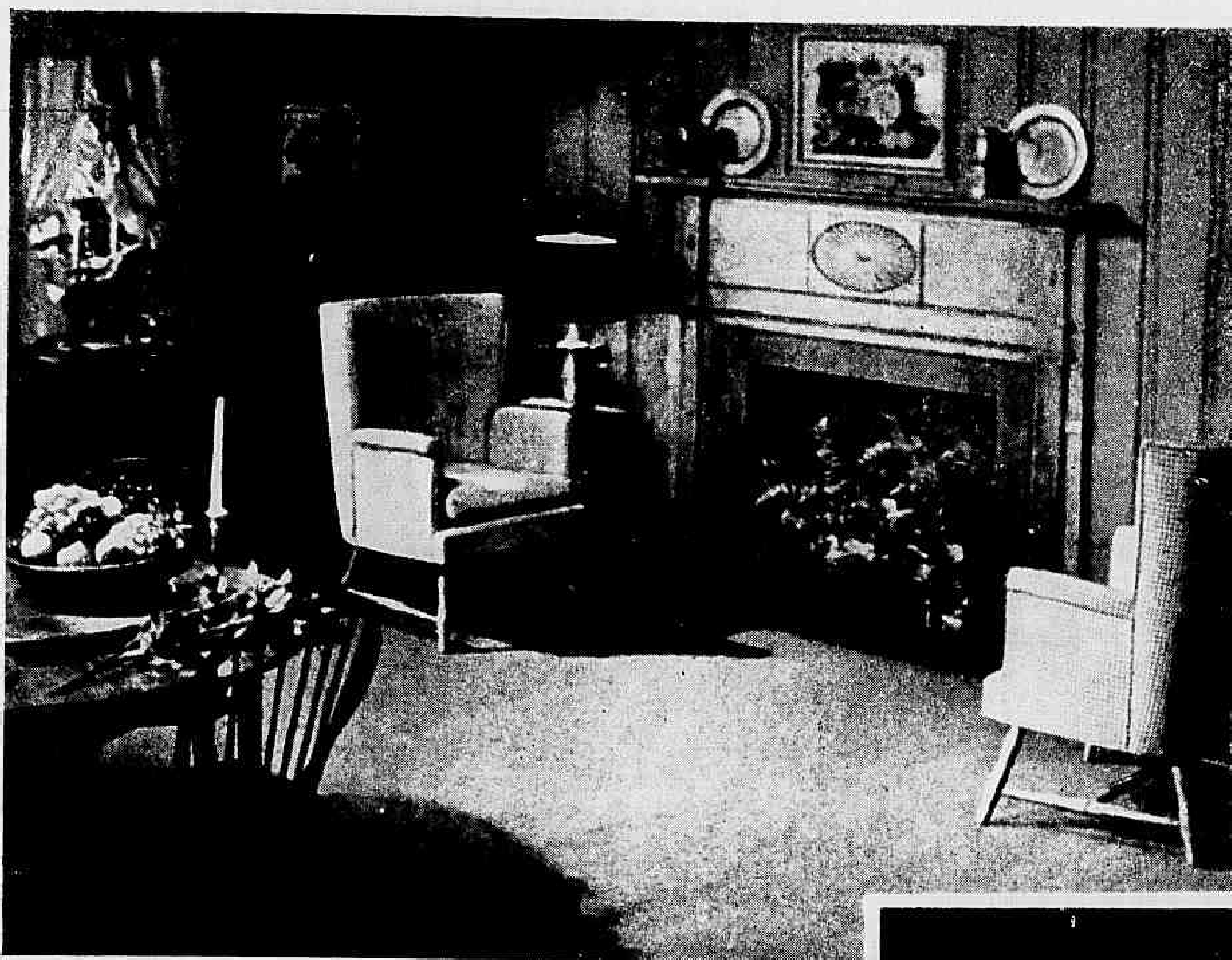
ILUSTRAÇÃO

Armando Pacheco

NA CAPA:
Barbara Stanwyck
(Universal)

RESPOSTA DE "PUXE PELO CÉREBRO"

1 — Otávio.
2 — Aumentado em poder e glória.
3 — Linótipo (com acentuação na sílaba *nó*).
4 — 1867.
5 — Suéco.
6 — Alfredo Nobel.
7 — Transformar metais em ouro.
8 — A pedra filosofal.
9 — Paracelso.
10 — Coster.
11 — Inglaterra (Caxton).
12 — Hungria (1473).
13 — James Watt (1785).
14 — 8 de novembro de 1923 (putsch).
15 — Direito (Pela Universidade de Oxford, Inglaterra).
16 — Leif Ericson (escandinavo).
17 — 1507.
18 — Viajando num trem, ao barbear-se.
19 — Seis.
20 — Do alemão (motivo condutor, orientador).



PASSADEIRAS PARA FORRAÇÃO

de grande efeito decorativo



Especialidade em passadeiras com **flôres,** que acabamos de receber da **Inglaterra**



"STANDARD" — discreta e confortável
Tôdas as larguras até 3m.



"MAYFLOWER" — côres alegres
Tôdas as larguras



"HOLLYWOOD" — desenho aristocrático
Tôdas as larguras

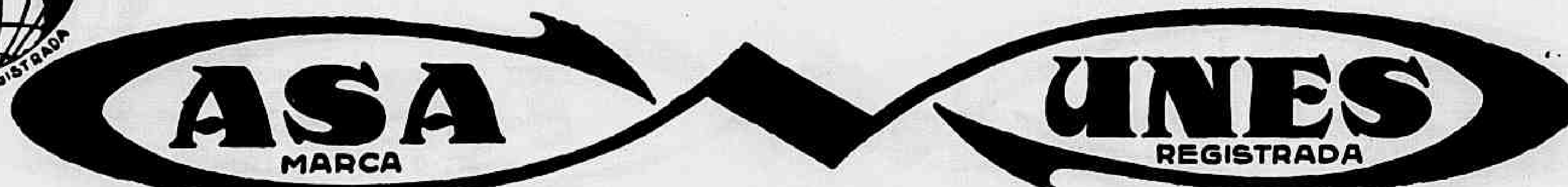
Tapetes de Pelúcia e **tapetes e passadeiras** com **flôres** — da **Inglaterra**

MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES

Orçamentos e sugestões por decoradores especializados

TAPETES e **PASSADEIRAS** de tôdas as partes do mundo, fabricados especialmente para a





65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO



O elegantíssimo Golden Room do Copacabana Palace, com suas magníficas orquestras e shows internacionais é o ponto de reunião preferido pela alta sociedade carioca.

Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

O convívio *dela*... o ambiente agradável de uma *boîte* elegante... e um cigarro Hollywood, são prazeres que se completam. Fumar um Hollywood é algo de repousante — um complemento perfeito das horas de lazer ou de trabalho. Hollywood é uma tradição da sociedade brasileira, por sua suavidade toda especial... e seus fumos escolhidos. Por isso V. simplesmente não pode dispensar Hollywood...



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**